

Amanda Maria Ramos Lopes

**ASSÉDIO NO ESTÁDIO DE FUTEBOL:**  
implicações no lazer das torcedoras

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG

2023

Amanda Maria Ramos Lopes

## **ASSÉDIO NO ESTÁDIO DE FUTEBOL:**

implicações no lazer das torcedoras

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: Identidade, Sociabilidade e Práticas de Lazer

Orientadora: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marina de Mattos Dantas

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – UFMG

2023

L864a Lopes, Amanda Maria Ramos  
2023 Assédio no estádio de futebol: implicações no lazer das torcedoras. [manuscrito] /  
Amanda Maria Ramos Lopes – 2023.  
109 f.: il.

Orientador: Silvio Ricardo da Silva  
Coorientadora: Marina de Mattos Dantas

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de  
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 92-99

1. Futebol – Torcedores – Teses. 2. Estádios – Teses. 3. Mulheres – Teses. 4.  
Assédio – Teses. 5. Lazer – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da. II. Dantas, Marina de  
Mattos. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física,  
Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da  
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
 ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

### ATA DA 194ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

#### AMANDA MARIA RAMOS LOPES

Às 14h00min do dia 24 de novembro de 2023, reuniu-se no Miniauditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFETO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "ASSÉDIO NO ESTÁDIO DE FUTEBOL: IMPLICAÇÕES NO LAZER DAS TORCEDORAS", requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)	X	
Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (Coorientadora)	X	
Profa. Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimieiro (UFMG)	X	
Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos (UFOP)	X	

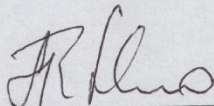
Após as indicações a candidata foi considerada:

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a

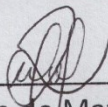
reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 24 de novembro de 2023.

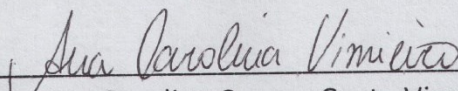
Assinatura dos membros da banca examinadora:



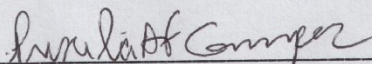
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (Orientador)



Profa. Dra. Marina de Mattos Dantas (Coorientadora)



Profa. Dra. Ana Carolina Soares Costa Vimieiro (UFMG)



Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos (UFOP)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus por me guiar, me acalmar e proteger durante essa caminhada.

Aos meus pais Paulo Marcos e Ivana, as pessoas mais importantes da minha vida, pelo apoio incondicional, pelos incentivos em todas as minhas decisões e por acreditarem no meu potencial muito mais do que eu mesma. A eles também agradeço por terem feito o possível e o impossível em prol da minha educação, por todo aprendizado dentro e fora de casa, estudando em bons colégios, crescendo ao lado de livros e fazendo dos conhecimentos gerais uma brincadeira de criança. Tenho ciência que crescer assim foi fundamental para toda minha trajetória acadêmica e capital cultural adquirido ao longo dos anos. A eles também agradeço pelas possibilidades de sempre poder recomeçar, pela oportunidade de conhecer o mundo o que me deu esse gostinho insaciável de nunca me acomodar. Em especial, agradeço ao papai, meu xodó, por ter me apresentado essa loucura que se chama futebol, e junto dele veio a nossa paixão, o Clube Atlético Mineiro.

Agradeço também a minha irmã Ana Luísa, pelo convívio diário e a paciência por todas as noites barulhentas escrevendo regadas a muita música e cerveja. Ao meu irmão Alexandre, essencial na minha carreira profissional e companheiro de Galo.

Aos meus cinco avós, João (*in memorian*), Paulo (*in memorian*), Ivone, Anita (*in memorian*), e Gilda (*in memorian*). Cada um do seu jeitinho, contribuiu de forma única na minha formação. Especialmente a minha confidente de infância, vovó Gilda (*in memorian*), que desperdiçava sua energia se preocupando comigo e com minha vida agitada.

A minha segunda mãe, tia Adriana. Minha certeza de que existe um porto seguro fora de casa. Por ser um exemplo de ser humano altruísta e por falar as palavras certas nos momentos certos, sendo uma força durante essa caminhada. Agradeço também a Ana Clara, minha prima-irmã, companheira de vida, a Tetê e ao tio Pepê pelo apoio e por completarem meu segundo núcleo familiar.

Ao “meu pai acadêmico”, meu querido orientador Silvio, por muito além da orientação. Pela semelhança, a amizade, os conselhos, a confiança e por sempre me provocar a dar o meu melhor. Junto a ele, agradeço à Marina, por todas as

sessões de terapia junto da coorientação. A sua proximidade foi um presente para mim e me trouxe, além do conhecimento, aprendizados eternos.

Ao Victor e a Gabi, meus amigos mais antigos, pela fraternidade e amizade nos tropeços e nas vitórias, pela compreensão de sempre e por aceitarem o desafio de levar a vida comigo, rindo à toa e comemorando cada passinho. Às minhas amigas do Magnum, companheiras desde o colégio e presentes até hoje compartilhando todas as fases da vida juntas. Contar com vocês não tem preço.

Ao Rodrigo e a Dani, pela amizade, pelos desabafos e, principalmente, por participarem dessa jornada de forma ativa comigo. Aos meus colegas da UFMG, o grupo OCTDP e a Raquel, minha irmã do handebol, por serem meus aliados e amigos nessa universidade que tem lugar no meu coração.

Aos meus colegas do GEFuT que desde o início me acolheram de forma leve, compartilhando risadas, futebol e trabalho. Apesar de não conseguir ser tão presente como gostaria, sempre me receberam de braços abertos e com todo o carinho possível. Destaco a Renata, minha parceira da coluna “Mulheres em Campo”, no Programa Óbvio Ululante, agradeço a conexão e amizade ao longo desses dois anos de encontros mensais.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, principalmente ao Danilo, meu contato telefônico mais procurado nesses dois anos, exemplo de profissional e de pessoa, sempre disposto a ajudar e facilitar os processos. Sem ele, nada seria possível. À Silvana Goellner e ao professor Helder pelo parecer na qualificação e por todos os retornos essenciais para os aprimoramentos necessários neste trabalho.

Agradeço à banca pela disponibilidade, interesse e por todas as contribuições com minha pesquisa.

À professora Silvana Seabra do curso de Jornalismo na PUC-MG, apesar de recente, teve contribuições fundamentais na minha preparação e me deu confiança para essa reta final de mestrado. Aos meus colegas de trabalho, tanto do Colégio Santo Agostinho, quanto do Minas Tênis Clube, por se tornarem amigos durante esses anos. Com destaque para o meu “chefe”, Gustavo, pela compreensão com as exigências do mestrado e por me incentivar a continuar e concluir minha pesquisa.

À UFMG, universidade que me acolheu desde 2015 e, durante esse tempo, me trouxe amadurecimento e humanidade, trabalhando em prol de uma sociedade mais justa e levando um ensino superior de qualidade gratuitamente. Neste lugar em

que tanto me identifico, só tenho a agradecer pelo acolhimento e pelas memórias inesquecíveis. Certamente, os aprendizados aqui serão levados para a minha vida inteira.

Por fim, agradeço a todas as torcedoras de futebol, que, assim como eu, enfrentam os desafios de expressar o seu “torcer” diariamente. Especialmente às participantes da pesquisa que contribuíram para a execução deste trabalho.



“E vou viver as coisas novas  
Que também são boas  
O amor, humor das praças  
Cheias de pessoas  
Agora eu quero tudo  
Tudo outra vez”  
(Belchior)

## RESUMO

Como o esporte mais popular do Brasil, o futebol impacta a vida de milhares de pessoas. Ele é uma parte crucial da cultura brasileira, por isso, deixa transparecer questões presentes na sociedade, como a desigualdade de gênero. Pela minha experiência como torcedora de futebol que vive a realidade do estádio em dias de jogos, as diferenciações de gênero sempre foram um incômodo que, com o tempo, se desdobrou em estudos acadêmicos. Pensando nisso, apresento essa pesquisa que traz como perspectiva a violência de gênero no estádio de futebol, especificamente o assédio. Destaco que ainda são escassas as pesquisas que relacionam essa violência com as torcedoras que frequentam o estádio, e, portanto, este estudo teve como objetivo investigar e analisar o assédio às mulheres nos jogos de futebol no estádio Mineirão e qual o seu impacto no lazer destas. Detalhadamente, o estudo buscou averiguar como o espaço do estádio se relaciona com os assédios e quais medidas foram tomadas pelas vítimas. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa, a pesquisa foi um estudo de campo com dois instrumentos de coleta: questionários e entrevista. Foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas a 151 torcedoras para traçar um perfil socioeconômico da amostra, compreender a sua relação com o futebol e saber se elas já sofreram assédio no Mineirão. No total, 46 confirmaram terem sido violentadas nessas condições. Dentre elas, 12 concordaram em participar de entrevistas semiestruturadas para aprofundar a questão. Por meio de categorizações e das transcrições das entrevistas, foi evidenciado que o assédio de fato acontece no Mineirão, principalmente nos bares, espaço cujo o intuito de socializar sobressai ao de assistir à partida. A violência de gênero atinge mulheres tanto acompanhadas quanto sozinhas e acontece em todos os setores do estádio. Também foi visto que a mulher, quando assediada, não costuma reagir após a violência, pois, para ela, pouco efeito surtiria, entendendo que esta ocorrência é característica dos estádios, mais afeitos aos homens do que a elas. Dentre as diversas manifestações de assédio, o sexual foi o mais recorrente no Mineirão e observou-se que as mulheres tendem a associar assédio como apenas sexual, ignorando as demais manifestações. Diante disso, indago se o estádio de futebol é um espaço democrático, visto que se relaciona de forma diferente com os públicos. Ainda que nesse contexto, as torcedoras em geral não deixem de ir ao estádio, para se sentirem seguras, elas buscam estratégias, como não usarem roupas curtas, não andarem sozinhas, entre outras. Com isso, conclui-se que o estádio ainda é um ambiente hostil para as mulheres. Mesmo elas resistindo, a lógica machista de que aquele lugar não as pertence perpetua e se renova. O consenso de que há uma ineficiência jurídica, uma falta de suporte e impunidade são fatores que dificultam a vivência das torcedoras e favorecem a naturalização do assédio no estádio.

**Palavras-chave:** Futebol. Assédio. Torcedora. Mulher. Gênero.

## ABSTRACT

As the most popular sport in Brazil, football impacts the lives of thousands of people. It is a crucial part of Brazilian culture, but it highlights issues that exist in society, such as gender inequality. From my experience as a football fan who has experienced the reality of a stadium on match days, it always bothered me the differences between men and women, because of that, over time, it instigated me academically. Therefore, the research discusses gender-based violence within the football stadium, specifically harassment, which is a recurrent violence. Although many studies have the stadium or harassment as their subject, there are still few studies that relate harassment to football fans in the stadium. They, who goes looking for a pleasurable leisure experience. So, the research aimed to investigate and analyze the harassment of women in football games at the Mineirão stadium and how it impacts their lives. In detail, the study wanted to find out what measures were taken by the victim and understand how the stadium relates to harassment. With a qualitative-quantitative approach, the research was a field study which used two instruments: questionnaires and interviews. The questionnaires had open and closed questions, and were applied to 151 women. It aimed to outline a profile of the volunteers, understand their relationship with football and find out whether they had ever suffered harassment at Mineirão, which was 46 of 151. Moreover, 12 women agreed to participate in semi-structured interviews to tell more about the harassment. Using categorizations and interview transcriptions, it was evidenced that harassment truly happens in Mineirão, especially in the bars. Harassment happens to women with a company or not, and it does not depend on which sector where she goes. It was also found that women, when harassed, usually do “nothing” after the violence. For her, no reaction would have any effect because this is the reality in the stadium, which discusses how where you are can have a greater sense of belonging for men than women. Among the various manifestations of harassment, sexual was the most recurrent in Mineirão and it was observed that women tend to associate harassment as only sexual, ignoring other manifestations. As a result, it is questioned if the football stadium is a democratic space, thinking that it relates differently to the each public. Even in this context, women do not stop going to the stadium. To feel safe, they seek strategies, not always effective, such as avoiding wearing short clothes, not walking alone, among others. With this, it can be concluded that the stadium is still a hostile environment for women. Even though they still resist, the sexist logic that that place does not belong to them perpetuates. Legal inefficiency, lack of support and impunity are factors that make it more difficult for fans to have that experience and it encourages the naturalization of harassment in the stadium.

**Keywords:** Football. Harassment. Football fan. Women. Gender.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> — Campanha nas arquibancadas do Mineirão .....	21
<b>Figura 2</b> — “Galo Doido”, mascote do Clube Atlético Mineiro.....	40
<b>Figura 3</b> — Torcedoras durante uma partida entre Botafogo e São Christóvão.....	41

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>Gráfico 1</b> — Região de BH onde mora.....	28
<b>Gráfico 2</b> — Renda familiar mensal.....	28
<b>Tabela 1</b> — Para qual time torce.....	29
<b>Gráfico 3</b> — Região de BH onde mora (assedeadas).....	30
<b>Tabela 2</b> — Acompanhantes.....	43
<b>Gráfico 4</b> — Você já presenciou algum caso de assédio em dias de jogos?.....	51
<b>Gráfico 5</b> — Você já foi vítima de assédio no estádio Mineirão em dias de jogos?..	51
<b>Tabela 3</b> — O que você entende por “assédio”? .....	54
<b>Gráfico 6</b> — Manifestações de Assédio.....	56
<b>Tabela 4</b> — Espaço onde o assédio aconteceu (questionário) .....	65
<b>Tabela 5</b> — Espaço onde o assédio ocorreu (entrevistas) .....	66
<b>Gráfico 7</b> — Qual setor do estádio o assédio ocorreu?.....	70
<b>Tabela 6</b> — Assédio – Setores Atlético e Cruzeiro .....	71
<b>Tabela 7</b> — Reações após o assédio .....	78
<b>Gráfico 8</b> — Torcedora deixou de ir ao estádio.....	83

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

COEP – Comitê de Ética em Pesquisa

EEFFTO - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional de Futebol)

GEFuT – Grupo de Estudos em Futebol e Torcidas

PIB - Produto Interno Bruto

PPEGIEL– Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do lazer

PUC-MG– Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1 BIG BANG .....	13
<b>2. FUTEBOL, RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIAS NOS ESTÁDIOS .....</b>	<b>33</b>
2.1 A CULTURA ESPELHADA NO FUTEBOL .....	33
2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL .....	36
2.3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO FUTEBOL E O ASSÉDIO.....	47
<b>3. AS MULHERES ASSEDIADAS NO ESTÁDIO.....</b>	<b>58</b>
3.1 O ESTÁDIO DE FUTEBOL É DEMOCRÁTICO? .....	58
3.2 O ASSÉDIO NA LUPA.....	64
3.3 FUI ASSEDIADA, E AGORA?.....	77
3.4 ESTRATÉGIAS PARA SE SENTIR SEGURA.....	82
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS .....	101
APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	105
APÊNDICE C - TERMOS DE CONSENTIMENTO.....	106
Termo - Questionário .....	106
Termo - Entrevista.....	107
Termo - Gravação da Entrevista .....	109

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 BIG BANG

O futebol é o esporte mais popular do Brasil e, como tal, adere admiradores e entusiastas por todo o país, impactando a vida de milhões de brasileiros todos os dias. Esse efeito compõe a cultura de todo o território e se fortalece com o passar das gerações, o que transparece em diversas expressões cotidianas. Tal como ao observar que sempre há uma partida de futebol sendo televisionada nos bares e demais estabelecimentos comerciais das cidades brasileiras, ao ler um jornal pela manhã cuja manchete é sobre o jogo da noite passada, ao ligar a televisão para assistir qualquer programa esportivo e se deparar com as principais notícias serem sobre futebol, ou até mesmo a partir do simples ato de entregar uma bola para qualquer criança brasileira e vê-la reagir chutando-a e gritando “gol”.

Como bem definido por Bandeira (2019), o futebol é um espetáculo que envolve ao menos quatro tipos de agentes: os profissionais, os dirigentes, os mediadores especializados e os torcedores<sup>1</sup>. É sobre o último que essa dissertação se ampara. Manifestar interesse por essa modalidade esportiva geralmente acarreta torcer por um time, ação que envolve sentimentos subjetivos e variadas práticas afetivas em prol de um clube profissional de futebol. Dentre elas, pode se considerar ir assistir a uma partida no estádio junto a tantos outros torcedores, em uma época em que é possível assistir a mesma partida com maior visibilidade, conforto e acesso aos detalhes pela televisão ou por outros aparelhos eletrônicos.

Como expressão cultural, o futebol então é retratado como um fenômeno que vai muito além do desempenho esportivo de um determinado time, afinal, toda sua importância faz trazer à tona questões sociais presentes na sociedade como um todo. Ele expõe a complexidade que é unir diferentes pessoas, com diferentes histórias de vida e formas de pensar, mas que possuem um objetivo comum: a vitória de seu time, relação que proporciona experiências únicas e prazerosas. Por outro lado, ele também produz e reproduz preceitos problemáticos e excludentes na

---

<sup>1</sup> Sendo que, para o autor, os profissionais são os jogadores, treinadores e demais integrantes das equipes técnicas; os dirigentes se referem àqueles filiados aos clubes ou às federações e os mediadores especializados englobam os produtores das narrativas futebolísticas, principalmente midiáticas, com jornalistas e influenciadores.



sociedade direcionados a grupos específicos, questionando o pertencimento daqueles indivíduos no espaço do futebol. Dentre essas questões, está o racismo, que, mesmo com medidas punitivas e educativas, persiste no contexto futebolístico de forma recorrente. Tal qual o machismo e a lgbtfobia<sup>2</sup>, geralmente ocasionados devido a histórica associação da modalidade com uma masculinidade supostamente ideal, viril, o que “acaba reiterando a velha lógica de que a mulher não pertence àquele ambiente, bem como promove falas homofóbicas” (Pessanha, 2020, p. 68) nos cânticos e nas ofensas provocadas por muitas torcidas. Portanto, essa pesquisa trata a questão de gênero no futebol no âmbito dos torcedores como tema geral, mais especificamente, discute o assédio a torcedoras mulheres no estádio do Mineirão.

Assim como tantas famílias brasileiras, a minha família, especificamente a paterna, tem no futebol um dos eixos principais de união e de afeto. A paixão pelo Clube Atlético Mineiro se tornou uma “doença”, como muitos torcedores gostam de dizer, uma espécie de fanatismo, que ultrapassa o racional, exemplificando o sentimento subjetivo provocado pela experiência de torcer. Com isso, o dia de jogo do Galo<sup>3</sup> é considerado quase como um dia santo<sup>4</sup>, onde não são marcados compromissos e geralmente servem como justificativa para um tradicional encontro familiar. Melhor ainda se houver uma partida no dia do aniversário de alguém, o que possibilita a união das festas. Aliás, nem sempre é melhor, afinal, em caso de derrota do Atlético, a comemoração se encerra logo após a partida, caso não encerre, ao menos perde a graça.

Apesar de todos serem torcedores, respeitarem e compartilharem da mesma paixão, fazer parte do grupo de torcedores de fato, isto é, daqueles que são reconhecidos como tais perante os demais familiares (os que assistem aos jogos, frequentam estádios e possuem o velado direito de fazerem os comentários que bem entenderem), sempre foram os homens. Mesmo os mais novos, desde crianças, os meninos já possuíam um espaço reservado junto aos outros homens da família, até

---

<sup>2</sup> Para Cardin; Martins; Rissato (2019), o termo lgbtfobia se refere a discriminação sexual e de gênero, incluindo pessoas que se identificam com o gênero diferente do que lhe foi imposto ao nascer (transexuais ou não binários, por exemplo) e pessoas que vivenciam uma orientação sexual diferente da heterossexualidade.

<sup>3</sup> “Galo” é a mascote e o apelido carinhoso utilizado pelos torcedores do Clube Atlético Mineiro para se referir ao time.

<sup>4</sup> Levando em consideração que a minha família paterna segue a religião da Igreja Católica e celebra seus dias santos.

que eu, menina, resolvi ingressar aos poucos nesse espaço exercendo as funções antes reconhecidas como exclusivas do grupo masculino.

De forma detalhada, eu sou torcedora do Atlético e sou presença confirmada na maioria de suas partidas em Belo Horizonte. O meu interesse pelo futebol iniciou quando criança, dentro dessa família que gostava de misturar álcool, música e, principalmente, futebol, motivo no qual nos reuníamos aos domingos na casa do meu avô paterno para assistir aos jogos do Galo. Apesar da união familiar, no horário da partida, as mulheres e demais crianças saíam e se dirigiam para cozinha a fim de preparar um petisco para os homens espectadores do jogo ou conversavam na sala de estar ou, ainda, caso já tivessem realizado as duas opções, passavam o tempo na parte externa da casa simplesmente esperando o encerramento da partida. Tudo isso enquanto os homens ocupavam os sofás, enchiam seus copos de cerveja e começavam a gritar (e xingar) com a televisão antes mesmo da partida começar.

Nesse espaço, mesmo que muito nova, já entendia as relações de gênero explícitas no horário do futebol, até porque, as mulheres só entravam no cômodo onde passava o jogo na televisão para servir os petiscos que tivessem preparado ou esporadicamente, apareciam para comemorarem juntos nos momentos dos gols. Isso quando não surgiam equivocadamente achando que tinha sido gol do Atlético, quando, na verdade, era um gol da equipe adversária. Nesses casos, elas saíam correndo, fingindo que nem tinham aparecido.

Inicialmente, eu também me distanciava junto às outras mulheres e crianças, seja para brincar com as primas ou até mesmo por um pouquinho de medo de toda aquela gritaria e do comportamento agressivo que meus tios, primos e meu pai exerciam na hora do futebol. Inclusive, me lembro bem de, durante a infância, associar toda aquela movimentação a um possível “terremoto”.

Ainda assim, para mim, que sempre fui inconvenientemente curiosa, era impossível respeitar as limitações impostas e simplesmente abandonar aquele espaço sem saber o que estava acontecendo ali. Além disso, a minha relação diferenciada e muito próxima com meu pai, como a caçula de cinco filhos<sup>5</sup>, permitia que eu me deitasse em seu colo enquanto todos assistiam aos jogos de futebol. Por isso, pouco a pouco, a minha presença foi se tornando habitual e eu já não queria

---

<sup>5</sup> Os três mais velhos do gênero masculino e as duas últimas do gênero feminino.

mais me distanciar com as demais mulheres. Ainda criança, fui me sentindo cada vez mais segura e à vontade naquele espaço, já conhecia alguns jogadores e estava aprendendo mais sobre a modalidade, mesmo que não pudesse expressar nenhuma opinião em voz alta, com receio de julgamentos ou de reações negativas dos meus familiares masculinos, que de fato aconteceriam.

Hoje, mais de 20 anos depois, mesmo após a morte dos meus avós e o abandono daquela casa específica onde costumávamos nos reunir, tenho o *meu* lugar de assistir aos jogos que, por incrível que pareça, é o meu lugar reservado e respeitado por todos os membros da família. Ainda sinto a presença de poucos julgamentos e confesso que evito fazer comentários no grupo de *Whatsapp* que eu e meus familiares, meninos e homens, compartilhamos cujo assunto exclusivo é o Atlético<sup>6</sup>. Porém, nitidamente, aconteceu uma mudança na cultura familiar a partir do meu envolvimento.

A minha experiência no estádio também foi possibilitada pelo meu pai, apesar de bem diferente da experiência de meus irmãos homens, cuja diferença de idade entre nós ultrapassa os 20 anos. Cresci ouvindo as histórias da época em que papai tinha cadeira cativa no estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, onde levava os filhos, os irmãos, os sobrinhos e quem mais quisesse o acompanhar. Já comigo, ressalto: a caçula dos cinco filhos, a primeira vez que me lembro de ter pisado no Mineirão foi em 2007, já com 10 anos, para assistir a um jogo considerado tranquilo<sup>7</sup> referente ao campeonato mineiro entre Atlético-MG e Villa Nova-MG.

Essa experiência foi marcante porque a partida era totalmente diferente do que estava acostumada a ver na televisão. Lembro-me de ficar chocada com a imensidão do estádio e com a quantidade de pessoas, mesmo que não estivesse tão cheio. Fomos a família inteira, meus pais, irmãos, primos (mulheres e homens), tios e outros parentes. Além disso, não me esqueço que ao meu lado estava um torcedor do Atlético que xingava mais palavrões do que eu jamais teria ouvido na vida. Naquele momento, minha irmã, com então 12 anos de idade, disse no meu ouvido: “Fica tranquila, estádio de futebol é assim mesmo”, ainda que aquela também fosse a primeira vez dela no Mineirão. Frase esta que ficou na minha memória e corresponde às pedagogias de um estádio de futebol descritas por Bandeira (2019),

---

<sup>6</sup> Onde eu sou a única mulher presente.

<sup>7</sup> Suposição dos meus pais tendo em vista a grande diferença técnica entre as equipes, com menor rivalidade e, conseqüentemente, com menor público e menor risco de conflito entre torcedores.

como as possibilidades de aprendizado ao gritar, o que gritar, quando se calar, como é esperado se sentir, além de compor um espaço de pedagogias culturais, como de gênero e sexualidade. De acordo com o autor, essas pedagogias de arquibancadas exaltam o padrão heteronormativo masculino e exigem que os presentes tentem se enquadrar neste padrão.

Com o passar do tempo, a minha paixão pelo futebol e pelo meu time cresceram de forma exponencial. Passei a abandonar meu pai, meus familiares, os namorados, os amigos, as festas, tudo para ir ao estádio assistir a uma partida do Atlético. Aquele passou a ser o meu lugar preferido para extravasar, socializar e expressar todo o meu torcer, seja cantando as músicas, observando o jogo de forma criteriosa, conhecendo novas pessoas, reagindo aos lances e desejando constantemente mais uma vitória do meu time. Estar dentro do estádio durante um jogo do meu time era o meu lazer favorito.

Porém, junto a essas paixões, algumas inquietações diante daquele lugar vieram à tona, ao passo que me incentivaram a ingressar na trajetória acadêmica - desde a escolha do curso de graduação até chegar ao ponto de me tornar pesquisadora na Universidade Federal de Minas Gerais - estudando as relações de gênero dentro do estádio de futebol, espaço este que estou sempre presente com ou sem companhia há pelo menos 10 anos. Neste lugar, vivencio o ambiente e me sinto totalmente inserida dentro do contexto da modalidade. Apesar disso, encontro dificuldades e tensões durante os jogos em decorrência de a sociedade ser machista e o ambiente futebolístico coibir o público feminino por meio de todo o padrão masculino idealizado historicamente nesse contexto. Essa situação me causa constrangimento, insegurança e me deixa reprimida ao expressar minhas opiniões, limitando a minha forma de torcer, principalmente dentro do estádio. A sensação descrita corrobora com as considerações de Pessanha (2020), ao afirmar que a masculinidade exacerbada dos estádios de futebol afeta diretamente a vivência das torcedoras que frequentam um ambiente considerado por tantos como eminentemente masculino. Ou seja, ainda que eu esteja presente em quase todos os jogos por opção, essas questões são barreiras na minha experiência de torcer, fazendo com que eu me sinta constantemente “fora do lugar”, ou “pisando em ovos”, tendo que me adaptar para que eu ser aceita ali.

Durante a graduação em Educação Física, também na UFMG, pude vislumbrar dois “futebóis” como objetos de pesquisa. Se por um lado, muito se

pensava no âmbito do treinamento, com o estudo da técnica, da tática e com o aperfeiçoamento das ferramentas de análises de desempenho; por outro lado, conheci o GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas), grupo que trabalha com o futebol como lazer nas perspectivas das Ciências Humanas. Neste grupo, encontrei temáticas que instigaram a minha inquietude e nelas pude desenvolver projetos, como a minha monografia de conclusão de curso apresentada e aprovada em 2019, acerca das relações das torcedoras do Clube Atlético Mineiro com a Arena Independência<sup>8</sup>. A experiência desta pesquisa foi extremamente prazerosa e considero ter sido o ápice do meu percurso de graduação, o que me deu todo o entusiasmo e motivação para seguir pesquisando e, assim, ingressar no PPEGIEL (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer) com o mestrado em 2021.

Sabendo que tenho habilidades notórias na área da comunicação e do meu interesse pelo lado social e humano do futebol, já percebia que talvez o curso de graduação em Educação Física fosse insuficiente para minhas aspirações profissionais. Nesse sentido, busquei também uma segunda graduação, dessa vez em Comunicação Social - Jornalismo (que está em andamento até o presente momento pela PUC-MG), curso no qual me identifiquei totalmente e pude unificar os aprendizados e as pesquisas adquiridos ao longo da trajetória acadêmica.

Sob essa perspectiva, como pesquisadora social, compreendo que a violência de gênero existe no cotidiano. Mais especificamente se tratando dos casos de assédio, eles sempre fizeram parte da vida privada e pública das mulheres cis e trans. Ainda que nem sempre como vítimas, mas todas conhecem alguém próximo que já foi assediada, porque, de fato, essa violência remonta a história das sociedades. O assédio ocorre nas ruas, no transporte público, no trabalho - espaço que centraliza a maior parte dos estudos encontrados sobre o tema -, no ambiente doméstico privado e também nos espaços públicos.

No que se refere ao estádio de futebol, outras pesquisas extremamente importantes para a realização desta, já abordaram a temática do assédio, ainda que sem este como assunto principal. Dentre elas, por exemplo, há a pesquisa de Fernando Ferreira (2017) que analisa as territorialidades torcedoras no estádio do

---

<sup>8</sup> A Arena Independência é um estádio localizado na região leste de Belo Horizonte, pertencente ao América Futebol Clube de Minas Gerais e é um outro local onde tanto o Clube Atlético Mineiro e o Cruzeiro Esporte Clube levam suas partidas como mandantes ocasionalmente.

Maracanã e com isso, tangencia a presença do assédio contra mulheres naquele espaço expondo que a recorrência dessa prática compõe o espaço do estádio. Bandeira e Seffner (2018) também abordam a violência de gênero neste ambiente em seu estudo, apesar de não tratarem do assédio especificamente. Ao analisarem discursos proferidos por torcedores homens a respeito da presença das mulheres nas arquibancadas (e no desempenho de outros papéis relevantes para a modalidade), os autores se depararam com abordagens machistas, misóginas e sexualizadas direcionadas ao público feminino presente no estádio.

Pensando conceitualmente, segundo o dicionário Ferreira (1975), assédio pode ser definido como uma insistência inoportuna junto a alguém, com perguntas, propostas e pretensões, dentre outros sintomas. O verbo 'assediar', por sua vez, significa "perseguir com insistência, que é o mesmo que molestar, perturbar, aborrecer, incomodar e importunar" (Ferreira, 1975, p. 147).

Conforme Freitas (2001), desde o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, cresceu também a sua exposição ao risco. Esse raciocínio se aplica aos espaços públicos como os estádios, ainda mais diante das masculinidades que são enaltecidas nesse ambiente e que favorecem a violência de gênero. Então, como pesquisadora e entusiasta pela temática, utilizo da minha insatisfação diante dos casos de assédio a torcedoras nos estádios de futebol, em um momento que deveria ser dedicado ao prazer e/ou divertimento de mulheres, que, assim como eu, são torcedoras, como foco de estudo acadêmico.

Nesse contexto, o estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, recebeu um número significativo de denúncias entre os meses de setembro e novembro de 2021, logo após a retomada dos públicos nos estádios devido à paralisação em decorrência da pandemia da Covid-19<sup>9</sup>. Isso fez com que os responsáveis pelo estádio percebessem a necessidade de agir e criassem uma campanha<sup>10</sup> específica para combater a violência de gênero, principalmente após a divulgação de alguns

---

<sup>9</sup> Dentre as medidas de distanciamento social determinadas pelo poder público para garantir a segurança no período da pandemia da Covid-19, estava a paralisação do futebol seguida de sua retomada, porém inicialmente sem a presença do público.

<sup>10</sup> "Todos contra a importunação sexual": Campanha lançada em 18/11/2021 pelo Mineirão em conjunto com a Federação Mineira de Futebol e os principais clubes da capital, como apontado pelo jornal Super Esportes de Minas Gerais. Disponível em: [https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2021/11/18/noticia\\_interior,3948269/mineirao-e-clubes-lancam-acao-contra-importunacao-sexual-no-estadio.shtml](https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2021/11/18/noticia_interior,3948269/mineirao-e-clubes-lancam-acao-contra-importunacao-sexual-no-estadio.shtml) Acesso em 12 dez. 2022.

casos na mídia mineira. A campanha inclusive disponibilizou um canal de denúncias para as vítimas, como pode ser visto na Figura 1.

Ressalta-se que essa campanha direcionava especificamente ao crime de importunação sexual que, diferentemente do assédio, se trata de “praticar contra alguém e sem a sua anuência ato libidinoso com o objetivo de satisfazer a própria lascívia ou a de terceiro” (BRASIL, 2018). Crime este previsto na Lei 13.718/2018<sup>11</sup>, artigo 215-A, cuja pena varia entre 1 e 5 anos. Já o assédio apresenta um conceito mais amplo e engloba diferentes manifestações, dentre elas o assédio sexual que também configura um crime tipificado pela primeira vez na legislação nacional em 2001, na Lei 10.224/2001<sup>12</sup>, no artigo 216-A, com pena variável de um a dois anos. Portanto, ambos os crimes possuem teor sexual, ainda que, no caso do assédio, existam outras exposições também violentas não criminalizadas para a Legislação Brasileira.

Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função (Brasil, 2001).

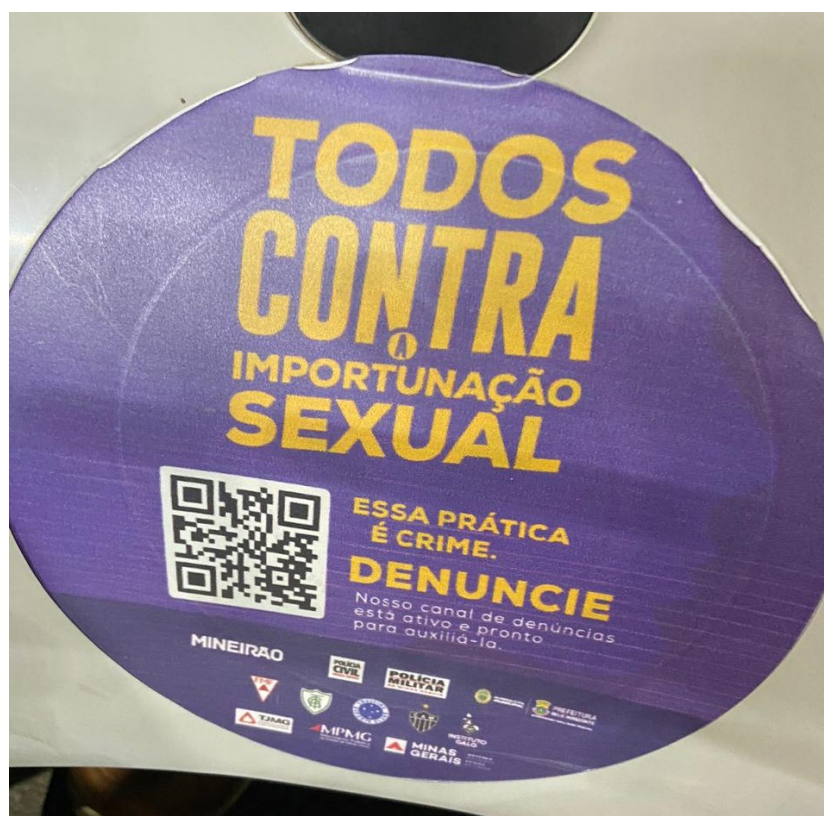
Embora na área jurídica o assédio sexual seja compreendido como uma ocorrência exclusiva ao ambiente de trabalho, entendo o conceito a partir de um olhar das ciências humanas, onde a condição de superioridade também pode ser entendida dentro do âmbito cultural. Nesse sentido, o conceito encontrado na legislação brasileira seria aplicado em uma circunstância onde culturalmente um determinado grupo social apresenta vantagens sobre outro, geralmente decorrentes de uma relação de poder. Sendo assim, é possível enxergar o assédio em outros ambientes, fora do trabalho formal, desde que haja interação entre grupos sociais com condições desiguais de vivenciar determinada prática, como entre homens e mulheres por meio da desigualdade de gênero. Além disso, a amplitude do conceito geral de assédio traz vantagens ao apresentar várias manifestações contribuindo com a minha opção para este estudo, e proporcionando a possibilidade de perceber as diferentes formas em que é possível ser assediada dentro do estádio de futebol.

---

<sup>11</sup> Lei 13.718/2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm) Acesso em 13 ago. 2023

<sup>12</sup> Lei 10.224/2001. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10224.htm#:~:text=LEI%20No%2010.224%2C%20DE%2015%20DE%20MAIO%20DE%202001.&text=Alter%20o%20Decreto%2DLei%20n,sexual%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=VETADO\)%22-,Art.,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10224.htm#:~:text=LEI%20No%2010.224%2C%20DE%2015%20DE%20MAIO%20DE%202001.&text=Alter%20o%20Decreto%2DLei%20n,sexual%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=VETADO)%22-,Art.,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o) Acesso em 13 ago. 2023.

Figura 1 — Campanha nas arquibancadas do Mineirão



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa campanha deixa explícito que o próprio Mineirão, com apoio dos clubes da cidade, órgãos públicos e demais instituições, evidenciado na Figura 1, reconhece que a violência de gênero está presente nos estádios e que este é um problema recorrente. Salienta-se que essa questão não se limita ao estádio mineiro. Recentemente, em setembro de 2023, torcedoras do Clube de Regatas do Vasco da Gama e do Botafogo de Futebol e Regatas chamaram atenção da mídia (Reportagem Globo Esporte<sup>13</sup>) por juntas, criarem movimentos contra o assédio, logo após denunciarem casos nos estádios do Rio de Janeiro, particularmente no estádio Vasco da Gama, conhecido como São Januário, e, no estádio Olímpico Nilton Santos, o Engenhão.

Com base nisso, afirma-se que o assédio é sim uma barreira, não apenas para mim, mas para todas as torcedoras exercerem seu torcer de forma lúdica e prazerosa. “Acompanhar uma partida de futebol é uma experiência de sociabilidade

<sup>13</sup> Globo Esporte. Torcedoras de Botafogo e Vasco relatam assédio sexual nos estádios. 27/09/2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2023/09/27/torcedoras-de-botafogo-e-vasco-relatam-assedio-sexual-nos-estadios.ghtml> Acesso: 28 set 2023.



que tem significados e sentidos singulares para os sujeitos que as vivenciam ludicamente” (Gomes, 2014, p. 9), mas que, por vezes, acaba sendo impactada. Segundo Fagundes (2013), a sensação de prazer provocada por assistir uma partida de futebol do seu time no estádio impacta positivamente o desejo de permanência dos torcedores e a vontade de retornar para assistir a outra partida. Entretanto, lidar constantemente com o medo de ser violentada, o receio, a insegurança, o constrangimento e com importunações constantes, são fatores que impedem que essa experiência seja positiva.

Então, surgiu o interesse – e a necessidade de realizar essa pesquisa junto a mulheres torcedoras de Belo Horizonte. Portanto, a pesquisa teve como objetivo principal investigar e analisar o assédio a mulheres nos jogos de futebol no estádio Mineirão e, qual o impacto disso no lazer das mesmas. Detalhadamente, o estudo buscou:

- Entender o que as torcedoras compreendem por assédio, visto a amplitude e complexidade do conceito;
- Perceber como o espaço do estádio de futebol se relaciona com os assédios;
- Averiguar quais medidas foram tomadas pela vítima do assédio após a violência.

Esse trabalho se fez importante, pois, segundo Fagundes (2013), são poucas as pesquisas que buscam compreender os fatores que influenciam a frequência de torcedores aos estádios. Além disso, é ressaltado por Campos (2010), a carência de estudos acadêmicos que investigam a presença ou ausência das mulheres no contexto esportivo, principalmente no futebol. Trazendo para um o contexto mais atual, Pessanha (2020) também confirmou a raridade dessas pesquisas e ressaltou a importância de discutir e colocar em evidência a participação da mulher no futebol com o intuito de transformar essa realidade.

No período da pesquisa, pude perceber a incipiência de estudos que tangem o assédio e a torcedora, visto que, como citado anteriormente, quando se pensa em assédio, a maioria das pesquisas abordam essa violência no ambiente profissional, conforme é entendido no campo de estudos do direito. Ao vincular este tema ao esporte ou especificamente, ao futebol, as investigações são direcionadas aos atletas e treinadores, o que, por um lado, comprova que a prática do assédio está presente. Ou seja, o assédio no torcer ainda é pouco estudado, principalmente

quando relacionado a questões de gênero, criando obstáculos na execução desta pesquisa. Dessa maneira, esse trabalho se somará a outros que estudaram o tema, como as pesquisas de autoras como Priscila Campos, Renata Capellano e Maria Helena dos Santos, fundamentais para o desenvolver deste trabalho.

Sabendo como é representativo ir ao estádio torcer pelo seu time, a análise se faz relevante para os clubes brasileiros, que por vezes não reconhecem tamanha influência do futebol na vida de cada torcedor em sua totalidade, longe dos olhares mercadológicos. Além disso, constata-se a importância de compreender juridicamente onde os torcedores podem ser incluídos, em outras palavras, se são incluídos sob o olhar da justiça brasileira como detentores de direitos e deveres específicos. Dessa forma, este estudo aborda a Lei Geral do Esporte (Lei 14.597/2023) que veio para substituir os antigos documentos: Estatuto do Torcedor<sup>14</sup>, Lei Pelé<sup>15</sup>, Bolsa Atleta<sup>16</sup> e Lei de Incentivo ao Esporte<sup>17</sup>.

Em outro ponto, ao tratar de torcedoras, o estudo tange especificamente o assédio como violência de gênero, entendendo-a como uma construção já estruturada de forma intrínseca na sociedade. Nessa perspectiva, ressalta-se o papel conscientizador e formador social do trabalho a fim de “desenraizar comportamentos e atitudes típicas da falta de respeito para com as mulheres, que estão cada vez mais inseridas em diversos ambientes sociais” (Pinheiro; Caminha, 2021, p. 3).

Além disso, conforme reivindicado por Silvana Goellner (2021), ainda há um longo caminho a ser percorrido na busca pela equidade das mulheres no futebol no que tange às oportunidades, à visibilidade, ao respeito e à estrutura, sejam elas atletas, torcedoras, jornalistas, árbitras e demais envolvidas. Por isso, a fim de minimizar essas desigualdades, essa pesquisa busca ser um meio de romper com “marcadores sociais que historicamente têm sido arregimentados para produzir e justificar disparidades que não são naturais, mas culturalmente edificadas” (Goellner, 2021, p.6).

---

<sup>14</sup> Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/2003) disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.671.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.671.htm) Acesso em 29 ago. 2023.

<sup>15</sup> Lei Pelé (Lei 9.615/1998) disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9615consol.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm) Acesso em 29 ago. 2023.

<sup>16</sup> Bolsa Atleta (Lei 10.891/2004) disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm) Acesso em 29 ago. 2023.

<sup>17</sup> Lei de Incentivo ao Esporte (Lei 11.438/2006) disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11438.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11438.htm) Acesso em 29 ago. 2023.

A autora também ressalta que se o esporte pode ser um lugar de empoderamento, sociabilidade e identidade, calar-se diante das violências contra as mulheres é contrário a esse movimento e contribui para a manutenção do sistema existente. O que conforma com os apontamentos de Mascarenhas (2013), quando pensamos nas possíveis expressões do torcedor dentro do estádio, que podem ir além da paixão por um time, mas também possuem suas reivindicações de gestão do clube, divulgação de movimentos, levantamento de bandeiras e manifestações sobre questões sociais, como o machismo e as discriminações de gênero. Pensando no âmbito social, essas violências constituem uma barreira na vivência do lazer. O estádio, como um espaço público e disponível, deveria estar acessível para todos e é a partir de estudos que discutam essa relação, que este contexto pode ser alterado.

A pesquisa ainda colabora com as discussões e estudos do futebol como fenômeno social que têm se mostrado importante e crescente, o que comprova sua relevância para a sociedade. Bem como ela contribui para o campo dos estudos do lazer compreendido como “(...) uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais” (Gomes, 2014, p. 3), onde inclui-se ir ao estádio torcer para seu time, mas que encontra barreiras para ser apropriado por determinados grupos sociais.

Assim, este estudo vislumbrou identificar como acontecem os assédios no Mineirão buscando entender se essa violência é recorrente e como a sua existência no contexto futebolístico impacta a relação de lazer das mulheres com o futebol. Além disso, a pesquisa se propôs a analisar as consequências dessa violência para a vítima a partir das suas reações e ações após o assédio. Não menos importante, este estudo também foi norteado pelo questionamento de como as masculinidades presentes na sociedade contemporânea se fazem presentes no contexto do futebol e se essa realidade afeta o comportamento das torcedoras dentro do estádio.

## 1.2 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo do trabalho, o estudo recorreu a uma abordagem quali-quantitativa (Minayo, 2001). Ele pode ser classificado como um estudo de campo,

pois, segundo Gil (2002), ele foca em uma comunidade que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. E ainda, a pesquisa usufruiu de uma metodologia que utilizou dois instrumentos de coleta: os questionários e as entrevistas.

No que tange à parte quantitativa, foi aplicado um mesmo questionário (APÊNDICE A) via Google *Forms* a 151 torcedoras. Esse instrumento foi dividido em três partes. A primeira conteve questões diretas para traçar um perfil socioeconômico das participantes da pesquisa; a segunda aprofundou o vínculo da torcedora com seu time e trouxe a questão de gênero e o assédio nas perguntas. Já a terceira parte foi aplicada exclusivamente para aquelas torcedoras que confirmaram já terem sido assediadas no Mineirão, para assim, elas poderem apresentar elementos de suas vivências.

O questionário contou com a maior parte das perguntas fechadas que possibilitaram a análise a partir dos gráficos estatísticos já fornecidos pela ferramenta do Google, trazendo dados essenciais para compreender como se dá a ocorrência dos casos de assédio no estádio. Porém, houve a necessidade de algumas questões fundamentais serem abertas, por concederem maior liberdade nas respostas. Nelas, a análise foi realizada por meio de uma categorização das respostas obtidas para perceber os termos comuns que possibilitaram conclusões e interpretações associadas aos objetivos da pesquisa. Além disso, também foram analisadas todas as respostas completas de cada pergunta do questionário que trouxeram informações sobre os comportamentos e opiniões das mulheres dentro e fora do estádio.

A utilização desse instrumento foi motivada porque ele possibilita atingir uma maior quantidade de mulheres de várias idades e torcedoras de diferentes times, além de não interferir na interpretação de cada pergunta. Ainda que a amostra abranja um número considerável de mulheres, ela não pode ser considerada probabilística conforme as definições de May (2004), afinal ela não consegue reproduzir fidedignamente a realidade de toda a população de torcedoras, até porque não se sabe o tamanho real dessa população. Apesar disso, o autor considera que esse método tem se tornado valioso como meio de aprender e entender essa população, além de possibilitar uma análise de uma constância no contexto estudado.

O questionário foi divulgado por meio de compartilhamentos nas redes sociais - grupos de *Whatsapp* e e-mails - entre mulheres, e via QR code, com uma abordagem presencial em locais públicos em todas as regiões da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Os espaços foram escolhidos simplesmente por serem locais públicos e com grande circulação de pessoas. A utilização dessa abordagem teve o intuito de ampliar a amostra na intenção de trazer mulheres componentes de diferentes realidades, amplificando os olhares e enriquecendo a análise do estudo. Os locais visitados foram no entorno do próprio estádio do Mineirão (Pampulha), nas proximidades do Minas Shopping (Nordeste), na Praça da Liberdade (Centro-sul), dentro da estação de Metrô da Gameleira (Oeste), dentro do Via Shopping (Barreiro), nos arredores do Shopping Estação com a estação de metrô (Venda Nova), em frente à Igreja Batista da Lagoinha (Noroeste) e no Parque Municipal (Centro).

Apesar da intenção e da necessidade, é preciso reconhecer que a abordagem presencial não obteve o alcance esperado, visto que muitas mulheres não se mostraram solícitas, disponíveis ou interessadas na pesquisa. Muitas alegaram a pressa e a falta de tempo do dia a dia, enquanto outras, suponho, podem não ter confiado no estudo ou simplesmente não tiveram interesse<sup>18</sup>. Já na divulgação por redes sociais, a realidade foi diferente, a disseminação teve sucesso e alcançou mulheres de Belo Horizonte, do interior de Minas Gerais e até de outros estados do país.

Para a parte qualitativa, foram realizadas 11 entrevistas com torcedoras selecionadas previamente por meio do formulário, cujo requisito era já ter sido vítima de assédio no estádio do Mineirão. Inicialmente, essa seleção totalizava em 46 mulheres. Dessas, 24 concordaram em participar da entrevista, porém apenas 11, de fato, participaram, seja por desistirem depois ou não responderem quando entrei em contato. As entrevistas foram escolhidas, pois, para Gil (2002), elas são métodos que possibilitam a interação social. Além disso, “as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas” (May, 2004, p.145). Portanto, as entrevistas objetivaram entender como ocorrem os casos de assédio, suas consequências e o que foi feito sobre isso por meio de relatos das vítimas. Elas foram semiestruturadas, pois,

---

<sup>18</sup> Para próximas pesquisas, vale pensar se o QR code foi a forma mais eficaz de divulgar o método, ou, se outras estratégias podem ser mais interessantes na abordagem presencial.

segundo Negrine (2004), assim elas apresentam maior grau de liberdade para o roteiro. Além disso, segundo Flick (2004), esse método permite o entendimento da questão estudada por meio de diferentes perspectivas. Ainda que as perguntas sejam especificadas com um direcionamento ao entrevistador, essas entrevistas são mais flexíveis.

O entrevistador está mais livre para ir além das respostas de uma maneira que pareceria prejudicial para as metas de padronização e comparabilidade. (...) Esse método é caracterizado pela flexibilidade e pela descoberta do significado, ao invés da padronização ou de uma preocupação em comparar limitando as respostas com um esquema de entrevista estabelecido (MAY, 2004, p. 148).

Em relação aos valores éticos, em conformidade com o COEP/UFMG, parecer número 6.428.414, destaca-se que para participar da pesquisa, desde o questionário até as entrevistas, a participante precisava se identificar como mulher, ser maior de 18 anos e deveria estar de acordo com os termos de consentimento livre e esclarecido de minha elaboração. Saliento que foram necessários três termos diferentes: um termo aplicado antes do questionário, outro antes da entrevista e um terceiro, para autorização da gravação do áudio de cada entrevista.

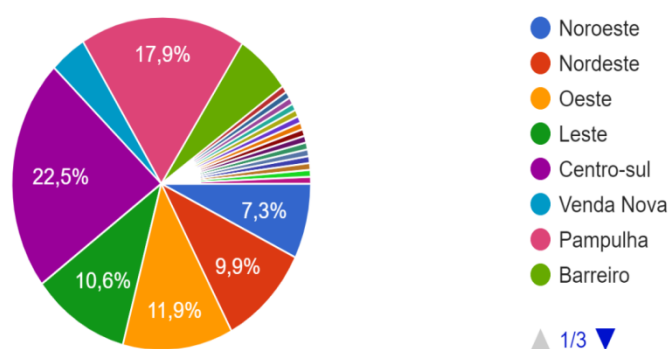
A análise foi realizada a partir da transcrição completa de todas as entrevistas, com ênfase nas partes mais relevantes para o estudo, o que possibilitou estabelecer relações com as referências para compreender melhor como se deu o assédio. Essas transcrições foram feitas por mim sem a utilização de nenhum aplicativo ou sistema. Friso que foram utilizados nomes fictícios para representar as torcedoras entrevistadas, corroborando com o anonimato previsto nos termos de consentimento. Posteriormente, os termos comuns das entrevistas foram categorizados para perceber a recorrência e semelhança entre os casos relatados.

Para melhor compreensão dos resultados obtidos pela pesquisa, é necessário conhecer basicamente a amostra. Ainda que elas não possam representar todo o grupo de torcedoras brasileiras, elas podem apresentar dados que possibilitam análises importantes, mas para isso, é necessário considerar quem são elas. Dentre as 151 mulheres que responderam ao questionário, 88% delas (134) se encontravam na faixa etária entre 18 e 36 anos. Além disso, 61,6% (93) se consideravam brancas, enquanto 27,2% (41) pardas e 10,6% (16) pretas, outras cores de pele não tiveram resultados percentuais relevantes.

Ao pensarmos em escolaridade, verificou-se que 90% da amostra possui Ensino Superior Completo, Pós-Graduação ou Ensino Superior em andamento, ou

seja, apenas 10% das mulheres não tiveram nenhuma experiência no ensino superior, o que diferencia a amostra da realidade das mulheres brasileiras<sup>19</sup>. No que se refere à qual região de Belo Horizonte essas mulheres residem, pode-se dizer que não houve uma grande diferença entre as regiões da capital e que 9,2% (14) delas residem em outra cidade. Ou seja, houve uma variação alta na região de moradia das torcedoras, demonstrado no Gráfico 1:

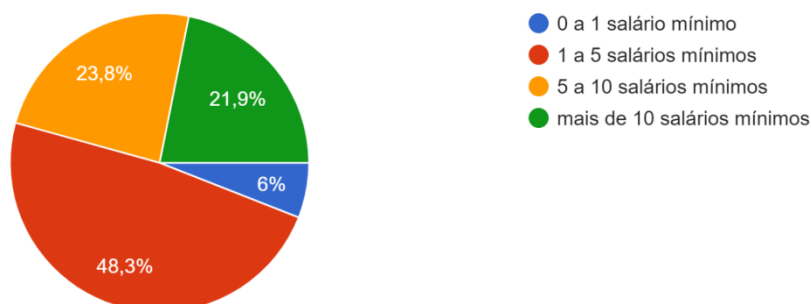
Gráfico 1 — Região de BH onde mora



Fonte: Google Forms.

Para a renda mensal familiar das torcedoras, o Gráfico 2 mostra que a maioria possui entre 1 e 5 salários mínimos mensais, totalizando 73 mulheres (48,3%). Ademais, rendas superiores também apresentaram números altos que devem ser levados em consideração.

Gráfico 2 — Renda familiar mensal



Fonte: Google Forms.

<sup>19</sup> Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE (2016), apenas 16,9% das mulheres com 25 anos ou mais possuem Ensino superior completo no Brasil.

Observando as preferências das 151 mulheres que compõem a amostra, ficou nítida a supremacia local dos times para os quais elas torcem, principalmente no que se refere à hegemonia e à rivalidade observada no estado de Minas Gerais, entre o Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube em Belo Horizonte. Isso pode ser explicado pelo fato de a maior parte das mulheres da amostra residirem na cidade e, portanto, estarem mais próximas do cotidiano e das notícias desses clubes. Para além dos times da capital mineira, também responderam ao questionário seis torcedoras de clubes variados do estado de São Paulo.

Tabela 1 — Para qual time torce

Cruzeiro Esporte Clube	75
Clube Atlético Mineiro	69
Associação Atlética Ponte Preta	03
América Esporte Clube	01
Sociedade Esportiva Palmeiras	01
São Paulo Futebol Clube	01
Sport Club Corinthians Paulista	01

Fonte: Realizada pela autora.

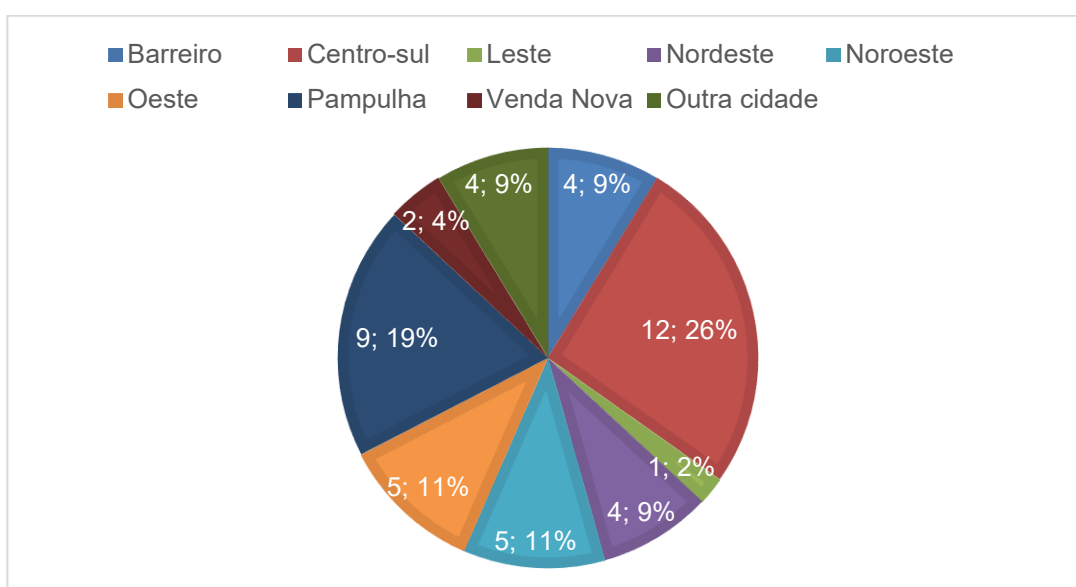
Estes mesmos dados foram analisados englobando apenas as 46 mulheres que confirmaram que já foram assediadas no Mineirão para perceber se há relação do assédio com algum marcador socioeconômico. Foram encontrados que dentre a totalidade das torcedoras assediadas da pesquisa, somente 8 delas tinham mais de 30 anos de idade, 17 com 18 a 24 anos e 21 entre 25 e 30. Isso significa que, com base nos dados encontrados, o assédio no Mineirão ocorre majoritariamente com mulheres jovens.

Verificando na mesma ordem da análise anterior, observou-se também uma discrepância grande entre a quantidade de mulheres brancas e as demais opções de cores da pele apresentadas. Dentre as 46 torcedoras, 32 afirmaram serem brancas, sendo 70% do total, porcentagem maior do que o encontrado entre todas que responderam ao questionário. Enquanto, 11 selecionaram a opção parda e outras 3 confirmaram serem pretas, caminhando por evidenciar um certo padrão de mulher assediada no estádio.



No que se refere a escolaridade, os dados encontrados foram semelhantes aos que englobam todas as participantes, sendo que 43 das 46 torcedoras já tiveram experiência no Ensino Superior, 96%. Entretanto, ao contrário da variação encontrada anteriormente, quando são filtradas apenas as mulheres que já foram assediadas, observa-se que uma quantidade significativa delas (21) residem nas regiões Centro-sul e Pampulha de Belo Horizonte, localizações com alto poder aquisitivo. As outras regiões apresentaram uma variação semelhante a anterior, como poder visualizado no Gráfico 3.

Gráfico 3 — Região de BH onde mora (assediadas)



Sobre renda familiar mensal, percebeu-se que uma proporção maior de mulheres com mais de 10 salários mínimos mensais do que foi encontrado anteriormente. Considerando apenas as mulheres que foram assediadas, 32,6% delas possuem a maior opção de renda do questionário, enquanto quando a análise engloba todas as torcedoras da pesquisa, essa porcentagem é 21,9%. Essa informação corrobora com as residências das mulheres assediadas e contribui para a inferência de que, dentro do estádio Mineirão, as mulheres que sofrem assédio tendem a ser jovens, brancas e com um alto poder aquisitivo.

Após ter conhecimento desses dados e da vivência dessas mulheres, a dissertação foi organizada de forma a dar prosseguimento nas análises dos resultados obtidos com a pesquisa, discutindo com o referencial teórico utilizado para embasar todo o estudo. Optei por uma menor quantidade de capítulos para não dividir tanto as temáticas que são facilmente relacionadas.

Sendo assim, a dissertação está dividida em quatro etapas. Inicialmente, há este primeiro momento em que foi realizada a introdução sobre o tema, contendo minha apresentação pessoal e minhas afinidades que justificam o surgimento e o interesse pela problemática. Nele, também estão os principais pontos do projeto da dissertação, bem como, os procedimentos metodológicos utilizados de forma detalhada. Aqui ainda foram reunidos dados quantitativos proporcionados pela pesquisa que são fundamentais para o entendimento e aprofundamento do restante dos resultados que serão apresentados e discutidos com o decorrer do trabalho.

Em seguida, há o capítulo, intitulado “Futebol, relações de gênero e violências nos estádios”. Nele, discute-se a participação das mulheres no futebol, mais especificamente sobre as torcedoras que, vale destacar, sempre estiveram presentes na história. Neste capítulo, a teoria é aprofundada, embasada pelo referencial utilizado. É aqui que o futebol é contextualizado como fenômeno cultural engendrado pelas questões sociais, enfatizando a violência de gênero e as masculinidades presentes nas relações existentes nesse esporte. Além disso, nele também é abordada a amplitude do conceito de assédio e suas manifestações para compreender qual a visão que as torcedoras possuem dessa violência e qual o impacto desse entendimento. Para mais, ele contém uma classificação do assédio dentro do estádio com base nas manifestações identificadas por aquelas torcedoras que confirmaram já terem sido vítimas dessa violência. Com toda essa discussão, são apresentados resultados comprovando a existência do assédio dentro do estádio e como essas masculinidades afetam a forma de torcer da mulher.

Prosseguindo para uma próxima etapa desta dissertação, segue mais um capítulo, denominado “As mulheres assediadas no estádio” que dá continuidade nas reflexões acerca da hostilidade deste espaço que supostamente deveria abrigar todos os torcedores. Nesse sentido, trago reflexões que repensam os discursos utilizados para defender as reformas dos estádios brasileiros para a Copa do Mundo de 2014, tal qual aconteceu no Mineirão que recebeu partidas desse evento. E ainda, é nesse capítulo que as atenções se voltam para a mulher assediada dentro deste estádio. Com base nos relatos das entrevistadas, são apresentados os temores das torcedoras, as coincidências entre os casos de assédio e as suas especulações. Aqui, discute-se as relações da violência com as torcidas organizadas, fortificadas pelo preconceito enraizado pelas instituições sociais e

questiona-se onde a violência de gênero se encontra nesse contexto. Este capítulo também vislumbra analisar as reações das torcedoras assediadas após serem violentadas, qual suporte foi encontrado, tanto no âmbito jurídico quanto psicológico, e quais as estratégias das vítimas para evitar que essa violência não volte a acontecer.

Para finalizar a dissertação, alcanço as “Considerações Finais”, onde foram retomados os objetivos do estudo respondidos de forma objetiva, trazendo as principais elaborações e conclusões construídas ao longo da pesquisa. Nesse momento, foram inseridas as minhas percepções obtidas da realidade vivenciada pelas torcedoras e, por fim, realizo uma avaliação crítica do estudo, explicitando lacunas e revelando os desdobramentos do trabalho que futuramente podem fomentar novas pesquisas. Portanto, boa leitura e que essa experiência seja significativa para vocês, leitores e leitoras, enriquecendo seus conhecimentos e os levando a refletir sobre como é a vivência da torcedora de futebol dentro do estádio.

## 2. FUTEBOL, RELAÇÕES DE GÊNERO E VIOLÊNCIAS NOS ESTÁDIOS

Este capítulo é destinado a compreensão do futebol como fenômeno cultural e a reflexão sobre como as questões de gênero estão presentes nele. A partir disso, discute-se o impacto da presença de mulheres, cis e trans, nas arquibancadas, ao passo que elas sempre estiveram presentes ao longo da história, mas nunca foram tiveram a mesma relevância dos torcedores homens. Aqui, então, pretende-se apresentar como o futebol se configurou no país, ao ponto de engrandecer masculinidades como ideais e assim, compreender a permissividade que o ambiente do estádio aparenta conceder ao público masculino.

Além disso, é aqui que se discute o conceito de assédio. A partir da literatura e dos resultados obtidos no questionário, iniciam-se as discussões acerca de como as torcedoras entendem a violência de gênero dentro do estádio e onde o assédio está situado nesse contexto, compreendendo a legislação a qual ele se ampara. Além do mais, é preciso analisar qual manifestação de assédio é mais recorrente no Mineirão e o que possibilita seu acontecimento dentro do estádio.

### 2.1 A CULTURA ESPELHADA NO FUTEBOL

No Brasil, as manifestações expressadas por meio do futebol foram e são relevantes na construção de uma identidade nacional. De acordo com Helal; Soares; Lovisoló (2001), tal identidade foi construída a partir de um discurso nacionalista, oficialmente provocado pelo Estado-nação, e compõe parte da representação do brasileiro. O Brasil, conhecido como “país do futebol” ou “a pátria de chuteiras”, provoca orgulho aos brasileiros com seu futebol, consolidando a formação identitária com um sentimento de unidade. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Matta, 1982, p. 21).

Com base nisso, entendo o futebol como um fenômeno cultural que produz uma experiência para o torcedor muito mais significativa do que é visto nos 90 minutos de uma partida. Para Lages e Silva (2012), a cultura é o principal elo entre futebol e lazer. Os autores endossam que os sentimentos provocados pelo futebol são cruciais para o entendimento dessa experiência como possibilidade de lazer. Até porque, como colocado por Gomes (2004), “o sujeito é capaz de prover significados às atividades de lazer e aproximar-se da busca da excitação ou prazer”. Nesse

sentido, “a relação com as emoções criadas ao assistir a uma partida de futebol, a estética da partida, o status de espetáculo, podem, sim, ser consideradas possibilidades de lazer” (Lages; Silva, 2012, p. 3-4).

Torcedores são sujeitos que buscam experienciar essas emoções a cada jogo, fomentadas pela identificação com seu clube. Torcer é equivalente a pertencer, ou seja, “fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações” (Silva; Moreira; Lopes, 2022, p. 11). Vincular-se a um clube, assumir-se torcedor, gera um sentimento de pertencimento que ultrapassa a racionalidade, explicando a grandeza desse fenômeno.

Até mesmo como consumidor de serviços esportivos, a relação de pertencimento clubístico e o vínculo identitário costumam ser levados em consideração. “Os produtos da cultura têm sua estruturação desenvolvida através de pressupostos conscientes e inconscientes sobre quem serão as pessoas que irão consumi-los” (Maciel Júnior, 2023, p. 27). Em conformidade, Fagundes (2013) afirma que torcedores, normalmente, buscam experiências relacionadas às dimensões afetiva e sentimental, ou seja, as subjetividades da relação torcedor-clube são relevantes para todos os serviços inseridos no futebol.

Segundo Santana (2016), essa identificação com os clubes faz parte de um processo cultural dinâmico que é desenvolvido ao longo do tempo e que faz com que o torcer tenha significado aos hábitos dos torcedores, sendo assim uma atividade de lazer reconhecida. Portanto, como comprovado por Silva (2011), a conexão entre o torcer, a relação com o time, as pessoas, os lugares e as histórias construídas ao longo de anos, denotam um engajamento social provocado pela produção de significados em que, mesmo vivências diferentes, convergem para um objetivo comum quando se trata das emoções conectadas com sentimento de amor pelo time.

Para além das emoções, o “ser torcedor” compõe experiências únicas de sociabilidade. Nesse contexto, dialogo com Pacheco *et al.* (2020), que afirmam que a interação é mais importante do que o conteúdo dessa experiência. “Na relação de sociabilidade, o que está em jogo é o prazer de se estar junto e compartilhar experiências coletivas, mesmo que efêmeras” (Pacheco *et al.*, 2020, p. 13), e compartilhá-las com pessoas que vivenciam e sentem o mesmo prazer de torcer para um determinado time.

Porém, cabe pensar, quem usufrui dessas possibilidades provocadas pelo “torcer”? Existem torcedores jovens, velhos, negros, brancos, ricos, pobres, homens e mulheres. Cada um com suas particularidades, mas compartilhando paixões pelo futebol que guiam suas experiências de lazer. Sabendo que o lazer é uma prática essencial e possibilitadora de interação dos sujeitos com a realidade, como apontado por Goellner *et al.* (2009), torna-se problemático quando se observa a exclusão de alguns indivíduos de sua prática em decorrência de marcadores identitários. Não me parece justo que a vivência de torcer pelo seu time seja limitada, ou direcionada, a um grupo específico destes torcedores.

Alves (2015) afirmou que, não apenas o futebol, mas os esportes em geral são capazes de expor abertamente questões sociais. No que se refere ao futebol, essa capacidade retoma às proposições do antropólogo Roberto da Matta (1982) ao colocar que, por meio do futebol, a sociedade brasileira fala. Para Rinaldi (2000), assim como outros elementos da cultura brasileira, o futebol sempre esteve em conformidade com a organização social do país e assim, ele “pode expor de maneira significativa a forma de relação que se estabelece no seio da sociedade” (Rinaldi, 2000, p. 168).

O futebol é parte da cultura brasileira. É um espaço de expressão da sociedade, ao mesmo tempo que demonstra as festividades do brasileiro, também evidencia as questões sociais enfrentadas, como a marginalização e exclusão de grupos sociais das vivências culturais. Afinal, “as formas da sociedade são a substância da cultura” (Geertz, 1989, p. 20).

Aqui, é tratado especificamente das questões de gênero que estão presentes no cotidiano da brasileira. Com base neste raciocínio, constata-se que essas questões também são visíveis no futebol e podem se impor como uma barreira para a mulher torcedora. Porém, sabe-se que outras questões sociais, como o racismo e a lgbtfobia, estão presentes e engendradas no futebol, dia após dia, como mais um rastro da cultura vista por meio deste esporte.

De acordo com Campos (2010), ainda que o lazer seja um direito social garantido na Constituição Brasileira de 1988, as relações de gênero são barreiras capazes de impedir sua vivência plena. Contudo, no que se refere ao contexto futebolístico, a pesquisadora afirmava já há mais de uma década que a presença das mulheres nas arquibancadas vinha ganhando destaque. Tal realidade é notória ao pensar que, hoje, existem mulheres engajadas e manifestantes sobre as

questões do seu time, protagonistas de movimentos e coletivos de torcedores, além de participantes de torcidas organizadas.

Vale ressaltar que não apenas como torcedoras, esse destaque é também evidenciado na ocupação de mulheres em cargos internos inéditos nos clubes de futebol, como as presidentes do Chelsea (Inglaterra) e do Palmeiras, clubes que, com suas equipes masculinas profissionais, disputaram a final do Mundial de Clubes da FIFA em 2022<sup>20</sup>. Ainda assim, quando comparado aos homens, ainda é escassa a participação de mulheres em papéis de liderança dentro dos clubes.

## 2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

Historicamente, os valores disseminados na sociedade expuseram que o futebol não era um espaço para mulheres, no que se refere a prática e entendimento da modalidade. Isso decorre do vínculo instituído por meio do esporte com figuras de homens agressivos associadas com uma suposta virilidade. Foi instituído que o envolvimento de mulheres com o futebol era prejudicial aos seus corpos por razões muito além das lesões físicas, pois, segundo Goellner (2005), acreditava-se que a prática do futebol poderia “masculinizar” as praticantes, a partir de seu comportamento e sua aparência. Conforme pesquisado por Bonfim (2019), essa lógica não era exclusiva do futebol, até meados da metade do século XX, existiam lugares que eram considerados socialmente próprios e outros impróprios à presença da mulher, pautados pelas mesmas justificativas de “masculinização” de suas frequentadoras:

Sessões científicas e literárias, por exemplo, serão locais reconhecidamente adequados aos homens da época, assim como serão alvo de críticas sobre a presença e frequência de mulheres nos mesmos locais. Tal repúdio era justificado pela ideia de que tais ambientes “masculinizam” essas senhoras, uma vez que “o exercício de profissões liberais” estava em completo desacordo com o seu organismo (Bonfim, 2019, p. 39).

Ainda hoje são evidentes resquícios significativos desse pensamento. Com base nas considerações de Butler (2003), o gênero atribuído conforme a determinação biológica gera expectativas sociais por meio de significados culturais

---

<sup>20</sup> Conferir na reportagem de Ricardo Magatti em 15 fev 2022 para o portal Terra. Disponível em:

presentes antes mesmo do indivíduo nascer. As diferenciações de gênero e tratamentos desiguais na sociedade já começam a partir da infância, através do ensino de papéis diferentes para homens e mulheres, inclusive, por meio da instrumentalização do lazer, conceito de Marcellino (2012), que incentiva certos estereótipos (dos adultos) do que são “coisas de menino” e “coisas de menina”. Aos meninos é dado o espaço público e os mesmos são presenteados com bolas, carrinhos e bicicletas, reforçando características de aventura, competitividade e agressividade, firmando assim a rua como seu *locus* natural. Em contrapartida, às meninas é dado o espaço do privado e os brinquedos giram em torno das atividades domésticas como: bonecas, casinhas, panelinhas, vinculando suas características ao cuidado, à graciosidade e delicadeza que supostamente compõem a feminilidade, à ajuda, aos interesses e dependências familiares. Esse discurso contribui para a naturalização da desigualdade entre homens e mulheres. Em uma visão da semiótica, Brah (2006) apresenta que o signo “mulher” tem sua especificidade constituída dentro e através de configurações históricas de relações de gênero e assume significados específicos decorrente dos discursos de “feminilidades”.

Nesse sentido, cabe destacar que as questões de gênero não são fixas e sim são transformadas, pois segundo Bandeira (2010), o gênero se faz no cotidiano. “Aprende-se a ser masculino ou feminino dentro de processos culturais que ensinam formas adequadas de *exercer* determinado gênero em uma cultura específica” (Bandeira, 2010, p. 344). Isso retoma os trabalhos de Judith Butler, pois aqui se entende gênero como uma construção cultural que é maleável, porém difundida ao longo da história como algo fixo e consolidado, ou seja, o que supostamente é masculino ou feminino, na verdade é fruto de uma construção cultural, e como uma construção é um processo, ela pode ser desconstruída e reconstruída. Portanto, não existem critérios fixos que determinam comportamentos, objetos, hábitos e cores como específicos de um gênero ou de outro, mas sim concepções tratadas socialmente como verdade absoluta.

Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (Butler, 2003, p.26).

Detalhando essa discussão, Firmino e Porchat (2017) entendem que a compulsão cultural em que vivemos ainda determina o gênero com base no sexo,



levando a uma visão estereotipada e limitada dos modos de ser e de viver de homens e mulheres. Por compulsão cultural, eles se referem a “um conjunto de normas que dizem como devemos nos comportar, o que devemos vestir e a quem devemos desejar” (Firmino; Porchat, 2017, p. 56). Com isso, aqueles que desviam dessas determinações, não raramente, ainda são vistos como anormais recaindo sobre estas desigualdades e preconceitos.

No âmbito esportivo, fica evidente como o gênero ainda é tratado como definitivo. Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados às masculinidades. A imagem da mulher é propagada como um ideal de beleza frágil e delicado, situando como ela deve se comportar em relação ao futebol.

Em outro tempo, na primeira metade do século XX, “à elas, era proibido se desesperar por um time, se descabelar, somente cabia a pose sem expressão de paixão por clube, afinal isso era reservado ao gênero masculino” (Santos, 2020, p. 30.), expondo a finalidade da sua participação no futebol para a época: embelezar as arquibancadas, como fora explicado por Bonfim (2019). Esse discurso resultou na gratuidade dos ingressos para as mulheres irem aos estádios por um longo período (início do século XX), bem como, instaurou concursos de beleza para musas do clube. Souza Neto (2010) destaca o “Rainha dos Sports” inaugurado em 1927 em Belo Horizonte, Bonfim (2019) conta a respeito de um festival realizado em 1940 em homenagem aos nove anos do Jornal dos Sports no Rio de Janeiro:

O encontro apostou na presença maciça de jovens ao comunicar naquele dia a apuração do plebiscito da Rainha do Sport Menor (a Rainha do Futebol Suburbano). O concurso já era uma prática entre as festas esportivas dos clubes da Liga Metropolitana anos antes, e desde a década de 1930, o Jornal dos Sports reproduzia essa experiência entre as garotas suburbanas frequentadoras das praças esportivas ou representantes das diferentes agremiações do subúrbio. (...) O público feminino não só participava dos concursos de Rainha do Sport mas atuava ativamente dos “bolos sportivos” que apuravam os nomes do melhor jogador ou equipe de futebol da época  
(Bonfim, 2019, p. 139).

A autora ainda conclui que as relações entre o futebol e as mulheres consideradas bonitas ainda vão percorrer décadas, por meio de conotações sexualizadas e objetificadas entre os atores (homens) e instituições responsáveis por movimentar o mercado da modalidade. Em consonância e de forma nítida, não muito tempo atrás, em 2008, Sport Club Internacional de Porto Alegre jogou no dia 8 de março (dia político que marca o Dia Internacional da Mulher) e realizou uma

promoção que liberava as mulheres da compra de ingressos. Como exposto por Bandeira e Seffner (2018), no dia seguinte a partida, os jornais destacaram a presença feminina na partida. “Nesse contexto as mulheres foram descritas como perfumadas, civilizadas e silenciosas, características poucas vezes associadas aos torcedores de futebol” (Bandeira; Seffner, 2018, p. 3). Assim, a presença das mulheres acrescentaria perfume e beleza às arquibancadas, e também poderia reduzir o número de palavrões proferidos.

Nessa lógica de embelezamento, há de citar um exemplo ainda mais recente. No início de 2020, o Clube Atlético Mineiro realizou uma ação<sup>21</sup> para apresentar seu elenco do time feminino principal durante o intervalo de uma partida do time masculino válida pelo campeonato estadual. Porém, a mascote, conhecido como “Galo Doido”<sup>22</sup> visualizado na Figura 2, ao apresentar as jogadoras do elenco no gramado, pediu uma das atletas para dar uma “voltinha” em frente a todos os torcedores, enquanto ele realizava olhares e trejeitos direcionados ao corpo da jogadora. Com essa atitude, o “tiro saiu pela culatra”, pois aquela ação que pretendia popularizar a equipe de futebol feminino, trouxe diversas críticas ao clube, além do constrangimento o qual a atleta foi submetida.

Se por um lado, a repercussão negativa e a manifestação generalizada diante do ocorrido pode demonstrar um tipo de avanço quanto às problematizações das questões de gênero no futebol; por outro, a sexualização de uma atleta profissional por outro profissional do próprio clube exemplifica como a sexualização e objetificação das mulheres ainda é presente no futebol. Ainda sobre esse caso, vale ressaltar que a mascote possui a função de entreter os torcedores e que, ao vivo, a atitude não foi repreendida por estes, pelo contrário, gerou entretenimento; a repercussão e os questionamentos surgiram posteriormente ao acontecido, certamente devido à presença da mídia.

---

<sup>21</sup> Reportagem do Globo Esporte sobre a repercussão da ação do dia 20/02/2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/mascote-do-atletico-mg-pede-desculpas-a-zagueira-que-afirma-isso-nao-pode-se-repetir.ghtml> Acesso em: 20 ago. 2023.

<sup>22</sup> Representado por um galo com braços e pernas fortes e expressões bravas e agressivas.

Figura 2 — “Galo Doido”, mascote do Clube Atlético Mineiro



Fonte: Pedro Souza / Galeria de fotos do site do Clube Atlético Mineiro.

Voltando às torcedoras, é preciso ressaltar que as mulheres sempre estiveram presentes nos estádios de futebol. De forma paradoxal às características fervorosas exaltadas pelas torcidas atuais, a figura feminina era tão comum que inclusive foi quem deu origem ao termo “torcer”. Muitos pesquisadores como, Bonfim (2019), Cappellano (1999), Ecoten e Corsetti (2010) contam que, no início do século XX, ir ao estádio acompanhar uma partida de futebol era considerado um evento da elite da sociedade que possibilitava diversas formas de interação e as mulheres tinham um papel crucial, além de serem muito bem quistas. “A presença de mulheres nos ambientes esportivos da época corroborava com a designação de atributos como ‘riqueza’, ‘família’, assim como a sensação de ‘adequação’ social às arquibancadas e espaços de sociabilidade do esporte” (Bonfim, 2019, p. 36). Para além dos flertes, elas prestavam atenção na partida e reagiam aos lances da forma como lhes era cabida na época: torcendo seus lenços e fitas, acessórios que compunham seus vestuários. Essa ação ganhou destaque nos jornais e na mídia da época.

No Brasil, concorrem muitas mulheres, gentis senhoritas, notando-se na assistência, *quasi* o mesmo número de representantes do bello sexo do que do outro. A representação feminina é constituída pelo mais *distincto* público da sociedade carioca. As “torcedoras” se vestem das *côres* de sua *predilecção*. Levam grandes laços nos *chapeos* e nas sombrinhas fitas e matizes com as cores de seu *club* favorito. (...) Por *ocasião* das partidas, *applaudem*, saudam, *accenam* e dirigem o jogo, ordenando para um *center-forward* que reparta o jogo ou a um *back* que faça uma retirada. São, às vezes, sinceras (Jornal do Commercio<sup>23</sup>, 08/03/1917).

Figura 3 — Torcedoras durante uma partida entre Botafogo e São Christóvão



Fonte: Revista Careta, 17/05/1919 | Biblioteca Nacional.

Contrastando com a poeira advinda da falta de calçamento, as senhoras e senhorinhas desfilavam com elegância e pose, confirmando a presença feminina nas festas esportivas, notadamente nas partidas de futebol (Souza Neto, 2010, p. 35)

No entanto, ainda que presentes, as mulheres eram tratadas como enfeites pela mídia esportiva, não eram consideradas questionadoras e pensadoras do esporte, corroborando com os valores sociais disseminados na época. Como bem comparado por Souza Neto (2010), as mulheres eram atrativos tais quais uma banda musical, sempre atrelado à ideia de espetáculo, festa e entretenimento.

Portanto, elas eram “constantemente tratadas como elementos femininos passivos e coadjuvantes nestes eventos esportivos” (Bonfim, 2019, p. 36), visto que havia um controle de como se portar ali por parte dos homens de sua família, com base na expectativa e nos limites de seus comportamentos nestes espaços. Tanto

<sup>23</sup> Edição do Jornal do Comércio disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111988&Pesq=torcedoras&pagfis=9770>.

que o modo (recatado) de torcer dessas mulheres era motivo de graça, descredibilizando e apequenando a forma como elas torciam. Até hoje, essa visão é encontrada, ainda mais em decorrência do crescente aumento da presença feminina nas arquibancadas atuais. No estudo de Bandeira e Seffner (2018), um entrevistado, mesmo reconhecendo essa ampliação da presença de mulheres e, aparentemente, favorável a ela, acabou citando uma definição que é atravessada por discursos machistas: “tem uns amigos meus que dizem que não precisa mais nem ir em festa para procurar mulher (...), olha só o que tem de mulher no jogo do Grêmio e mulher linda e maravilhosa” (Bandeira; Seffner, 2018, p. 4).

O processo de legitimação dessas torcedoras como protagonistas e entendedoras de futebol está longe de ser consolidado. Mesmo hoje, frequentemente, torcedoras são desafiadas a terem que provar que de fato possuem conhecimento sobre futebol com perguntas sobre as escalações dos times ou como funcionam as regras da modalidade. É de praxe que elas tenham que saber explicar a regra do impedimento, por exemplo, para que sejam consideradas entendedoras da modalidade.

Com o passar dos anos (no decorrer do século XX) e com a popularização do esporte, os discursos sobre a modalidade ficaram mais e mais destinados aos homens, juntamente com as políticas desenvolvidas, reforçando as masculinidades sociais naquele espaço e contribuindo com a construção histórica dos papéis dos homens e das mulheres. Com isso, permaneceram e consolidaram prerrogativas que dificultam a “legitimação da mulher como cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político e cultural” (Campos, 2010, p. 20-21). Portanto, reiterando Campos (2010), os enfrentamentos das torcedoras atuais são consequência da construção histórica em torno do futebol, associada à expectativa sobre a mulher e do homem na sociedade.

De fato, hoje, ainda se vê uma influência masculina muito forte nas experiências das torcedoras. Em sua pesquisa, Campos (2010) verificou que, geralmente, a figura masculina ainda é a responsável por apresentar a mulher ao estádio de futebol, como no meu caso pessoal, em que meu pai foi o responsável por me instigar o interesse na modalidade e por me levar a primeira vez num estádio. Além disso, raras são as mulheres que vão aos jogos sozinhas.

Em conformidade com a autora, dentre as 151 mulheres que participaram deste estudo, cerca de 96% relataram que vão aos jogos sempre acompanhadas e 100% quando considera apenas aquelas que já foram assediadas. Quando questionadas sobre quem seria sua companhia, as respostas foram diversas, mas ficou evidente uma forte predominância de figuras masculinas, como consta na tabela abaixo realizada a partir da categorização dos termos comuns encontrados nas respostas.

Tabela 2 — Acompanhantes

Com quem vai acompanhada?	
<b>Termo</b>	<b>Número de vezes que apareceu</b>
<b>amigos</b>	71
<b>namorado</b>	45
família	29
<b>pai</b>	25
amigas	16
<b>irmão</b>	10
<b>marido</b>	10
irmã	6
mãe	3
<b>esposo</b>	1
<b>homens</b>	1
namorada	1
<b>noivo</b>	1

Fonte: Realizada pela autora.

Pelo exposto, percebe-se que, apesar das inúmeras mudanças sociais, a torcedora da primeira metade do século XX e a torcedora atual se assemelham ao terem um homem como elo principal entre ela e o futebol. “A associação entre esporte e construções de masculinidade é uma possibilidade de visualizar de que forma o gênero funciona como um atravessador das instituições” o que explica a predominância de homens nos estádios (Bandeira; Seffner, 2018, p. 2). Além disso, a pesquisa de Lopes (2018) concluiu que as torcedoras mineiras participantes ainda

se sentiam inseguras ao assistirem partidas de futebol nos estádios, talvez porque aquele espaço não seja de fato considerado *delas*.

As torcedoras são muitas vezes ainda hostilizadas nos estádios, com a afirmação de que aquele lugar não pertence a elas. O que remete à velha lógica de que o espaço público é o espaço do masculino, enquanto o privado pertence ao feminino. As torcedoras precisam explicar as indagações feitas pelos demais torcedores para se sentirem e serem aceitas como pertencentes àquele universo, como participantes de determinada pedagogia que foi ensinada pela presença nos estádios (Bandeira, 2019, p. 349).

A apropriação do espaço pelos homens é comum não apenas nos estádios. No Brasil, “as instituições pretensamente democráticas são majoritariamente masculinas, pensadas e vividas numa cultura de e para homens” (Rubim; Argolo, 2018, p. 10). A própria construção do prédio do Congresso Nacional, em Brasília, não foi planejada para abrigar mulheres. O primeiro banheiro feminino do Senado foi construído apenas em 2016. A conquista se deu graças à reivindicação das Senadoras, que questionavam havia anos o tratamento desigual. Antes disso, o banheiro das parlamentares era o do restaurante anexo ao Plenário, disponível desde 1979, quando foi eleita a primeira Senadora Eunice Michilis.

Ao pensar no âmbito esportivo dos torcedores, não poderia ser diferente. As organizações também são planejadas para abrigar prioritariamente o público masculino, como a logística dos estádios e até mesmo no extinto Estatuto de Defesa do Torcedor<sup>24</sup> (Lei 10.671/2003).

O Estatuto do Torcedor, escrito por homens e para homens, desde seu título, generalizando os sexos, como se ambos enfrentassem as mesmas dificuldades e tivessem as mesmas oportunidades. Generalizando a todo o momento a torcedora, num grupo de torcedores que não sofrem a mesma marginalização e preconceito. O vazio da fala da torcedora é consequência do machismo estrutural enfrentado até hoje (Santos, 2020, p. 30).

Na atual Lei Geral do Esporte (Lei 14.597/2023), a temática sobre as mulheres surge logo no início, como um cartão de visitas animador. No Art. 3º da Seção III do primeiro capítulo, “Do Direito Fundamental ao Esporte”, encontra-se que:

É direito da mulher, em qualquer idade, ter oportunidades iguais de participar em todos os níveis e em todas as funções de direção, de supervisão e de decisão na educação física, na atividade física e no esporte, para fins recreativos, para a promoção da saúde ou para o alto rendimento esportivo (Brasil, 2023).

---

<sup>24</sup> Destaco que há a PL 2448/22 da então deputada federal, Sâmia Bomfim, que prevê alterações no estatuto sobre a questão do assédio, ainda não foi aprovada.

No entanto, essa perspectiva é trazida apenas sob o viés da prática esportiva. A mulher como espectadora, consumidora, torcedora não é citada ou diferenciada dos demais torcedores em nenhum momento, nem mesmo na Seção III do capítulo III, intitulada: “Da Autoridade Nacional para Prevenção e Combate à Violência e à Discriminação no Esporte (Anesporte)” (Brasil, 2023). Ainda que a violência seja constantemente trazida no documento, este foca em agressões físicas, brigas e tumultos que podem acontecer ao longo de uma partida, respondendo aquilo que nunca foge da mídia acerca dos jogos de futebol.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a Lei Geral do Esporte leva em consideração a segurança do espectador, como exposto no Art. 146 da Subseção II da Seção II localizada no Capítulo IV, ela generaliza esta segurança, como se todos os torcedores estivessem sujeitos às mesmas violências, além de não expor mecanismos de como ela pode ser garantida. “O espectador tem direito a segurança nos locais onde são realizados os eventos esportivos antes, durante e após a realização das provas ou partidas” (Brasil, 2023).

Adentrando mais nas regulamentações e englobando aqui todos os torcedores, Rezende, Saldanha e Silva (2023) mostraram que o próprio Estatuto do Torcedor não era um documento acessível para todos, tanto no que se refere a obtenção do conhecimento de sua existência quanto à compreensão das informações ali presentes. Situação essa que possibilitava o descumprimento da regulamentação de forma deliberada, considerando também a fiscalização falha. Não que as perspectivas da Lei Geral do Esporte em ação sejam muito diferentes, visto que, segundo os autores, a nova regulamentação vem com um viés semelhante de repressão contra grupos subalternizados.

Essa nova lei (Lei 14.597/2023) certamente vai fomentar diversas pesquisas e análises futuras, principalmente quando começar a ser aplicada de fato para que a prática seja levada em consideração, ainda mais diante da tentativa de unificar os assuntos esportivos em uma só regulamentação. Porém, sob o âmbito teórico, o que se vê é uma defasagem nas ferramentas jurídicas que parecem não considerar a presença feminina nas arquibancadas, bem como a bagagem que ela traz consigo, perpetuando a lógica anterior de ser direcionada aos homens e para os homens, generalizando a totalidade de torcedores.

Pensando nisso, pode-se afirmar que a apropriação dos ambientes culturalmente considerados “masculinos” pelas mulheres ainda não existe cem por



cento. Ainda em andamento, Campos e Silva (2009) explicam que o processo de ocupação das mulheres nos espaços públicos, decorrente da urbanização e da industrialização, não foi pacífico. Marcado por constantes lutas, principalmente ao longo do século XX, “esse processo exigiu a consciência e o exercício de sua cidadania, sendo um dos marcos centrais, a conquista do direito político de votar e ser votada” (Rubim; Argolo, 2018, p. 10). Isso porque, ainda cercadas por inimagináveis obstáculos, a conquista desse direito representou para as mulheres, em uma sociedade notoriamente machista e patriarcal – em que prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo –, a ocupação de um espaço socialmente e culturalmente naturalizado como masculino, expondo a desigualdade de gênero existente. Aqui, vale ressaltar a importância que o movimento feminista teve nesse processo.

O cotidiano das relações sociais de gênero – desde o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, emprego mal pago e dependência econômica até a violência sexual e a exclusão das mulheres de centros-chave de poder político e cultural – ganhou um novo significado através do feminismo à medida que deixou o domínio “tido como certo” para ser interrogado e enfrentado (Brah, 2006, p. 360).

Apesar deste movimento ser constituído de diferentes subdivisões com pensamentos particulares, ele, de forma genérica, foi fundamental para o processo de ocupação e garantia da cidadania das mulheres. Para Brah (2006), mundialmente, o movimento foi fortalecido após a 2ª guerra mundial, pois, durante a guerra, provou-se a capacidade das mulheres em exercer as funções antes exclusivas para os homens. Com o objetivo de “erradicar desigualdades derivadas da noção de diferença sexual inerente a teorias biologicamente deterministas” (Brah, 2006, p. 342), o movimento questionou a subordinação das mulheres dentro da sociedade.

No entanto, é preciso considerar que, ao passo que elas enfrentavam a realidade, elas se deparavam com uma maior resistência dos homens e do público conservador, afinal, a cada conquista, um limite comportamental era rompido, tensionando as relações. “A presença cada vez maior de mulheres, ricas ou pobres, nos espaços urbanos, não abrandou exigências morais da época; pelo contrário, deu ainda mais visibilidade a debates sobre a moralidade feminina” (Bonfim, 2019, p. 39.).

Silvana Goellner (2021) apresenta que, se por um lado, a modernização das mulheres construiu sua emancipação com conquistas como o ingresso no mercado de trabalho; por outro, ela ainda não podia esquecer de preservar suas feminilidades, atribuídas às características de fragilidades e graciosidades, confrontando características associadas à força, virilidade, entre outras, compreendidas como masculinas e reforçadas no esporte em geral. O que pode explicar como a popularização do esporte não atendeu as mulheres e os homens da mesma forma.

### 2.3 VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO FUTEBOL E O ASSÉDIO

Com a exaltação das masculinidades no contexto do futebol, pode-se afirmar que este é um espaço de autoafirmação masculina, ainda que não englobe masculinidades não hegemônicas, pois estas não correspondem a predominância das características fervorosas admiradas e realçadas neste ambiente. No futebol, a presença da mulher, enquanto protagonista e não simplesmente uma acompanhante ou figurante, causa estranhamento aos demais olhares devido a produção e circulação de valores associados a essas masculinidades demonstrando a permanência da desigualdade de gênero. Mendes (2016) destaca que o espaço futebolístico é um ambiente em que o preconceito e discriminação são legitimados e, com essa permissibilidade, ele se torna um alibi para a violência contra a mulher. Os resultados da pesquisa de Bandeira e Seffner (2018), comprovam que, dentro do contexto do futebol, os homens majoritariamente se sentem à vontade para perturbar e assediar as mulheres ao redor. É essa significação de que os espaços desportivos são de pertencimento *deles* que possibilita que os corpos femininos “sejam alvos de diferentes violências, muitas das quais não são nem nomeadas” (Goellner, 2021, p. 109).

A “naturalização” da violência nos estádios de futebol não é exclusivamente relacionada às mulheres. O que se vê é um ambiente que deveria ser de festa, mas que essa ideia de pertencimento masculino e heteronormativo abre margem para muitos torcedores sentirem que podem fazer o que bem entenderem, ainda que agridam e excluam outros torcedores. No que tange a violência de gênero em si, vale lembrar as considerações da pesquisadora Sandra Momm *et al.* (2023), ao trazerem que esta é produzida pela desigualdade de gênero:

A desigualdade de gênero produz a violência, que pode ser entendida sob dois ângulos: a conversão de uma diferença em desigualdade para estabelecer uma relação hierárquica com fins de dominação, de exploração e de opressão; em outro ângulo, ação que trata um ser humano como coisa (Momm *et al.*, 2023).

Para os autores, a violência de gênero é motivada pela relação hierárquica produzida nas relações sociais, que se tornam relações de poder. E, apesar de não serem as únicas vítimas, “a centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos” (Bandeira, 2014, p. 451). Ainda que esta seja uma problemática muito discutida, a ideia aqui não é tratar a violência contra a mulher como mais importante que as demais, mas sim, compreender que, historicamente, os corpos femininos são submetidos a esse tipo de violência devido às relações de poder instituídas socialmente.

Com base no estudo de Sandra Momm *et al.* (2023), a concentração da violência de gênero é expressiva e atinge setores aparentemente distantes, como a economia. Segundo os autores, 14,6% do Produto Interno Bruto (PIB) da América Latina, correspondendo a 10,5% do Brasil, é comprometido em decorrência a violência contra à mulher. Há de se reconhecer que houve muito avanço nos cenários que envolvem a violência de gênero, devido a luta e força de movimentos sociais que cresceram ao longo dos anos. Desde a realização de conferências e convenções mundiais contra a discriminação contra à mulher, campanhas, e a criação de leis, como a Lei Maria da Penha<sup>25</sup> que, por sua vez, merece todo reconhecimento, já que mudou o panorama nacional. Porém, mesmo com tudo isso, a ocorrência da violência de gênero e a necessidade dessa discussão, explícita que ela não é algo pontual, e sim intrinsecamente construído. Ou seja, que ainda está presente na vida das mulheres.

Faleiros (2007) determinou que a violência de gênero decorre da divisão entre machos e fêmeas, o que retorna ao determinismo biológico. Mas aqui, a autora quer dizer que essa violência corresponde ao que socialmente foi determinado como função de cada sexo, como qual lugar a fêmea deve ocupar, qual status ela pode ter, estruturando as relações de poder.

---

<sup>25</sup> Criada em 2006, o Brasil instituiu a Lei Federal n.º 11.340, a Lei Maria da Penha (LMP), que, segundo consta em sua promulgação, busca coibir a violência, promover a igualdade de gênero, responsabilizar os agressores, responsabilizar os serviços de diferentes naturezas assistenciais para o acolhimento das mulheres em situação de violência, criar campanhas que incentivam a denúncia dos episódios de violência (Brasil, 2006).

Historicamente, os machos estruturaram o poder patriarcal de dominação sobre as fêmeas (...). Trata-se da estruturação social da propriedade, dos poderes, do mando, dos territórios e das condutas: propriedade e poder sobre os corpos, a sexualidade e as condutas sexuais dos gêneros não-masculinos, sobre os territórios públicos no mercado de trabalho, nos postos de decisão e direção e na política (Faleiros, 2007, p. 63).

Portanto, a violência de gênero, especificamente contra mulheres, não é algo atual. Acontece desde que as relações sociais foram estabelecidas e constituídas como relações de poder, principalmente dentro da vida privada. Com base nisso, Brah (2006) resume que não existe relação de poder onde a dominação e a subordinação baseadas em princípios igualitários sejam produzidas e garantidas.

Porém, é importante trazer à tona que as violências perduram e ultrapassam os limites do privado quando alguém se atreve a desafiar a estrutura patriarcal consolidada, ocupando territórios destinados ao gênero masculino, como o estádio de futebol, por exemplo. Quando uma mulher desvia daquilo que lhe fora estabelecido, decide ir ao estádio, torcer pelo seu time, xingar, beber, comentar e ir contra os padrões estipulados para os corpos femininos, ela está ameaçando toda a estrutura de poder. Para Faleiros (2007), essa ameaça é crucial para a externalização da violência que “surge quando os gêneros não-masculinos saem dos lugares que lhes são determinados e se tornam subversivos – quando o poder patriarcal estruturado é contestado e se acha ameaçado” (Faleiros, 2007, p. 64).

Nesse sentido, cabe refletir que a modernização da mulher enquanto ocupante dos espaços públicos de forma independente provocou a produção de diferentes formas de violência por parte dos homens. Na realidade, a violência de gênero, contemplando as suas diferentes manifestações, sempre existiu, principalmente no que tange o espaço privado, mas com a emancipação da mulher, ela foi externalizada. Portanto, o processo de ocupação da mulher é sempre marcado por ser um processo de resistência.

Para a torcedora de futebol também não foi diferente. Por mais que, pensando em uma perspectiva histórica, ela sempre estivesse presente nos estádios, a sua relevância enquanto questionadora e entendedora não era considerada, obtendo um papel figurativo, relação que é refletida até os dias atuais.

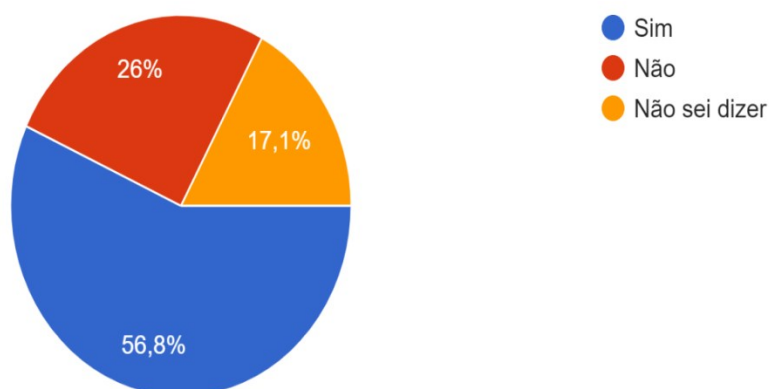
Mesmo estando presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar seus casos. Embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante (Campos, 2010, p. 87).

Para mudar o panorama e adentrar nesse espaço com essa nova postura, está sendo (pois é um processo que está acontecendo) preciso enfrentar todas as masculinidades que legitimam as violências contra a mulher dentro do estádio. “Se a prática é produtiva de poder, então a prática é também um meio de enfrentar as práticas opressivas do poder” (Brah, 2006, p. 373).

O pertencimento que os homens sentem dentro do estádio de futebol é o que possibilita a maior incidência de violência contra as mulheres nesse espaço. O pensamento de que eles têm maior poder naquele ambiente intimida as torcedoras que simplesmente querem torcer pelo seu time como qualquer outro torcedor. Essa violência pode ser manifestada de diferentes formas, dentre elas o assédio que, por sua vez, também possui diversas manifestações a serem tratadas ao longo dessa dissertação.

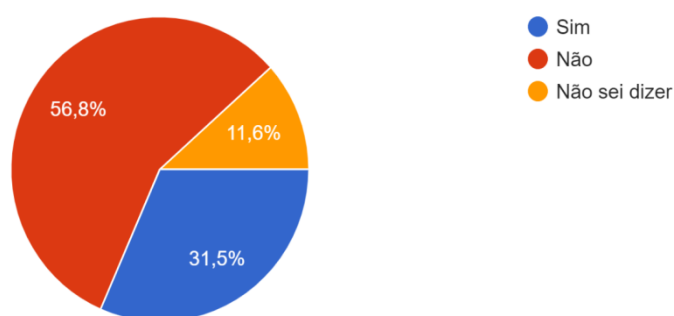
No início do formulário aplicado na pesquisa, as participantes foram perguntadas sobre situações de assédio no Mineirão, ainda que não tivessem sido dadas nenhuma definição deste termo. Mesmo assim, ficou evidente que o assédio no estádio de futebol não é uma hipótese, mas sim, uma realidade, visto que, a maior parte das torcedoras que compuseram a amostra confirmaram já terem presenciado algum caso de assédio no Mineirão. Pessanha (2020) já afirmava que o assédio ainda era um problema recorrente nos estádios de futebol, tendo em vista as masculinidades realçadas nesses espaços. A partir dos dados adquiridos, esse raciocínio foi confirmado. Por outro lado, é curioso que, quando questionadas se elas já foram vítimas de assédio nesse estádio, as respostas se inverteram, como pode ser visto nos gráficos abaixo (Gráfico 4 e Gráfico 5):

Gráfico 4 — Você já presenciou algum caso de assédio em dias de jogos?



Fonte: Google Forms.

Gráfico 5 — Você já foi vítima de assédio no estádio Mineirão em dias de jogos?



Fonte: Google Forms.

Para entender essa inversão, é necessário compreender a complexidade do conceito de assédio. Diante disso, nota-se que a opção de resposta “não sei dizer” em ambos os casos, foi consideravelmente escolhida pelas torcedoras. Nesse sentido, é preciso considerar que a incerteza sobre a ação ser ou não contemplada como um assédio recai mais quando você é a vítima do que quando você julga um terceiro indivíduo. Afinal, o assédio pode ser mal interpretado como um flerte indesejado, confundido com uma paquera ou uma brincadeira. Essa dúvida, muitas vezes, leva a vítima a se questionar se ela não está exagerando ou se não foi ela quem provocou que o assédio acontecesse.

Além disso, após ser assediada, é comum que ela tenha dificuldade de expor a violência para alguém, pois “o medo e a vergonha, aliados à precariedade da assistência às mulheres contribuem para a manutenção do silêncio” (Momm *et al.*, 2023, p. 2). Corroborando com os autores, Ferreira (2017) afirma que, após ser assediada, a maioria das vítimas fica constrangida e isso pode provocar o sentimento de tristeza e vergonha de expor o ocorrido para terceiros, entre outras questões a serem debatidas posteriormente.

Com base nisso, vale discutir a amplitude do conceito “assédio” conforme tipificado por leis. Dentre suas possíveis manifestações, há o assédio moral que, de acordo com Dias (2019), corresponde a exposição da vítima a situações vexatórias, humilhantes ou de perseguição com o intuito de constranger, intimidar e atacar a dignidade de alguém, podendo ser apresentada na forma de perseguição ou por meio de uma violência emocional, também conhecido por muitos como assédio psicológico. Já pensando o assédio verbal, ele é mais fácil de ser identificado e diz respeito a quando “alguém diz coisas desagradáveis, violentas, ameaçadoras ou invasivas” (Lei das Contravenções Penais n. 3.688/1941).

O assédio sexual se diferencia dos demais por prescindir do objetivo de obtenção de vantagem ou favorecimento necessariamente de cunho sexual. Para Diniz (1998, p. 285), o assédio sexual é o ato de constranger com gestos, palavras ou emprego de violência no intuito de obter vantagem sexual. Conforme Delgado (2017, p.1373), essa prática é conceituada como uma conduta de importunação maliciosa, que atua de forma explícita ou não, “com interesses e conotações libidinosos, de uma pessoa em relação a outra” (Delgado, 2017, p.1373). Freitas (2001) ainda coloca que o assediador se utiliza de peças rasteiras como ironias ou insinuações de humor duvidoso.

O assédio sexual é uma manifestação sexual ou sensual alheia à vontade da pessoa a quem se dirige. Caracteriza-se por abordagens grosseiras, cantadas abusivas e posturas inadequadas que causam constrangimento, humilhação e medo. Apresenta-se na forma de palavras, gestos, olhares, toques não consentidos, entre outros comportamentos (Pinheiro; Caminha, 2021, p. 2).

O assédio sexual é um problema que se perpetua ao longo do tempo, afinal ele está intrínseco na sociedade ao ponto de, muitas vezes, ser naturalizado. “O assédio, o abuso, o estupro e a sexualização são práticas que, de diferentes modos e intensidades, irrompem sobre elas causando danos, muitas vezes irreversíveis, a sua integridade física e psicológica” (Goellner, 2021, p. 109). Ele se faz presente em

diferentes esferas da sociedade, seja “no ambiente de trabalho, nos transportes públicos, nas escolas, nas mídias, nos clubes, praças, academias de ginástica” e, logo, nos estádios de futebol, auxiliado por todo o machismo que o futebol promove (Pinheiro; Caminha, 2021, p. 2).

A naturalização da disponibilidade do corpo feminino no espaço público, expressão da presença de uma cultura do estupro enraizada no Brasil, permite que muitos homens não compreendam ou, mais ainda, não respeitem a negativa feminina, a ausência de reciprocidade diante de uma tentativa de aproximação sexual (Bandeira, 2018, p. 4).

Destaca-se que assédio moral se diferencia de assédio sexual principalmente no que se refere aos interesses da ação. Bem como apontado por Zanetti (2014, p. 50), o assédio sexual atenta contra a liberdade sexual do indivíduo, como é visualizado na questão de gênero, já o assédio moral fere a dignidade psíquica do sujeito. Ainda que alguns exemplos de assédio sexual também possam ser englobados no assédio moral, já que eles causam constrangimentos e humilhações capazes de perdurar a dignidade psíquica.

Sobre o conceito de “assédio”, ainda sem apresentá-las nenhuma definição prévia, foi perguntado às torcedoras participantes da pesquisa no questionário sobre o que elas compreendiam pelo termo. Por se tratar de uma pergunta aberta aplicada a 151 mulheres, era esperado que as respostas obtidas fossem variadas. Por isso, para a realização da análise, foi preciso categorizar as palavras em comum encontradas nas respostas, descobrindo a recorrência de muitas expressões como as demonstradas na Tabela 3:



Tabela 3 — O que você entende por “assédio”?

<b>Termos</b>	<b>Frequência de aparecimentos</b>
Importunação	40
Desrespeito (der <sup>26</sup> )	35
Constrangimento (der)	29
Mulher	21
Sexual	20
Abuso (der)	11
Invasão	10
Incômodo (der)	6
Limites	5

Fonte: Realizada pela autora.

Com base na tabela 3, percebe-se que há uma grande recorrência de palavras com cunho negativo ao se pensar nessa violência. Chama a atenção a grande quantidade de definições que utilizaram da palavra “importunação” que, muitas vezes, é utilizada como um sinônimo de “assédio”, apesar de a primeira ser um termo bem mais abrangente, incluindo aborrecimentos e insistências relativamente brandas. Além disso, destaco que a palavra “sexual” foi encontrada 20 vezes nas definições, porém vale lembrar que ela se refere a apenas uma das possíveis manifestações do assédio, o assédio sexual. No entanto, existem outras possíveis, como evidenciado anteriormente.

No que se refere a utilização do termo “constrangimento” para definir o assédio, cabe refletir que este se trata de uma consequência de ser assediada, de um sentimento causado pela violência. Apesar de não ser de fato uma definição, é algo que as mulheres remetem quando pensam em assédios. E ainda, mesmo que muitas participantes tenham afirmado “não sabem dizer” nas últimas perguntas (se já presenciaram e se já foram vítimas de assédio no estádio do Mineirão), os termos utilizados foram muito recorrentes e, quando não eram os mesmos, eram parecidos, o caso de “limites” e “invasão”. Ou seja, a concepção informal de assédio das

<sup>26</sup> Der: Inclui-se derivações da palavra em questão.

mulheres - sem acesso a nenhum tipo de dicionário ou definição acadêmica anteriormente - é coerente. O que me leva a crer que, de forma geral, as participantes da pesquisa tinham informação suficiente sobre o que é assédio, apesar da complexidade compreendida de identificá-lo. Sobre isso, é possível inferir uma relação com os dados referente a escolaridade das mulheres que se mostrou alta num ponto de vista geral.

Já ingressando na terceira parte do questionário, aquela exclusiva para as torcedoras que afirmaram já terem sido vítimas de assédio no estádio do Mineirão (total de 46 mulheres), foi pedido que elas identificassem em qual manifestação a violência sofrida se encaixaria. Ainda que existam pequenas divergências entre os autores acerca de suas possíveis representações, considero neste estudo o assédio moral, sexual e verbal; sendo que algumas ocorrências podem se configurar em mais de uma divisão ou compor subdivisões. Para isso, nesse momento, elas tiveram acesso a seguinte definição elaborada por mim com base no referencial desta pesquisa:

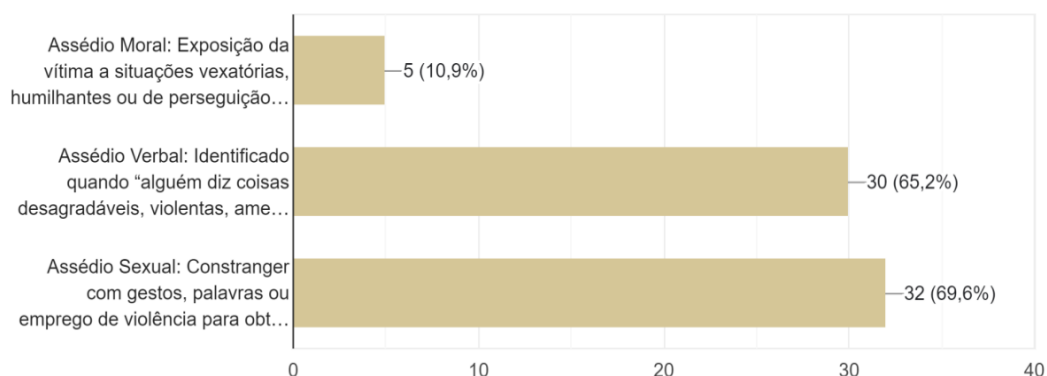
*“Assédio Moral: Exposição da vítima a situações vexatórias, humilhantes ou de perseguição com o intuito de constranger, intimidar e atacar a dignidade de alguém, pode ser apresentado na forma de perseguição ou por meio de uma violência emocional, também conhecido como assédio psicológico.*

*Assédio Verbal: Identificado quando “alguém diz coisas desagradáveis, violentas, ameaçadoras ou invasivas”.*

*Assédio Sexual: Constranger com gestos, palavras ou emprego de violência para obter vantagem sexual, é uma conduta de importunação maliciosa que atua de forma explícita ou não, com interesses e conotações libidinosos, de uma pessoa em relação a outra.”*

### Gráfico 6 — Manifestações de Assédio

A violência sofrida se encaixa em qual dos tipos abaixo (tendo em vista os conceitos explicitados):  
46 respostas



Fonte: Google Forms.

Como exposto no Gráfico 6, percebe-se que o assédio moral foi o menor identificado pelas torcedoras em comparação aos outros. Sua manifestação pode ser mais subjetiva, dificultando sua interpretação por envolver as emoções e o inconsciente do indivíduo. Já o assédio verbal e o sexual são mais fáceis de serem identificados por conterem critérios específicos e mais objetivos. Então, conforme foi encontrado na pesquisa, essas duas são as manifestações mais frequentes no estádio de futebol.

O assédio sexual ganhou destaque sendo a opção mais escolhida pelas torcedoras, o que possibilita estabelecer relações com o ambiente que estas se encontram, salienta-se que após apresentado uma definição das manifestações de assédio. O fluxo de homens no estádio é muito maior do que o de mulheres, ainda que elas tenham se tornado mais frequentes do que antes. Por isso, sua construção e suas funcionalidades são pensadas para este público. Assim, o estádio confirma ser um lugar "masculino" que propicia a violência de gênero, preferencialmente, com interesse e conotação sexual, de forma a intimidar e reafirmar a superioridade e o pertencimento dos homens naquele espaço. Ao entender que, para ser assédio sexual, há de ter o intuito da obtenção de vantagem sexual, é reforçado que o gênero socialmente compreendido é um fator determinante para a ocorrência do assédio no estádio, e, por isso, reafirmo que, para as mulheres, contemporaneamente, ir ao estádio é uma resistência.

Por fim, seguimos para o próximo capítulo onde são abordadas questões específicas referentes aquelas mulheres vítimas de assédio no estádio do Mineirão e, assim, discutir detalhes sobre como onde a violência aconteceu, qual a relação desses ocorridos com o estádio e quais foram as reações dessas mulheres perante a violência em um espaço supostamente democrático.

### 3. AS MULHERES ASSEDIADAS NO ESTÁDIO

Dando prosseguimento às discussões estabelecidas a partir de todo o referencial teórico e dos resultados conquistados nessa pesquisa, é necessário dar enfoque às mulheres assediadas dentro do estádio. Agora, entendendo melhor como a violência de gênero pode ser relacionada às masculinidades presentes no contexto do futebol, vale compreender como o assédio ocorre dentro do estádio, espaço destinado ao lazer de seus consumidores. Eles que o frequentam por vontade própria, guiados pelo sentimento intenso que os fazem torcer pelo seu time do coração. Além disso, tendo em vista a sensibilidade exigida pela temática, é necessário pensar sobre as reações das vítimas após sofrerem essa violência, por isso, é aqui onde os relatos e apelos das torcedoras entrevistadas nos atentam para possíveis as consequências e os impactos do assédio.

Portanto, esse capítulo é dedicado a discutir como o estádio é significado por diferentes torcedores. A partir dos resultados das pesquisas, busca-se evidenciar onde este espaço falha em não conseguir conter que a violência de gênero aconteça de forma recorrente, naturalizada e que seja vista com indiferença.

#### 3.1 O ESTÁDIO DE FUTEBOL É DEMOCRÁTICO?

Partindo do pressuposto ressaltado no capítulo anterior de que o assédio no estádio acontece e que os seus frequentadores percebem a sua ocorrência durante as partidas, é preciso questionar: o estádio de futebol é um espaço democrático? Sob o ponto de vista histórico, Lacerda e Trindade (2021) apontam que os estádios são exemplos de edificações que representam a cultura do país. “A partir da metade do século XX, o futebol assentou-se como um importante ramo na indústria do entretenimento no Brasil e assim, refletiu a necessidade de construir novos estádios, mais eficientes e com um espaço maior para atender os torcedores” (Lacerda; Trindade, 2021, p. 816).

Em uma perspectiva geopolítica, Mascarenhas (2013) apresenta a constituição histórica do estádio como um campo de pertencimento, de identidades e de uso popular, desde os discursos inflamados do então presidente Getúlio Vargas na década de 30, até as modernizações atuais. Esse movimento de “apropriação do

estádio faz dele um elemento singular na reprodução social da cidade” (Mascarenhas, 2013, p.155).

A cidade de Belo Horizonte, assim como o restante do Brasil, também vivenciou o processo de popularização do futebol no século XX. Conforme o que era esperado com sua criação, a capital visava construir uma identidade moderna a partir do convívio público e, segundo Souza Neto (2010), esse processo não enfrentava muitas resistências. Nesse intuito, o futebol se constituía como um excelente pretexto. Desde a criação da Taça Bueno Brandão em 1914 ainda sob referências elitistas que atrelavam o futebol a burguesia brasileira. Souza Neto (2010) constata que a existência de competições como a Taça Bueno Brandão foi fundamental para o desenvolvimento dos torcedores, apesar de que ainda longe de serem torcidas com os comportamentos que conhecemos atualmente.

A realização de campeonatos do vulto da “Taça Bueno Brandão” iria gerar uma nova concepção de público assistente que, motivado pelas disputas acirradas dos clubes pelo título de campeão, começava a construir um sentimento de afeição pelos times. Embora ainda estivessem distantes de se comportarem como torcedores apaixonados, a assistência passava a nutrir uma admiração e uma preferência por um dos clubes, criando uma identificação entre o sujeito e a instituição esportiva (Souza Neto, 2010, p. 40).

Para o autor, a criação da Liga Mineira de Sports Athleticos foi um marco na nova etapa da cultura esportiva por sua organização e pelos parâmetros exigidos no esporte. Aos poucos, o futebol foi ganhando destaque na imprensa mineira da época perante as demais modalidades esportivas e, sendo assim, imprescindível para a popularização do futebol na cidade de Belo Horizonte. Outro fator importante para a aproximação da população belo-horizontina com a modalidade, foi a realização de partidas entre estados que, segundo Souza Neto (2010), fortificou um certo patriotismo estadual e inaugurou o sentimento de rivalidade que engrandeceu a paixão dos torcedores:

A realização de partidas onde os combinados de um outro Estado enfrentavam a esquadra mineira acabava por realçar o sentimento de pertencimento nos habitantes da cidade. Tida como a principal praça esportiva do país, o Rio de Janeiro se apresentava como o mais importante “rival” dos mineiros, e gestava um sentimento que extrapolava os limites anteriormente construídos nos embates esportivos da Capital, inaugurando a ocorrência de condutas desviantes (Souza Neto, 2010, p.49)

Ao longo dos anos, foram sendo criados mais campeonatos e times não apenas na capital mineira, como em todo o estado de Minas Gerais. A popularização do futebol foi sendo evidenciada inclusive com a inauguração de jornais e periódicos

específicos para abordarem os assuntos da modalidade local, como “O *Foot-ball*” em 1917 e “O *Treno*” em 1918. Com base nisso, Souza Neto (2010) coloca que era urgente a necessidade de um novo campo de futebol na cidade, visto que o Prado Mineiro, campo onde as partidas aconteciam até então, não comportava mais do que 1500 espectadores, dando forças para a construção da Praça de Esportes do América Esporte Clube, inaugurada em 1923, alcançando mais de 4000 pessoas. A popularização do futebol foi exponencial durante a década de 20 por meio de campeonatos, criação de clubes e rivalidades essenciais para desenvolver a sensação de pertencimento:

Se antes o futebol despertava o interesse de uma reduzida classe de pessoas, a dos desportistas convictos, a segunda metade da década de 1920 revelava a grandiosa apropriação do universo futebolístico em Belo Horizonte, com dezenas de milhares de indivíduos ligados à rotina dos jogos e campeonatos ocorridos na cidade (Souza Neto, 2010, p. 89).

Ao final da década de 20, precisamente em 1929, o Clube Atlético Mineiro, um dos clubes mais tradicionais da cidade, inaugurou seu estádio com nome do governador da época, o estádio Antônio Carlos, em uma localização privilegiada da cidade e capaz de comportar 15 mil espectadores. Esse foi um marco com grande repercussão na imprensa local e nacional, afinal receber cerca de 30% da população em um evento esportivo transparecia a dimensão que o futebol havia tomado.

O aumento da capacidade de público e o atendimento a questões ligadas à higiene e ao conforto davam prova de uma nova mentalidade, mais atenta a aspectos relacionados à demanda de consumo, cada vez mais ampliadas. A inauguração do estádio Antônio Carlos, com a realização da partida entre o Atlético e o Corinthians, era de fato tão significativo para a cidade, que o próprio comércio local indicava, na sua postura, tal condição (Souza Neto, 2010, p. 100)

Assim o futebol foi cada vez mais se tornando popular e exigindo aperfeiçoamento e estrutura dos clubes, até mesmo para acompanharem os clubes do restante do Brasil, especificamente os paulistas e cariocas. Na Copa de 1950, a capital mineira contou com jogos no estádio Raimundo Sampaio, o Independência, localizado na região leste da cidade, construído pela prefeitura municipal para sediar o megaevento. De acordo com Schetino (2014), receber as partidas da copa em Belo Horizonte serviu para a consolidação da cidade como uma das capitais mais importantes do país. Porém, posteriormente, este estádio já não comportava a demanda populacional da cidade que, por sua vez, cresceu de forma descontrolada

a partir da década de 1930<sup>27</sup>. Santos (2005) conta que a necessidade de um novo estádio exalava tanto que, em 1958, a Federação Mineira de Futebol chegou a apresentar um projeto de um novo estádio que seria construído às margens da BR-040 (na época denominada BR-3), porém, por divergências relacionadas à licitação do terreno escolhido, o projeto não saiu do papel. Por isso, diante desse cenário, “a construção do Estádio Minas Gerais, que pouco depois de sua inauguração foi renomeado Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, como popularmente ficou conhecido, exerceu um importante papel para o estado” (Santana, 2016, p. 39).

Assim como no Independência, a construção do Mineirão mexeu com a estrutura física e com a organização espacial da cidade de Belo Horizonte, além dos modos de vida e costumes da população, pois possibilitou aos habitantes novas práticas e manifestações da cultura esportiva (Schetino, 2014, p. 188).

Segundo a pesquisa realizada por Santana (2016), durante a construção do Mineirão, foi amplamente divulgado que este seria o estádio mais moderno do mundo, trazendo destaque não apenas para o futebol mineiro, mas também para o estado de Minas Gerais. Quando comparado ao Maracanã, Santos (2005) relatou que a mídia destacava que apesar de o carioca ser maior, o mineiro era mais moderno, sutil e eficiente. Colaborando com o crescimento da cidade de Belo Horizonte, o estádio localizado na região da Pampulha, distante do centro da capital, promoveu avanço no transporte e no desenvolvimento da região, contribuindo com um processo de descentralização da cidade. A sua relação com a localização gerou inclusive um de seus apelidos pelo qual é conhecido: o “Gigante da Pampulha”.

Causador de muita euforia para os mineiros desde sua inauguração em 1965, o Mineirão foi palco de grandes jogos e certamente está na memória de muitos torcedores. Assim como os outros estádios que receberam jogos da Copa do Mundo de 2014 sediada no Brasil, o Mineirão passou por uma reforma para se adequar aos padrões determinados pela FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*<sup>28</sup>) que supostamente ofereceriam modernidade e conforto ao torcedor que fosse assistir ao espetáculo. Porém, essas mudanças trouxeram outras questões à tona, surgindo “um novo conceito de estádio que se impôs como

---

<sup>27</sup> Conforme Botelho (2007), Belo Horizonte contava com 55 mil habitantes em 1920, saltando para 211 mil duas décadas depois, em 1940. E ainda, em 1950, a capital abrigava cerca de 352 mil habitantes, mantendo um crescimento populacional acima de 4% ao ano.

<sup>28</sup> Tradução para: Federação Internacional de Futebol



paradigma mundial de conforto, segurança, previsibilidade, controle e, acima de tudo – embora veladamente –, rentabilidade e elitização” (Mascarenhas, 2013, p. 143).

A reforma no Mineirão foi realizada a partir de um contrato de Concessão entre o Estado e a Concessionária Minas Arena Gestão de Instalação Esportiva S.A e deixou o estádio fechado por dois anos (2010 a 2012). Para Pacheco *et al.* (2020), as mudanças evidenciadas nesse “novo” Mineirão, pós-reforma, também foram percebidas nos seus arredores, como no modo de agregação dos torcedores antes das partidas. A construção da esplanada, por exemplo, trouxe uma nova visão de aproveitamento do espaço. Segundo Campos (2016), após a reforma do estádio, a esplanada se tornou um equipamento de lazer dos moradores de Belo Horizonte, abrigando não apenas os torcedores antes das partidas com pequenos shows, bares e lanchonetes, mas também com práticas de skate, patins, brincadeiras infantis, entre outras, tanto durante a semana quanto finais de semana.

Ainda que os autores considerem “o ‘novo Mineirão’ como um equipamento urbano de fundamental importância para a melhoria da qualidade da fruição, mobilidade, estética e agregação torcedora” (Pacheco *et al.*, 2020, p. 15), Mascarenhas (2013) apresenta que essa modernização pretende controlar o comportamento da torcida, instaurando um novo modelo normatizador do consumo do futebol:

Ela (a modernização) visa remover de seus recintos todos aqueles comportamentos considerados inadequados à nova ordem de consumo passivo do espetáculo futebolístico. (...) Pretende-se ter um estádio “civilizado”, em contraposição ao caos e à “barbárie” supostamente reinantes no modelo anterior, considerado vulnerável a movimentos de massa incontroláveis e sujeito à atuação de grupos sociais “perigosos” (Mascarenhas, 2013, p. 159).

Esse novo modelo impõe mecanismos de exclusão social, exemplificados pelos altos valores dos ingressos para as partidas, contradizendo a apropriação histórica popular dos frequentadores do estádio estudada pelo autor. Em conformidade, Ferreira (2017) destaca que a transformação dos novos estádios frequentados por torcedores de maior poder aquisitivo excluiu o torcedor tradicional, “oriundo, em sua maioria, das classes populares, visto agora como indesejável” (Ferreira, 2017, p. 38). As reformas e as construções dos novos estádios modernos, padronizados e, de certa forma, excludentes, geraram o fenômeno da “arenização” que explicita o viés comercial e explorador por trás do futebol, que ignora a massa de torcedores.

Ainda assim, percebe-se que a relação futebol e torcedor depende do estádio por toda a relevância de abrigar o espetáculo da partida. Há de se considerar que as mudanças e reformas estabelecidas nesses espaços podem descaracterizar parte de suas tradições, fazendo uma seleção de seus frequentadores disfarçados pela promessa de segurança, ordem e conforto. Conforme mostrou Santana (2016), os novos modelos de estádio pressupõem outro comportamento da torcida, sendo mais pacífica e controlada. Sobre a presença feminina no estádio, Bandeira e Seffner (2018) indicaram que, dentro do processo anteriormente abordado de modernização (ou “elitização”, segundo os autores) dos estádios atuais, há um certo investimento para que as mulheres passem a frequentar mais esse espaço.

No entanto, tal promessa vale ser questionada, tendo em vista que a violência ainda está presente nos estádios, evidenciado pelos casos de assédio dessa pesquisa. Ainda que a quantidade de mulheres frequentando os estádios possa ter aumentado, processo relacionado com a ocupação das mulheres nos lugares públicos e no mercado de trabalho, bem como com a expansão dos movimentos feministas e com a independência culturalmente mais aceita desta mulher, ela ainda se encontra vulnerável a violência de gênero quando frequenta o estádio de futebol. Nesse sentido, destaco a constatação de uma das torcedoras entrevistadas, Alessandra, que, assim como todas as participantes, são identificadas na pesquisa por nomes fictícios, cumprindo com o anonimato estipulado no termo de consentimento aplicado previamente a entrevista:

*“A todo tempo o estádio está te lembrando de que ali não é o nosso lugar, visto o baixo número de banheiros femininos em cada setor”.*

A justificativa utilizada pela torcedora é uma entre tantas capazes de expor como a mulher tem dificuldades de pertencer àquele espaço. A falta de banheiros femininos pressupõe que menos mulheres frequentem o estádio, quando comparado com homens, reiterando a apropriação deles no ambiente.

Tanto Mascarenhas (2013) quanto Ferreira (2017) concordam que o estádio de futebol, especificamente o estádio Maracanã, pode ser hostil e causar insegurança para determinados grupos sociais, como os homossexuais e as mulheres, reflexo do machismo e da lgbtfobia presentes na sociedade. “Atitudes como manifestações sexistas, homofóbicas e raciais, que seriam reprovadas pela dinâmica social fora do estádio, são relativizadas no seu interior” (Abrahão, *et al.*, 2014, p. 746).

Diante disso, o espaço do estádio não pode ser considerado democrático. Além de não coibir a violência de gênero contra as mulheres e nem garantir uma segurança básica igual a todos os torcedores e torcedoras, com as transformações oriundas da reforma, o Mineirão passou a se tornar mais excludente com ingressos e produtos mais caros.

O discurso social vendido para a reforma do estádio não funcionou na prática, pois aqueles que antes se deparavam com um ambiente hostil, ainda não se sentem confortáveis nos estádios, como é o caso das mulheres. E ainda, os novos estádios aliados a mercantilização do futebol e interesse econômico dos clubes passaram a deixar as camadas populares propositalmente do lado de fora do espetáculo esportivo. Vale enfatizar o papel discursivo de desejar o aumento da presença de mulheres no estádio, visto que, na prática, as reformas que vislumbravam uma modernização não necessariamente tornaram a experiência de lazer das torcedoras mais segura e acessível. O comportamento da torcida dentro dos novos estádios ainda pode promover a violência de gênero.

### 3.2 O ASSÉDIO NA LUPA

O espaço de um estádio abrange muitos ambientes, desde sua entrada, seus arredores, seus bares e suas arquibancadas. Pensando no Mineirão, ainda se inclui a esplanada que possibilita encontros e entretenimento para os seus frequentadores. A esplanada “passou a significar um novo espaço de lazer e de turismo em Belo Horizonte, que possibilitou uma área com infraestrutura e segurança para seus frequentadores” Campos (2010 *apud* Ferreira; Silva, 2019, p. 70)

As 46 mulheres que confirmaram pelo questionário já terem sido vítimas de assédio no estádio do Mineirão, foram perguntadas sobre onde, dentro de todo esse amplo espaço considerado do estádio, a violência aconteceu. Conforme evidenciado na tabela 4, percebe-se que os bares são majoritariamente os lugares onde os assédios mais acontecem:

Tabela 4 — Espaço onde o assédio aconteceu (questionário)

Espaço	
Bar	<b>25</b>
Arquibancada	13
Esplanada	19

Fonte: Realizada pela autora.

Ao pensar que a arquibancada é o espaço citado com menor ocorrência de assédios, confronta-se a relação dessa violência com o futebol em si, pensando na modalidade esportiva. Visto que é possível inferir que a arquibancada é o local destinado para assistir à partida, onde as atenções dos torcedores se voltam para o que está acontecendo no gramado. Quando essa atenção muda, por exemplo, quando os torcedores estão nos bares e ali o interesse se torna a festa, a bebida e a socialização com os demais torcedores, o assédio se torna mais comum. Ou seja, o assédio é uma violência social, que decorre da relação de gênero culturalmente existente.

Sobre isso, destaco que a experiência de ir ao estádio contempla vivências únicas de sociabilidade, sendo que muitas acontecem nos bares. Como constatado por Pacheco *et al.* (2020), e já dito anteriormente, a interação é mais importante do que o conteúdo dessa experiência. São nesses momentos que o comportamento social é notado.

Entre as 12 torcedoras entrevistadas, o padrão se manteve o mesmo. Metade delas relataram que o assédio aconteceu nos bares do estádio, mais especificamente na fila para pegar bebidas, momento geralmente tumultuado e que a desorganização dificulta as possíveis fiscalizações, facilitando o assédio.

Tabela 5 — Onde o assédio ocorreu (entrevistas)

Onde aconteceu	Quantidade
arquibancada	3
bar	6
esplanada	2
arredores	1

Fonte: Realizada pela autora.

O contexto encontrado nos bares do Mineirão em dias de jogos cheios é desafiador para os torcedores. Reflito se esse cenário pode ser influenciado pela venda de cervejas ser limitada, permitida apenas até o final do intervalo da partida, o que gera maior apelo e desespero dos torcedores que desejam beber durante todo o jogo e, para isso, têm que comprar tudo que pretendem consumir em um determinado intervalo de tempo. Esse contexto, ao meu ver, facilita a ocorrência do assédio, o que fica ainda mais nítido por meio dos relatos das torcedoras:

*“Fomos pegar uma bebida no bar. Como sempre, estava muito cheio, e um homem começou a nos importunar, fazer piadas, falar que ele não deixaria a esposa dele ir ao estádio, nos ameaçar dizendo que ele poderia fazer qualquer coisa com a gente.”* Contou a torcedora do Clube Atlético Mineiro, Alessandra.

Aqui, o assediador externaliza sua opinião machista de que o espaço do estádio de futebol de fato não pertence às torcedoras e ainda coloca sua posição, enquanto homem e mais especificamente, cônjuge de sua esposa, como superior diante da sociedade patriarcal para ter o poder de controlar onde ela poderia ou não frequentar. Isso concorda com as definições de assédio encontradas na literatura e na legislação brasileira, onde o assediador aproveita de sua superioridade para abordar as vítimas. Em mais um assédio em um dos bares do Mineirão, a torcedora do Cruzeiro Esporte Clube, Luiza, detalhou:

*“No meu caso não foi nada muito sério. Alguns olhares sempre acontecem, não só nos estádios ‘né’ e a gente aprende a lidar. Mas, uma vez, eu estava com minha mãe e estava esperando ela em frente a um bar porque ela tinha ido buscar cerveja. Eu nem bebo cerveja. Nisso um homem bem mais velho de uns mais de 60 anos, eu tenho 23, que já estava me olhando de uma forma nojenta sabe, começou*

*a chegar perto e falou comigo: Mineirão melhorou demais, vê se antigamente tinha uma morena dessa do meu lado. Não sei explicar, mas senti muito nojo”.*

O relato de Luiza possibilita muitas discussões. A fala do homem dá a entender que a presença de mulheres no estádio aumentou, mesmo assim, ele apresenta um comportamento violento de forma escancarada, com a expectativa de aceitação daquilo, talvez sem consciência da gravidade de suas palavras. Vale ressaltar que não muito tempo atrás, essas falas eram de fato aceitas dentro do estádio, até mesmo como resultado da relação do comportamento masculino com o futebol.

Outra reflexão possível a partir desse relato é a evidência de um resquício da ideia construída no início do século passado: de que as mulheres estão apenas embelezando aquele ambiente. Além disso, é possível refletir sobre a complexidade do conceito de assédio, que fica explícita principalmente com a frase “*no meu caso não foi nada muito sério*”. Ao ponto de nem a própria Luiza pensar que foi vítima de uma violência grave.

Essa tentativa de minimizar o assédio se trata de uma consequência cultural. Essa atitude, muitas vezes, objetiva fazer aquela violência passar. Geralmente impulsionada pelo constrangimento de ser uma vítima, pela vergonha de sua exposição e pela dúvida de uma possível interpretação errada daquela ação, enquanto as suas consequências podem ser (e geralmente são) duradouras. Outros relatos também deixam claro que essa dúvida passa pela cabeça das mulheres, como na fala abaixo da torcedora Natália, ao designar que os homens estavam extrapolando o que seria aceitável, ultrapassando os limites, utilizando o termo amenizador “*engraçadinhos demais*”:

*“Eu estava com duas amigas, e, certa hora, fomos no bar pegar uma bebida. O bar estava com uma fila muito grande, e tinham dois homens por perto que, podemos dizer, estavam ‘engraçadinhos’ demais, querendo tirar satisfação de tudo, nos amolando. Nos falaram que a gente era bonita, e começaram a soprar nossos ouvidos e nossos pescoços”.*

Para Freitas, “o assédio torna-se possível porque ele é precedido de uma desqualificação da vítima, que é aceita em silêncio ou endossada pelo grupo” (Freitas, 2001, p. 13). Por outro lado, penso que esse “aceite” não é a causa, mas a reação encontrada por muitas vítimas em decorrência da impunidade, da

naturalidade, da falta de suporte, das consequências psicológicas e dos julgamentos aos quais a vítima se depara.

A partir das falas expostas acima e dos demais relatos das entrevistadas, percebe-se que os assédios aconteceram tanto com mulheres acompanhadas quanto com sozinhas. Entre o total das 12 mulheres entrevistadas, sete contaram que estavam acompanhadas de alguém quando foram agredidas, e as demais cinco se encontravam sozinhas enquanto esperavam por alguém. Dentre as acompanhadas, o caso da torcedora do Cruzeiro, Verônica, se sobressai, visto que ela estava acompanhada de muitas pessoas, um grupo de amigos, homens e mulheres quando foi assediada:

*“Estava com um grupo de amigos, meninos e meninas, foi um jogo bem festivo, o Cruzeiro tinha acabado de garantir o acesso para a série A, não lembro contra quem. Estava na esplanada antes do jogo e simplesmente passou um cara correndo e bateu, sim bateu, na minha bunda. Chega a ser engraçado né. Meu grupo mesmo todo mundo riu na hora. O cara saiu correndo, nem vi a cara. Mas chato, nem se fala.”*

Com sua fala, Verônica mostra que a possibilidade de ser assediada existe independente de com quem você esteja. Nele, fica evidente a naturalização do assédio no estádio de futebol transparecendo inclusive na reação dos seus próprios “amigos” que, com normalidade e sem prestar nenhum suporte, apenas riram da situação nada engraçada a qual a torcedora foi submetida. Então, o que é uma violência considerada como crime pela legislação brasileira, ali, no estádio de futebol, foi tratada como uma piada. Pontua-se que “chega a ser engraçado”, quando você não é a vítima, diga-se de passagem. Verônica, ao dizer “mas chato, nem se fala”, mostra nitidamente o seu desconforto diante do assédio e perante a risada do seu grupo de amigos.

Ainda assim, muitas mulheres acreditam que se estiverem acompanhadas de homens, evitam a ocorrência da violência de gênero no estádio. Dentre elas, está a cruzeirense Andreza que não mede palavras para afirmar que “homem respeita homem”. Com base no seu relato, entende-se que a sua forma de pensar decorre da sua experiência que se tornou uma verdade incontestável. Por isso, ela só frequenta estádios de futebol se estiver acompanhada de algum homem:

*“Eu tinha saído do estádio, estava esperando meu namorado sair e aí eu sentei lá naquela parte que tem bebida ao redor do mineirão sabe (esplanada).”*

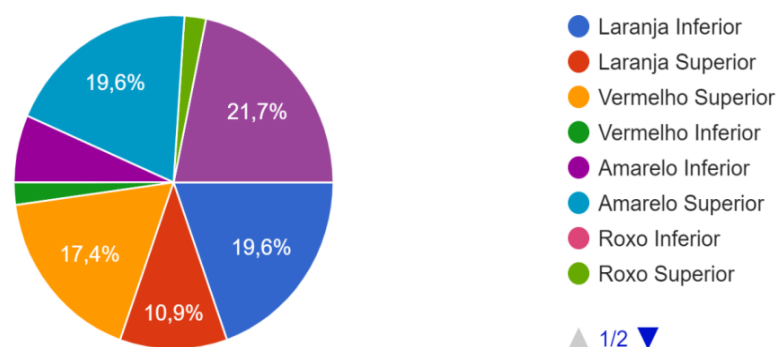
*Nisso, chegou um cara e sentou do meu lado, eu não conhecia ele e ele chegou muito bêbado e ficou tentando conversar comigo falando: eu queria ficar com você e 'não sei o que'. Eu respondia que não queria, mas ele continuou se aproximando, até ficou tentando me beijar e eu me esquivando. E foi assim, até meu namorado chegar. Quando ele (o namorado) chegou, ele saiu e foi assim, ele só saiu com a presença de outro homem. O único efeito que surtiu pro assediador foi o fato de ter aparecido um homem, eu não sei o que teria acontecido se eu tivesse sozinha, se ele teria parado.”*

A experiência de Andreza precisa ser levada em consideração, pois, por mais que, estar acompanhada ou não tenha demonstrado não ser critério fundamental para que ocorra um assédio, das sete mulheres entrevistadas que estavam acompanhadas quando foram assediadas, apenas duas estavam acompanhadas de figuras masculinas. Ou seja, isso representa um quantitativo muito baixo tendo em vista o número de mulheres, vítimas de assédio, que participaram da pesquisa. Por mais errado ou por mais que não devesse ser, o que acontece na realidade é que, dentro do estádio de futebol (e ousa dizer, não apenas nesse espaço), a presença masculina ao lado de uma mulher inibe o assediador. Isso não decreta que o assédio não vá acontecer, mas leva o homem a repensar antes de cometer essa violência. Portanto, apesar de não ser um fator determinante, estar acompanhada de um homem, aparentemente traz maior segurança para a torcedora por afastar, ainda que momentaneamente, muitos assediadores. A opção por ir ao estádio somente se acompanhada de homens infelizmente tem fundamento.

Trazendo de volta à discussão sobre o local onde o assédio aconteceu, foi perguntado no questionário em qual setor do estádio as 46 mulheres que afirmaram já terem sido vítimas dessa violência estavam. Nessa questão, observou-se uma variedade muito grande nas respostas, evidente no Gráfico 7, o que demonstra não ser possível associar o assédio a algum setor específico do Mineirão.



Gráfico 7 — Qual setor do estádio o assédio ocorreu?



Fonte: Google Forms.

Sobre essa pergunta, constata-se que o setor onde o assédio aconteceu não foi tão significativo para essas torcedoras. Com 19,6% das respostas estão empatados os setores Amarelo Superior e Laranja Inferior, seguido do Vermelho Superior com 17,4%.

Tendo em vista a diferença mínima entre as respostas, vejo aqui a possibilidade de desmistificar alguns preconceitos que são facilmente disseminados socialmente: de que os setores não ocupados pelas torcidas organizadas e classes mais populares seriam locais menos propensos para ocorrências de violências. As duas maiores torcidas organizadas de Minas Gerais, segundo apurado em 2023 pela CNN<sup>29</sup>, são a Galoucura, do Clube Atlético Mineiro, seguida da Máfia Azul, torcida do Cruzeiro Esporte Clube. Respectivamente, seus membros costumam ocupar os setores Laranja Superior e Amarelo Superior do Mineirão durante suas partidas. Assim como todas as demais torcidas organizadas do Brasil, geralmente, elas são responsabilizadas pela violência existente no futebol, especificamente, dentro do estado de Minas Gerais.

Para demonstrar a equidade entre os setores, filtrei as respostas apenas entre as torcedoras do Clube Atlético Mineiro e do Cruzeiro Esporte Clube a fim de compreender especificamente a ocorrência do assédio nos setores conhecidos por serem ocupados pelas torcidas organizadas. Ainda assim, apesar desses setores terem aparecido com resultados consideráveis, outros setores também são evidentes e inclusive, conseguem sobressair na quantidade de casos.

<sup>29</sup> CNN Brasil. 28/04/2023: Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/maiores-torcidas-organizadas-do-brasil/>

Tabela 6 — Assédio: setores Atlético e Cruzeiro

**Setor do Mineirão – Atlético e Cruzeiro**

Atlético		Cruzeiro	
Laranja Superior	4	Laranja Superior	2
Laranja Inferior	4	Laranja Inferior	6
Vermelho Superior	7	Vermelho Superior	5
Vermelho Inferior	3	Vermelho Inferior	3
Amarelo Superior	4	Amarelo Superior	6
Amarelo Inferior	1	Amarelo Inferior	1
Roxo Superior	2	Roxo Superior	4

Fonte: Realizada pela autora

Dessa forma, com base no exposto na tabela 6, a violência de gênero no Mineirão não pode ser exclusivamente associada às torcidas organizadas, pois ela está presente na experiência das torcedoras de diversos setores.

Lopes e Cordeiro (2010) constataram o enfoque dado pela mídia brasileira a partir da década de 80 com o intuito de responsabilizar as torcidas organizadas por todo o vandalismo e violência no contexto futebolístico. Para complementar, “hoje em dia, estes torcedores são assunto noticiável apenas quando são vinculados a violência urbana e desordem pública” (Lopes; Cordeiro, 2010, p. 5), ao passo que suas outras ações passam batido por esses meios de comunicação.

No entanto, Palhares e Schwartz (2015), ao questionarem membros de torcidas organizadas acerca do conceito de violência, constataram que esta pode ser múltipla. Existem inúmeras violências às quais essas torcidas são submetidas diariamente, desde ingressos abusivos (bem como todos os demais torcedores), revistas agressivas, tratamentos desiguais, infraestrutura precária, entre outras. Diferentemente do conhecido discurso sensacionalista e midiático recorrente que aborda exclusivamente os conflitos físicos envolvendo integrantes das torcidas. Portanto, ao abordar sobre torcidas organizadas, há de considerar a diversidade

dessas, bem como levar em conta análises mais amplas, para não disseminar uma narrativa sensacionalista:

Apesar do estigma de marginais e violentas que carregam, as torcidas organizadas também possuem um suposto papel social. (...) elas são responsáveis por promover lazer e ações filantrópicas nas comunidades mais carentes das cidades (Moraes; Marra; Souza; 2018, p. 51 *apud* Sobrinho; César, 2008).

Além disso, como Moreira (2004) narra em sua própria experiência como pesquisadora de campo que as torcidas organizadas se constituem como organizações estruturadas internamente. Cada uma com sua particularidade e sua estruturação visto que as torcidas organizadas são grupos diversos e não podem ser generalizadas. Para a autora, quando observadas de perto e longe dos holofotes, essas torcidas costumam confrontar os preconceitos e as noções de marginalidade e criminalidade nos quais geralmente são associadas. “Os torcedores (organizados) não representam uma horda selvagem, (...) reconheci uma sociedade caracterizada por outras propriedades e organizada de acordo com um corpus de princípios e códigos morais” (Moreira, 2004, p. 3). Diga-se de passagem, que, ainda que considerando apenas as agressões físicas em que as torcidas organizadas estão realmente envolvidas, nem sempre as interpretações que são repassadas para a sociedade representam a realidade do conflito.

Os membros de torcidas organizadas envolvidos em um confronto físico conhecem, compreendem e aceitam as lógicas ali envolvidas, ao contrário das testemunhas, que as desconhecem e/ou interpretam o confronto como um retorno à selvageria, como algo sem sentido, sem razão de ser (Palhares, Schwartz, 2015, p. 60).

No que tange a ocorrência da violência de gênero, estar ou não próximo das torcidas organizadas não foi um fator determinante na pesquisa. O assédio ocorre de forma variada em todos os setores, o que demonstra que para acontecer, independe do valor dos ingressos ou de qual torcida está presente. Ainda assim, algumas mulheres atribuem os casos de assédio ao setor onde estavam, certamente devido ao discurso que é disseminado socialmente, como notado na fala da torcedora Alessandra:

*“(Após o assédio) deixei de ir em certos setores do estádio sozinha. Costumava ir no laranja junto das principais organizadas, mas foi lá onde ocorreu o assédio, e após isso, passei a ir no amarelo, que é o setor contrário”.*

Por outro lado, a própria Alessandra contou que ingressou a uma torcida organizada menor do Clube Atlético Mineiro e isso contribuiu totalmente para que ela se sentisse mais segura:

*“O que me faz sentir mais segura em todos os jogos é simplesmente o fato de eu estar vestindo uma blusa de alguma torcida organizada. Existe uma regra, mesmo que sutil, de que se você mexe com uma pessoa de uma torcida organizada, você não está mexendo apenas com aquela pessoa, mas sim com toda a torcida”*

A contradição encontrada na fala da torcedora pode ser explicada pelo sentimento de pertencimento. Antes de fazer parte de uma torcida organizada, Alessandra tinha a crença de que estar próximo a elas poderia ser a razão para aquele ambiente se tornar mais apto a violência. No entanto, a partir do momento em que ela é acolhida por um movimento, um grupo, coletivo ou torcida organizada, ela se sente segura. Além disso, dentre os princípios e códigos morais apresentados por Moreira (2004), a autora relata a proteção à mulher participante do grupo como uma regra observada em sua experiência.

As mulheres (...) foram mantidas longe da arena do conflito ou mantidas em locais seguros, como o ônibus em que viajamos. Um fã (torcedor) me disse: a mulher é a primeira coisa a se proteger. Tanto nas lutas em que as mulheres não participaram ativamente como nas arquibancadas onde ninguém podia tocá-las. Saber que a mulher estava protegida pela torcida foi fundamental para ter maior segurança e confiança na interação com eles (Moreira, 2004, p. 5).

Alessandra não foi a única entrevistada que relatou ter buscado segurança fazendo parte de grupos de torcedores. A também atleticana, Larissa, descreveu sentir uma sensação semelhante quando vai ao estádio junto a Grupa Galo, coletivo de torcedoras do Clube Atlético Mineiro.

*“Eu ia bastante sozinha, agora que faço parte da ‘Grupa’ prefiro ir com o grupo das meninas, andamos juntas, em bando, é bem melhor”.*

Da forma como conhecemos hoje, as primeiras torcidas organizadas apareceram nas décadas de 60 e 70 no estado de São Paulo. Para Moraes, Marra e Souza (2018, p. 52 *apud* Cavalcanti, 2002), os principais motivos que fazem um torcedor ingressar a uma torcida organizada são a “união, integração e sentimento de pertença que envolve o grupo” (Moraes; Marra; Souza, 2018, p. 52 *apud* Cavalcanti, 2002), confirmando a função de socialização e o pertencimento evidenciado na fala de ambas as torcedoras. No entanto, os autores também afirmam que, é ao fazer parte de um desses grupo que o torcedor “se torna parte do

espetáculo do futebol e expressa sua masculinidade e força através da torcida” (Moraes; Marra; Souza, 2018, p. 52, grifo meu). Destaco que, mais uma vez, nota-se a associação de “masculinidade” com o ideário do “torcedor de futebol”.

Pelo que pôde ser visto pela pesquisa, atualmente existem mulheres torcedoras presentes nos grupos de torcedores. Motivadas pela busca por companhias nos estádios, por se sentirem pertencentes a um grupo ou até mesmo por segurança, razões geralmente impensadas quando se considera o torcedor homem. No caso de Larissa, o coletivo Grupa Galo tem como uma de suas pautas a luta das torcedoras por um ambiente mais seguro. Torcidas organizadas femininas, movimentos, grupos e coletivos femininos tem se tornado cada vez mais comuns nas principais equipes do Brasil. Movimento este que foi evidenciado na introdução deste trabalho pela reportagem das denúncias recentes das torcedoras do Vasco e Botafogo<sup>30</sup>. Os movimentos femininos podem surgir inclusive unindo torcedoras de times diferentes, apenas em prol da segurança e como forma das mulheres não se sentirem sozinhas e expostas quando frequentarem o estádio.

No que se refere ao valor dos ingressos dos setores, a pesquisa também mostrou não ser um fator determinante para a ocorrência do assédio. Em concordância, entre as torcedoras entrevistadas, os casos descritos também aconteceram de forma variada entre os setores mais populares, intermediários, elitizados e até no camarote do Mineirão, local onde o público paga mais para assistir as partidas. De fato, acontecem em setores populares, mas isso não é determinante para a ocorrência ou não da violência. A torcedora do Cruzeiro, Vanessa, que se considera uma figurinha carimbada no camarote do estádio nos jogos do seu time, trouxe um relato curioso. Ela, além de já ter sofrido diversos assédios, interpretados por ela como “leves”, também foi testemunha de um caso marcante que aconteceu com uma prestadora de serviço do estádio:

*“Tinha um rapaz ao lado da moça que tava fazendo os pedidos da gente, dizendo que não tinha visto o gol porque estava lá conversando com a moça. Até aí tudo bem, só que ele continuava: ‘porque ela não quer me dar o telefone dela’, ‘você é muito bonita’ e etc. Aí eu vi que ela estava ficando constrangida e ficava tentando sair da conversa. E ela como prestadora de serviço, fica ainda mais inibida ‘ne’?”*

---

<sup>30</sup> Retomando a reportagem. Globo Esporte. Torcedoras de Botafogo e Vasco relatam assédio sexual nos estádios. 27/09/2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2023/09/27/torcedoras-de-botafogo-e-vasco-relatam-assedio-sexual-nos-estadios.ghtml> Acesso 28 set 2023.

*Primeiro, se você está no camarote, você entende que as pessoas têm um poder aquisitivo maior, então ela não sabe nem com quem ela está falando. E na hora que eu vi que ele estava fazendo umas brincadeiras que ela não estava achando nenhuma graça e não estava se sentindo nenhum pouco a vontade. Então, eu resolvi intervir e falei com ele: você me desculpe, mas jogo se assiste é na arquibancada, não é aqui fora no bar não. Ele começou a retrucar e aí eu já disse: e isso que você está fazendo é um assédio, você não está vendo que a menina está desconfortável?”*

Vanessa se sentiu na obrigação de intervir e, segundo a torcedora, a prestadora de serviço a agradeceu assim que o homem foi embora. Além disso, mais uma vez, fica evidente a possível relação de superioridade entre assediador e assediada. Dessa vez, na relação entre cliente e empregado, e ainda, com base na fala da torcedora, cabe pensar no fato de estar em um ambiente lidando com pessoas com poder aquisitivo maior e que podem usar disso para coibir, convencer ou chantagear as demais.

A entrevista com a torcedora Vanessa apresentou um cenário diferente das outras. Até ouvi-la, confesso não ter parado para pensar na vulnerabilidade das mulheres que trabalham nos estádios em dias de jogos diante desse ambiente já concluído como hostil. Afinal, elas estão tão expostas quanto as torcedoras. Dentre todos aqueles que trabalham no estádio e seus arredores, estão inúmeras mulheres executando diversas funções. São elas jornalistas, fotógrafas, cozinheiras, garçonetes, caixas, faxineiras, seguranças e até mesmo policiais (é esperado).

O relato da torcedora trouxe pontos que trazem instigações para futuras pesquisas melhores explicados ao final deste trabalho. Sobre a frequência de violência contra prestadores de serviço nos estádios de futebol durante as partidas, questiona-se se há respaldo adequado diante dessa exposição. No contrato de trabalho, a possibilidade de sofrer violências está presente? Será que a violência de gênero é contemplada?

Além disso, vale refletir sobre a importância que a intervenção de uma terceira pessoa, como foi a de Vanessa especificamente no caso relatado, teve para conseguir o fim daquela violência. É entendido que, dependendo da violência, a intervenção de novas pessoas pode se tornar uma briga generalizada. Porém, no caso do assédio, em que, muitas vezes, a interpretação da violência gera dúvidas

até mesmo na vítima, a intervenção de uma outra mulher que chegou identificando a situação foi crucial.

Ainda pensando nas profissionais que estão nos estádios, quando tratamos de jornalistas, o assédio possui uma repercussão um pouco maior, apesar dos casos serem recorrentes não apenas no Brasil como em todo o mundo. Basta digitar as palavras “jornalista assediada” em qualquer ferramenta de pesquisa que o estádio de futebol surge logo nas primeiras buscas. Isso decorre do fato de que, apesar de ainda serem um número menor de jornalistas esportivas mulheres quando comparado ao número de homens na profissão, segundo Pacheco e Silva (2020) e corroborado por Almeida (2022), houve um aumento dessas profissionais, ocupando os espaços e tentando adquirir o respeito e a relevância adequada. Além de que, apesar de poucas, elas estão constantemente na mídia, diferente de outras profissionais que também trabalham nesse contexto, como o caso exposto pela torcedora Vanessa.

Enfim, o que se descortina no horizonte dessas mulheres é a percepção de que, mesmo sendo um espaço masculino, mudanças estão ocorrendo. Apesar de dissensos em torno das narrativas sobre as possibilidades e limites da inserção, permanência e sucesso dessas profissionais, há o consenso de que houve um crescimento na quantidade de mulheres que recentemente se inseriram no campo, as quais estão vivenciando um momento de transição constituído pela diminuição de desigualdade de gênero e aumento de oportunidades para adentrarem, ascenderem, ocuparem novos espaços e prosperarem na carreira na atual conjuntura no jornalismo esportivo (Pacheco, Silva, 2020, p. 11).

Dentre os casos de assédio repercutidos, destaco situações atuais em que as profissionais estão participando ao vivo de algum programa televisivo e ainda assim, o assédio acontece sem nenhum titubeio por parte do assediador. Como aconteceu com a repórter da ESPN, Jéssica Dias, que fazia uma transmissão ao vivo quando foi assediada por um torcedor do Clube de Regatas do Flamengo em setembro de 2022<sup>31</sup>. Fora do Brasil, na Espanha, a repórter Gema Soler, também da ESPN, passou por uma situação parecida, sendo assediada nos arredores do estádio Mestalla, em Valencia enquanto cobria os torcedores se preparando para um amistoso internacional em junho de 2023<sup>32</sup>. Isso demonstra a expectativa de aceitação dessas atitudes. Nem mesmo as câmeras, nem a possibilidade de ser

<sup>31</sup> Correio Braziliense. Esportes. Repórter da ESPN é assediada em estádio e torcedor do Flamengo é detido. 08/09/2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/esportes/2022/09/5035337-reporter-da-espn-e-assediada-em-estadio-e-torcedor-do-flamengo-e-detido.html> Acesso 25 set 2023.

<sup>32</sup> Terra. Esportes. Futebol. Jornalista é assediada ao vivo em amistoso na Espanha. 17/06/2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/jornalista-e-assediada-ao-vivo-em-amistoso-na-espanha,3370b01bb9730717a4700b800ce97b55nsn5flyx.html> Acesso 25 set 2023

identificado, nem a presença de outras pessoas no local são suficientes para inibir o assediador de cometer a violência quando lhe convém, transparecendo a impunidade existente e naturalização desse comportamento a ser explorada a seguir.

No entanto, preocupa que, mesmo com elas cada vez mais aparecendo e obtendo sucesso profissional, esses casos ainda são recorrentes. Não apenas os assédios, mas, conforme encontrado por Pacheco e Silva (2020), em seu ambiente profissional, as jornalistas são submetidas a intimidações constantes, a avaliações sobre seus conhecimentos acerca do futebol, a maiores exigências nos seu trabalho e a julgamentos morais que moldam seu comportamento. Essas atitudes decorrem do estranhamento que a presença das mulheres causa ao ocuparem espaços compreendidos como culturalmente masculinos. “Assim, os estereótipos de gênero no esporte afetam também as mulheres que trabalham no jornalismo esportivo, torcedoras, e as mulheres que se relacionam com jogadores”, além das próprias atletas (Almeida, 2022, p. 29).

### 3.3 FUI ASSEDIADA, E AGORA?

De volta às torcedoras, é necessário compreender o que elas fazem ao serem vítimas de um assédio. A mulher quando é assediada se depara com um milhão de pensamentos e dúvidas. Apesar dessa constância, cada uma reage de uma forma de acordo com as suas individualidades, suas vivências anteriores, com o local onde o assédio ocorreu e qual sua manifestação. Sabendo disso, para um alinhamento com a realidade no estádio de futebol, foi perguntado àquelas 46 torcedoras que já sofreram algum assédio no Mineirão, qual foi a ação imediata tomada após a violência. Essa questão se encontrava na segunda parte do questionário aplicado e, por ser uma pergunta aberta, foi necessário categorizar as respostas a partir dos termos comuns encontrados, expostos na tabela 7:



Tabela 7 — Reações após o assédio

Reações após assédio			
ignoraram (der)	5	Vergonha	2
xingaram / responderam	9	Impotência	2
nada	19	Constrangimento	2
acenaram (der)	1	Chorar	3
rir	1	Medo	4
polícia	1		
afastar	2		
denúncia	1		

Fonte: Realizada pela autora.

Chama atenção a maioria de mulheres que afirmaram não terem tido reação, ou melhor, não terem feito “nada” após o assédio. No entanto, este “nada” pode significar muito, visto que existem questões sensíveis envolvidas nessa violência. As inúmeras consequências psicológicas, a sensação de desamparo e a expectativa de um comportamento social são alguns dos fatores a serem considerados.

Apesar do avanço da Lei e suas medidas, o medo e a vergonha, aliados à precariedade da assistência às mulheres contribuem para a manutenção do silêncio, da impunidade e da violação dos direitos das mulheres (Momm *et al.*, 2023, p. 3).

Tendo isso em vista, destaco duas respostas anônimas encontradas nessa pergunta do questionário que trazem essa reflexão:

*“Não fiz nada, fiquei sem reação; sensação de impotência e de choque. Na maioria das vezes, não consegui reagir ou fazer o ideal que era acionar a polícia”.*

*“Não tive reação, principalmente em situações em que estava sozinha. O medo de ser seguida, puxada a força ou algo do tipo é maior uma vez que quando isso acontece ninguém ajuda”*

Em ambos os relatos, estão presentes outras palavras que também foram encontradas em demais respostas como: impotência e medo, essas que se relacionam com a falta de suporte oferecido para as mulheres no estádio. “O medo está associado à falta de segurança das mulheres reiterando a insegurança” (Terra;

D'Oliveira; Schraiber, 2015, p. 119). Essa realidade sustenta o silêncio, o fazer “nada”, a descrença em uma possível mudança.

Para Freitas (2001), “o assédio torna-se possível porque ele é precedido de uma desqualificação da vítima, que é aceita em silêncio ou endossada pelo grupo” (Freitas, 2001, p. 13). Por outro lado, penso que este “aceite” não é a causa, mas sim a reação encontrada por muitas vítimas em decorrência do desamparo ao qual ela se depara.

Somado ao medo e a sensação de impotência, de acordo com Terra, D'Oliveira e Schraiber (2015), as mulheres também estão expostas a sofrerem desqualificação moral e/ou a banalização de suas queixas, desmotivando-as de reagirem, acionarem o poder público, denunciarem ou sequer pedirem ajuda. As autoras também ressaltam que o silêncio é fortalecido pela vergonha, sensação que faz com que muitas mulheres optem por mentir sobre o assédio, menosprezar a violência, e assim, dificultam a busca por ajuda, contribuindo para a manutenção da realidade.

Apesar do avanço da Lei e suas medidas, o medo e a vergonha, aliados à precariedade da assistência às mulheres contribuem para a manutenção do silêncio, da impunidade e da violação dos direitos das mulheres (Momm *et al.*, 2023, p. 3).

Essas formas de agir, ou de “não agir”, é uma escolha da vítima que pretende fazer com que a violência seja esquecida mais rápido. Porém, ainda que exista essa crença, as consequências do assédio ultrapassam a racionalidade da mulher, trazendo consigo aquela experiência por onde passa. Para Pinheiro e Caminha (2021), a mulher apresenta mudanças comportamentais após a violência, seja no agir, expressar, comportar, até mesmo em se vestir, tendo de se preservar, com medo de se expor, como se essa exposição predispuesses um possível assédio.

Já considerando apenas a totalidade das 12 mulheres entrevistadas, a realidade foi diferente. Sete delas relataram terem reagido após o assédio. Algumas gritaram, responderam ou xingaram o assediador, mas apenas uma foi na polícia. Aquelas mulheres que, apesar da vergonha, desejam trazer visibilidade à violência, “buscam inicialmente a rede informal, ou rede afetiva, composta por pessoas próximas, familiares, etc. A depender das respostas ali obtidas, elas buscarão os serviços formais para enfrentar o problema” (Momm, *et al.*, 2023, p. 4).

Natália, torcedora atleticana, foi a única dentre todas as que participaram da pesquisa que chegou a ir na polícia. Após sofrer o assédio, a torcedora não teve muita reação, porém, em outro dia, ela optou por denunciar:

*“Na hora, fiquei muito triste e chorei. No dia, fiquei mal e o jogo perdeu o sentido. Em paralelo a isso, estavam tendo muitas campanhas contra assédio no Mineirão. Então, no próximo jogo que eu fui, decidi denunciar. Procurei as pessoas que dão suporte e eles me direcionaram a uma delegacia, mesmo que não tivessem muita informação. Esse despreparo tornou o momento da denúncia quase tão angustiante quanto o episódio em si. Ao mesmo tempo em que há essas campanhas contra assédio, tem homens, que deveriam ser instruídos para isso, que tratam o assunto sem a menor empatia. Então entrou uma única mulher que pegou o meu número de telefone e fez o BO (boletim de ocorrência). Depois, uma mulher que estava na delegacia passou meu número para uma jornalista da Globo que me chamou para conceder uma entrevista para o MGTV, e eu aceitei, apareci por alguns segundos, mas deu visibilidade pro caso.”*

Apesar de Natália ter atingido uma visibilidade interessante, entendo que o seu caso foi uma exceção. Ainda assim, em seu relato, fica exposto alguns obstáculos encontrados pela torcedora para conseguir denunciar o assédio. A falta de empatia e o despreparo dos profissionais promoveram uma experiência traumatizante para a vítima que persistiu na missão de realizar um boletim de ocorrência.

Esse contexto confuso, burocrático e sem a presença de mulheres, já seria suficiente para a desistência da torcedora que se viu sendo menosprezada, tendo que reviver a violência diversas vezes numa tentativa de provar a gravidade do acontecido, até o aparecimento de uma única mulher. A presença de mulheres na delegacia é fundamental ao se tratar da violência de gênero. Esse relato traz uma contradição visto que o estádio do Mineirão estava realizando campanhas que incentivavam as mulheres a denunciar caso sofressem algum tipo de violência, mas não possuía profissionais adequados para lidar com a situação. Ou seja, o incentivo existia, mas o suporte prático ainda estava despreparado. Não apenas o estádio se encontra despreparado, Terra, D' Oliveira e Schraiber (2015) alegam que o poder público falha nesse suporte à mulher violentada.

O poder público não atua na regulação dos conflitos, definindo direitos e deveres, mas atua principalmente na conservação de privilégios e no exercício da repressão, numa sociedade estabelecida sobre a naturalização

e a reprodução de desigualdades sociais, entre elas, a de gênero (Terra; D' Oliveira; Schraiber, 2015, p. 119).

De acordo com Mendes e Oliveira (2021), a parte jurídica que diz respeito a essas situações ainda é ineficiente, contando apenas com um suporte sobre o assunto e reafirmando a insegurança para denunciar a partir de bases históricas.

O que chama atenção nessa situação é a naturalização da violência e a minimização dos crimes cometidos contra as mulheres, ao ponto surpreendente de culpabilizar a vítima pelo ocorrido, o que pode ser explicado pela cultura patriarcal ainda impregnada nos dias atuais (Mendes; Oliveira, 2021, p. 50).

A naturalização trazida por todos os autores citados acima fica ainda mais enfatizada quando limitada ao contexto futebolístico. Ainda sobre as reações após serem assediadas, as falas das torcedoras deixam nítida a impunidade que legitima o assédio naquele ambiente. Portanto, para muitas mulheres, diante dessa normalização, somente cabe a elas se acostumarem, sentimento explícito no trecho retirado da fala da torcedora Larissa:

*“Me senti desconfortável, mas segui a vida, afinal mulher é assediada sempre e a gente infelizmente se acostuma”.*

No que se refere especificamente a como o ambiente do estádio de futebol se relaciona com a violência de gênero, Joana contou que por estar no Mineirão, não reagiu como gostaria diante do assédio:

*“Não fiz nada, pois me sentia acuada, é um ambiente muito masculino. Acredito até que os homens não agiriam de forma tão sexista se estivessem em outro ambiente, lá se sentem livres para agir assim. Por exemplo, se eu estou caminhando na rua em um dia qualquer e algum homem comenta algo comigo, eu paro e xingo, revidando o assédio. Mas no estádio, não me sentia segura a ponto de revidar. Eu abaixava a cabeça e evitava fazer contato visual, não reagia”.*

Portanto, concordando com Mendes (2016), é possível afirmar que o assédio permanece impune no estádio de futebol. A naturalização da violência de gênero é uma realidade que se deve à ineficiência jurídica, ao silêncio das vítimas, ao despreparo dos órgãos de suporte, aos profissionais que deveriam estar capacitados para combater essas situações e, principalmente, a apropriação do estádio pelos homens devido aos valores disseminados culturalmente que exaltam as masculinidades no estádio de futebol. É necessário que “os profissionais que atuam nesses serviços tenham metas e objetivos comuns no processo do cuidado ofertado

às mulheres que buscam os serviços, para a garantia dos direitos e combate às desigualdades de gênero” (Terra; D’Oliveira; Schraiber, 2015, p. 120).

No entanto, apesar de intrínseco à sociedade, para desconstruir ideais construídos historicamente, enraizados na cultura e que se engendram nas relações sociais, é necessário outro processo longo de combate. Para as torcedoras entrevistadas na pesquisa, essa desconstrução está longe de ser conquistada. Dentre as 11 participantes, sete esclareceram que não acreditam em uma possível mudança deste cenário, ou seja, mais de 60% delas. Em contrapartida, as mais esperançosas apresentaram iniciativas que acreditam ser eficazes nesse processo. Dentre elas estão maior policiamento e criação de novas campanhas por parte do estádio e dos clubes, ideias mais comuns de serem ouvidas, mas que nem sempre são eficientes caso não haja preparo adequado para lidar com a questão. Vale destacar a iniciativa da torcedora Andreza que pensou em um aplicativo para facilitar o diálogo e a segurança:

*“Poderia ter alguma coisa do tipo, um aplicativo, alguma coisa que a gente pudesse pelo menos expor essas situações que a gente tá vivendo ou pra chamar na hora tipo preciso de um segurança nesse setor”.*

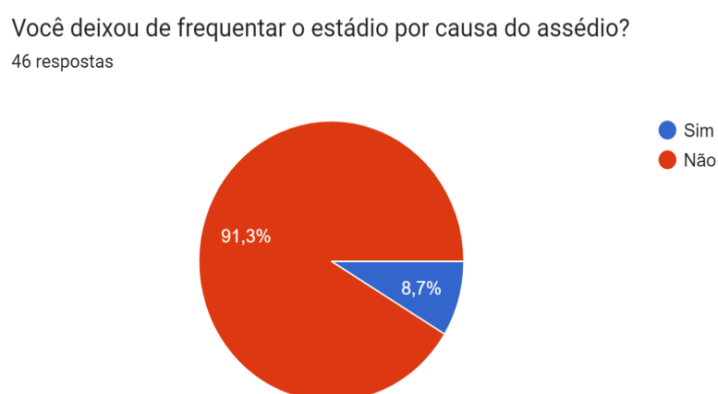
Contudo, também chamou atenção o pensamento de Bruna, de que os bares deveriam ser separados entre os que atenderiam apenas homens e aqueles direcionados apenas às mulheres. Esse pensamento possibilita inúmeras discussões, pois bate de frente com a socialização proporcionada por ir ao estádio, fundamental para a experiência de lazer de torcer pelo seu time. Além disso, penso que essa ideia vê os homens assediadores como incapazes de conviver em uma sociedade onde circulam mulheres no mesmo ambiente, como se fossem incorrigíveis e retirando a responsabilização sobre eles. Apesar disso, o aparecimento dos bares como o espaço de risco, mais uma vez, ratifica a vulnerabilidade deste local no que tange a violência de gênero.

### 3.4 ESTRATÉGIAS PARA SE SENTIR SEGURA

Com base nas discussões acima, constatou-se que o estádio de futebol ainda é um ambiente hostil para as mulheres e que nele a violência de gênero é normalizada, especificamente o assédio, visto que ressalta que aquele não é um espaço delas e nem para elas. Sendo assim, de forma geral, para as torcedoras

poderem ter a experiência de torcer para o seu time no estádio, elas costumam ter conhecimento prévio da realidade que irão encontrar. Isto é, antes de ir, ela sabe da possibilidade de ocorrer essa violência e de outras possíveis manifestações do seu impacto. Por isso, foi preciso entender se, diante desse contexto, a torcedora que já foi assediada no Mineirão deixou ou não de frequentar o estádio.

Gráfico 8 — Torcedora deixou de ir ao estádio?



Fonte: Google Forms.

Como pode ser evidenciado no Gráfico 7, a maioria das mulheres não deixaram de frequentar o estádio do Mineirão mesmo após terem sofrido assédio. Durante as 12 entrevistas, foi perguntado o que as motivava a continuar frequentando o estádio e todas colocaram a paixão pelo seu time como a razão principal. Portanto, fica nítido que as mulheres são torcedoras protagonistas, que desejam ter a experiência completa de torcer pelo seu time dentro do estádio apesar de, como constatado no capítulo 2, a presença dessas mulheres como sujeitas ainda causar estranhamento. Ou seja, mesmo sabendo que a violência de gênero acontece nesse espaço de forma permissiva, as mulheres continuam a acompanhar o seu time. Para a mulher, contemporaneamente, ir ao estádio pode ser considerado um ato de resistência. Assim como todos os processos de ocupação dos espaços pelas mulheres ao longo da história.

Leda Maria da Costa (2007) percebeu que essa resistência tem gerado uma maior visibilidade da torcedora de futebol, principalmente pela existência de agrupamentos femininos que se manifestam cotidianamente. As autoras atribuem essa evolução às facilidades trazidas pelo mundo virtual, espaço que potencializou encontros e disseminou os discursos das torcedoras, contribuindo para a incorporação da mulher na esfera de torcedores.

A mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade (Costa, 2007, p. 1).

No entanto, por mais reconhecimento que elas possam ter adquirido atualmente, nas arquibancadas, elas ainda se deparam com esses obstáculos e ainda precisam resistir. Na prática cotidiana do estádio, esse reconhecimento ainda não é real, pois não traz valorização, segurança e nem liberdade.

Por outro lado, há de se considerar que, apesar de minoria, existem mulheres que passaram a não ir ao estádio após sofrerem um assédio. Seja por lembrarem da violência, por se sentirem traumatizadas, inseguras, ou qual foi a razão. Elas então preferem se privar de viver a experiência devido a violência sofrida, isto é, o assédio rompeu com aquilo que era um momento de lazer.

Embora a maioria da amostra tenha confirmado que continua frequentando o estádio de futebol mesmo após ter sofrido assédio neste ambiente, essas mulheres também sentem a necessidade de modificar seus comportamentos e atitudes para se sentirem seguras e se encaixarem naquele ambiente. Nas entrevistas, todas as doze mulheres relataram terem criado estratégias (eficientes ou não) para que continuassem frequentando o Mineirão em jogos do seu time.

Joana, após ter sido assediada, só vai ao estádio acompanhada. Seguindo a mesma lógica, Luiza, que gostava de ir com sua mãe, agora vai apenas se algum homem as acompanhar. A torcedora Flávia não usa roupas justas nem curtas, pois segundo ela, com esse vestuário *“você vira alvo fácil para ataques de qualquer torcedor”*. Verônica relatou ter a mesma sensação de Flávia e, por isso, não usa roupas que valorizem o corpo, inclusive já se adaptou *“a amarrar uma blusa de frio na cintura em ambientes assim”*. Já Alessandra (como já descrito em outro momento) parou de ir em um determinado setor do Mineirão e ingressou em uma torcida organizada.

A necessidade de terem que criar mecanismos comprova o ambiente inóspito a qual as mulheres encaram para assistir a partida. Com relação ao vestuário, preocupação de algumas torcedoras, infelizmente, Larissa trouxe uma percepção de sua experiência que testemunha que uma mudança na roupa pode propiciar a ocorrência de mais abordagens por parte dos homens. Na realidade, não é a roupa

que propicia, mas sim os homens que se sentem mais à vontade e totalmente impunes para assediar uma mulher cuja roupa chame atenção para seu corpo.

*“Tenho reparado um aumento nos últimos anos por conta de uma atitude minha que pode parecer boba. Sou uma pessoa que sempre se incomodou muito com o calor, então sempre estava com a blusa do time, vendo a maioria dos homens sem camisa. Até que, um dia, uma amiga minha apareceu vestindo um top, e desde então, faço o mesmo. Percebi então que, depois disso, parece que passou a ser um ‘convite’ para qualquer um fazer ou falar algo. Em uma ocasião, em que eu estava até de mãos dadas com meu namorado, um homem passou a mão em mim”* contou Larissa.

A forma como Larissa conta sua experiência mostra sua inconformidade, primeiramente por comparar a ação de tirar a blusa e ficar de top com o fato de os homens ficarem sem camisa, e ainda, coloca que essa ação tem como objetivo principal o seu conforto. Ou seja, enquanto ela busca se sentir mais confortável em um dia quente, alguns enxergam aquilo como uma permissão ao assédio, incentivados pelo ambiente do futebol que, conforme demonstrado por Bandeira e Seffner (2018), já traz uma permissibilidade para perturbar, importunar e assediar as mulheres ao redor. Como se a exposição de seu corpo fosse um convite para um homem ter a liberdade de assediar, como se a partir dessa ação, o corpo deixasse de ser simplesmente da torcedora e passasse a ser público, aberto para a intervenção dos homens.

Quando retomo o assédio às jornalistas esportivas, Pacheco e Silva (2020) destacam que muitas profissionais procuram meios de “impor respeito” para evitar essas situações. Dentre eles estão a manutenção de uma distância corporal, utilização de determinadas vestimentas, tentar deixar o corpo da forma mais invisível possível. Muitos desses meios coincidem com as estratégias utilizadas pelas torcedoras, o que demonstra a mesma lógica de pensamento para fugir do assédio.

Nesse sentido, a privação de vivenciar “os próprios desejos em função de imposições culturais que se travestem de naturais indicam quão misógino é o ambiente esportivo” (Goellner, 2021, p. 110). Dialogando com a autora, é necessário acatar o esporte como um espaço em que as mulheres são sujeitas para assim, romper com a lógica ainda existente e construir um ambiente seguro.

Dessa forma, é subentendida a legitimação do assédio no estádio de futebol ao ponto de que as mulheres que desejam frequentá-lo devem se preparar para as



incidências que podem acontecer. Afinal, ser mulher e trazer consigo características femininas dentro do estádio deixam a torcedora exposta aos assédios, embasada pela visão sexualizada e objetificada do corpo feminino.

Portanto, cabe refletir se “uma maior legitimação da participação das mulheres poderia desestabilizar esse lugar naturalizado dos homens no futebol” (Bandeira, Seffner, 2018, p. 5), considerando que este seria um processo longo de desconstrução cultural. Afinal, o machismo e a violência de gênero são enraizados por serem frutos de uma construção social histórica, ainda mais ao relacionar a mulher no ambiente esportivo. Ressalta-se que essa naturalização não afeta apenas as mulheres como também afeta homossexuais, por meio de gritos e cânticos machistas e homofóbicos que, segundo Bandeira (2010), por vezes não são entendidos como violentos pelos jornalistas, comentaristas e estudiosos do futebol.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar essa dissertação, retomo aos objetivos que foram traçados inicialmente e apresentados na introdução como indagações precursoras e fomentadoras da pesquisa. Relembro que a pesquisa almejava principalmente investigar e analisar o assédio a mulheres nos jogos de futebol exclusivamente no estádio Mineirão e qual seria o impacto disso no lazer das mesmas. Nesse sentido, verifiquei que o assédio de fato acontece no estádio em questão e que as torcedoras têm conhecimento dessa realidade quando escolhem frequentar este espaço. Sabendo disso, o estudo mostrou que diante desse contexto, algumas podem simplesmente deixar de ir aos jogos do seu time, porém, como exposto na pesquisa, a maioria delas optam por permanecer frequentando o estádio, mesmo após já terem sido vítimas de assédio.

Apesar da insegurança e do medo serem sensações constantes para a torcedora dentro do estádio, ao longo do tempo ela se instruiu que, para frequentá-lo, precisa achar meios de se sentir protegida dos homens. Então, ela procura estratégias, nem sempre eficazes, para não se afastar da experiência de torcer pelo seu time e conseguir assistir a uma partida ao vivo. Dentre elas, a pesquisa mostrou que muitas torcedoras evitam vestir roupas curtas que apareçam ou marquem seu corpo, entendendo que isso pode ser um fator capaz de atrair os homens e assim, provocar o assédio. Esse pensamento que foi disseminado socialmente por muito tempo, como forma de controlar o comportamento da mulher e como se eles – os homens - fossem incontroláveis, como se o assédio fosse uma resposta automática a uma provocação da vítima, ao invés de uma atitude violenta e criminosa por parte do assediador, o verdadeiro responsável pela violência.

Retomo que esse pensamento controlador é um componente cultural fortalecido ao longo do tempo. De acordo com Geertz (1989), o ser humano é dependente de meios de controle para direcionar seu comportamento e, por isso, a cultura é o conjunto desses meios.

Além disso, apesar do estudo comprovar que o assédio acontece com mulheres no estádio sozinhas ou acompanhadas, elas tendem a preferir estar acompanhadas, especificamente de homens. Outras optam por mudar de setor dentro do estádio acreditando que o setor do Mineirão possa ter alguma relação com

as possibilidades de ser assediada, o que, como comprovado neste estudo, não há evidência.

A necessidade de todo um público específico (mulheres) ter que mudar seus comportamentos, não apenas para se sentir aceito, mas para ter segurança dentro de um espaço destinado ao seu lazer demonstra que o contexto futebolístico é excludente e que a vivência desse lazer não é a mesma para seus diversos espectadores. Apesar de elas, de forma geral, optarem por continuar frequentando o estádio, elas são impactadas por barreiras que impedem a plenitude do, conforme as definições de Marcelino (2012). Portanto, para as mulheres na atualidade, ir ao estádio é um ato de resistência. Por mais que elas resistam e insistam em frequentá-lo, a lógica machista de que aquele lugar não as pertence perpetua na moral de alguns torcedores.

Conforme exposto ao longo da dissertação, cabe pensar também na relação com o espaço dos estádios de futebol. Estes que historicamente sempre refletiram os interesses políticos e sociais intencionados por meio da modalidade mais popular do Brasil. Seja para dar destaque ao futebol brasileiro, para sediar megaeventos, para aglomerar milhares de pessoas em prol de um mesmo entretenimento, ou como um espaço comercial.

Sabendo disso, retomo a reforma que o Mineirão e tantos outros estádios do país foram submetidos para sediar a Copa do Mundo de 2014 e se adequarem ao padrão norteador da FIFA. Tal padrão é embasado por um discurso de modernidade, acessibilidade, conforto e segurança para os torcedores, como os modelos europeus, na tentativa de moldar comportamento e elitizar o ambiente. No entanto, apenas a comprovação de que o assédio ainda acontece no estádio com frequência, mesmo anos após a reforma, já invalida esse discurso. Além disso, a pesquisa trouxe relatos de como a insegurança, o constrangimento e o medo estão presentes na experiência da mulher dentro do estádio de futebol, tanto que, como discutido anteriormente, as faz buscar mecanismos externos para se sentirem protegidas. Ou seja, o Mineirão (e suponho que outros estádios do país) falha nesse procedimento. Ele não consegue ser um lugar seguro para todos os públicos, especificamente, para as mulheres, contrariando promessas de segurança enfatizadas nos discursos de modernização e de um suporte especializado para o público feminino.

A falta de apoio adequado às vítimas de assédio foi um fator evidenciado na pesquisa, mesmo que existam cada vez mais campanhas se referindo à questão por

parte dos clubes e policiamentos locais, principalmente, quando o tema está em evidência da mídia. Portanto, assim como relatado por muitas entrevistadas, as campanhas não são suficientes. Para Campos (2016), não é evidenciado um interesse real dos gestores públicos do âmbito do futebol em propiciar mudanças nas relações sociais desse espaço.

As campanhas, apesar de relevantes, demonstram um interesse mínimo, são passos pequenos demais. Entendo que elas apresentam uma função importante de divulgação e disseminação da existência deste problema, mas os assédios continuam acontecendo na prática em decorrência da impunidade encontrada ali e, por isso, aquelas mulheres que resolvem agir e se posicionar, não encontram solução ou o mínimo conforto necessário.

Discute-se que essa realidade também transparece juridicamente. Ainda que existam leis criminalizando o assédio (e a importunação sexual, vale incluir), elas não se preocupam com o percurso realizado pela vítima até chegar nessa condenação, ou muito menos consideram todas as consequências que o assédio causou à esta vítima, tratando como um detalhe, uma “frescura” facilmente esquecida, ainda mais no estádio de futebol. Apesar da existência da Lei Maria da Penha, que marcou época no Brasil e abrange principalmente a violência doméstica, foi necessário que uma mulher brasileira, a própria Maria da Penha, sofresse danos imensuráveis físicos e psicológicos pelo marido durante anos para que ficasse nítido a urgência de uma solução.

Essa dependência demonstra um despreparo das autoridades ao tratarem da violência de gênero. Trazendo para o contexto do futebol, é possível levantar questões com base nos apontamentos da pesquisa de que não há um amparo jurídico eficiente para proteger, ou pelo menos, resguardar e defender as vítimas de assédio. Isso porque percebeu-se um consenso das torcedoras de que reagir, denunciar, buscar ajuda e demais atitudes, são inúteis. Ainda que existam mecanismos que tentam lidar com a questão do assédio no estádio, eles não são de conhecimento das torcedoras ou de fato não são eficazes.

Com base nisso, coloco que a ineficiência jurídica, a falta de suporte e a impunidade aos assediadores, além dos obstáculos culturais que salientam o pertencimento masculino, dificultam a vivência plena das torcedoras e favorecem a naturalização do assédio no estádio. Todo esse contexto justifica o fato de que a mulher, vítima de assédio dentro do Mineirão, não costuma apresentar nenhum tipo

de reação, ela “não faz nada” diante da violência, pois não tem esperança que haja alguma modificação do cenário encontrado. E ainda, a realidade encontrada explica o porquê de poucas dessas mulheres procurarem alguma delegacia ou forma de denúncia, pauta que relembra um dos objetivos específicos da pesquisa: avaliar quais medidas foram tomadas pela vítima do assédio e pelas autoridades. Como foi observado, são realizadas diversas campanhas que, apesar de divulgarem o assunto, não são eficazes no combate à violência de gênero.

Além disso, vale destacar que o tratamento recebido pela única torcedora que procurou uma delegacia indicou um despreparo dos profissionais e do órgão responsável para lidar com a questão do assédio, ainda mais se tratando de um ambiente como o estádio de futebol, que exige ainda mais coragem da mulher. Porém, vale ressaltar que como a pesquisa trouxe apenas uma vítima que buscou autoridades para denunciar, a experiência dessa torcedora não pode ser considerada como totalidade.

Nesse sentido, também se pontua que a maioria das mulheres, quando perguntadas, responderam que não possuem nenhuma real expectativa de mudança do cenário encontrado hoje nos estádios. A naturalização do pertencimento masculino no estádio de futebol é tão grande que, para muitas torcedoras, é preferível ter que se acostumar com o ambiente e agir naturalmente, na tentativa de esquecer o episódio de violência, do que enfrentar o assédio tendo que se encontrar exposta e indefesa.

Diante disso, sabe-se que o contexto futebolístico ainda é um espaço masculino que exalta masculinidades, construído e pensado para o homem, consumidor de futebol. No entanto, é necessário considerar que ele está em construção com a presença de mais mulheres, não apenas nas arquibancadas, mas outras posições relevantes no futebol, ainda que as torcedoras da pesquisa não enxerguem possibilidades de mudanças do panorama atual. Salieta-se que o fato de ser mulher, não significa que automaticamente ela contribua com a resistência do cenário encontrado, afinal, mulheres também podem ser machistas e repetirem os padrões comportamentais “masculinos” e “femininos” historicamente moldados na sociedade. Assim como um homem também pode (e deve, aproveitando de alguns dos seus privilégios) ser protagonista para evidenciar e lutar contra a discriminação de gênero no contexto do futebol.

Alterar um sistema construído culturalmente ao longo do tempo, demanda uma longa jornada. Sendo assim, ao meu ver, a caminhada para um maior respeito com a mulher nas arquibancadas está acontecendo, visto que há poucos anos atrás, o assédio nos estádios era tão naturalizado que nem mesmo seria discutido, comprovado nas pesquisas teóricas que se depararam com uma escassa produção acadêmica abordando o tema.

O público feminino, hoje, se faz muito mais presente dentro dos estádios em todos os âmbitos, inclusive por meio de grupos de torcidas cujas integrantes devem ser exclusivamente mulheres. Essa presença marcante evidencia algumas desigualdades que antes eram impensadas, mas hoje foram relatadas por uma das torcedoras da amostra, como a quantidade de banheiros femininos e masculinos. O fato de ter mais banheiros masculinos do que femininos confirma que a construção do estádio foi voltada para os homens, bem como as últimas reformas, que tiveram a oportunidade de alterar esse cenário, mas não o fizeram. Porém essa questão passou a incomodar as torcedoras a partir do momento em que mais mulheres começaram a frequentar aquele local, enfrentando filas, procurando banheiros e, assim, enfatizando essa diferença.

Apesar do vínculo da violência de gênero com o futebol durante a pesquisa, os bares do Mineirão mostraram ser o espaço com maior recorrência de casos de assédio, superando as próprias arquibancadas do estádio. Foi evidenciado que a desorganização e aglomeração de pessoas nos bares pode ser o causador ou precursor desse dado. Porém, há de se considerar que estes são espaços voltados para socialização, divertimento e encontro dos torcedores, ou seja, que para serem usufruídos, eles independem da partida de futebol em si. Isso destaca que o assédio é uma violência social explicada pelas relações de gênero existentes e enraizadas culturalmente. Com base nisso, percebe-se que ele pode acontecer em qualquer lugar, público ou não, desde que haja interesse do assediador e condições favoráveis, como por exemplo, um ambiente majoritariamente frequentado por homens e que enaltece as características masculinas, garantindo uma certa impunidade, como um estádio de futebol, por isso tão naturalizado e aceito. Outro fator determinante é que, no estádio, o controle das emoções e das ações existentes no cotidiano, é alterado. Segundo Bonfim (2019), ali, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse, sensações pertencentes ao “torcer”.

Na pesquisa, também se observou que, geralmente, a mulher que não denunciou, tende a amenizar o assédio em seu discurso, não o considerando como a violência que é, a fim de normalizá-lo e assim, estar coerente com o pensamento padronizado dos frequentadores do estádio. Dificilmente ela compreende a gravidade do assédio e opta por manifestar, em decorrência da vergonha de ser assediada ou até mesmo por estar interpretando o ato de forma equivocada. Ela se questiona se aquilo não seria apenas uma paquera inconveniente ou flerte abusado, que ainda se fossem, ainda estariam ultrapassando os limites.

Quando se pensa no conceito de assédio, constatou-se que as mulheres tendem a associar este termo apenas com o assédio sexual. Considero que isso decorra de um desconhecimento das demais manifestações de assédio e de uma maior exposição midiática dos casos de assédio sexual. Ainda que o conceito de assédio seja difuso, dificultando a identificação da violência, as torcedoras entendem que ele envolve desrespeito, constrangimento e abuso, além de considerarem que seja um tipo de invasão; sensações, que segundo elas, são recorrentes dentro do estádio de futebol. Assim, a mulher pode ter dificuldade de identificar e conceituar o assédio, mas não tem dúvidas da hostilidade que o estádio provoca às torcedoras.

Sendo assim, reforço que durante a produção da pesquisa, surgiram inúmeros outros questionamentos que provocam estudos futuros. Dentre as temáticas pensadas, destaco a situação do assédio com mulheres em demais estádios do Brasil e do mundo, a realidade enfrentada pelas prestadoras de serviço dentro do estádio de futebol, a utilização de marcadores sociais como a raça para investigar qual a diferença entre as realidades enfrentadas pelas torcedoras negras e brancas, e ainda uma análise de como os principais clubes do Brasil agem para tentar representar suas torcedoras. Portanto, acredito que meu trabalho contribua para os estudos de gênero na perspectiva do futebol enquanto fenômeno cultural, visto que ele é um dos únicos que abordam o assédio a torcedora. Manifesto que, após a realização da pesquisa, percebi lacunas incompletas, como o questionamento sobre quando o assédio aconteceu para então relacioná-lo com o Mineirão antes da reforma e o atual. Além disso, sigo dando meu apelo que é extremamente necessário que mais pesquisadores discutam e estudem a questão de gênero no futebol, ainda mais considerando que estamos em um processo de desconstrução visando maior igualdade nos estádios.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B. O. L.; CAMPOS, P. A. F.; DANTAS, M. M.; ALMEIDA JUNIOR, P.; GOMES, L. G. B.; SILVA, T. F. Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “Novo Mineirão”. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 742-757, abr./jun. 2014.

ALMEIDA, J. B. 2022. **Mídia, violência, gênero e esporte**: análise da cobertura noticiosa dos casos de violência sexual envolvendo Cuca e Robinho. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

ALVES, A. F. Itinerante Futebol Clube: A desconstrução do torcer e as relações entre os clubes e as torcidas. **Motrivivência**, v. 29, p. 18-36, dez. 2017.

ANJOS, L. A.; DANTAS, M. M. O futebol de mulheres em Belo Horizonte. In: FERNANDES, D; COSTA, T. C. (Org.). **Caderno de Memórias**: a história do futebol feminino de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Gráfica Rona, 2020.

BANDEIRA, L. M. Assédio sexual e moral: por uma conduta com dignidade e integridade no ambiente de trabalho [Internet]. **Brasília**: Senado, 2018. Disponível em: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/92461ddf-09fc-4048-8597-fe8ca7be5a50>.

BANDEIRA, G. A. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. Como homens narram a presença feminina nos estádios de futebol. In: SEMINÁRIO CORPO GÊNERO E SEXUALIDADE, 7, 2018, Rio Grande. **Anais** [...]. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2018.

BANDEIRA, G. A. Um currículo de Masculinidades nos estádios de Futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v.15, n. 44, ago. 2010.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 ago. 2023.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915 - 1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) — FGV, Rio de Janeiro, 2019.

BOTELHO, T. R. A migração para Belo Horizonte na primeira metade do século XX. **Cadernos de História**, v. 9, n. 12, p. 11-34, 31 out. 2007.



BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. Difference, Diversity, Differentiation **Cadernos Pagu**, p. 329-376. 2006. In: BRAH, A. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. London: Routledge, p. 95-127, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDIN, V. S. G; MARTINS, I. G; RISSATO, G. de Moraes. Do discurso do ódio contra a liberdade sexual de pessoas LGBT. **Revista Pensamento Jurídico**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://ojs.unialfa.com.br/index.php/pensamentojuridico/article/view/390>. Acesso em: 2 nov. 2023

CAMPOS, P. A. F. 2010. **Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado em Lazer) — UFMG, Belo Horizonte, 2010.

CAMPOS, P. A. F. 2016. **As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após reforma**. Tese (Doutorado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2016.

CAMPOS, P. A. F. Para além da violência física contra as mulheres no futebol. **Ludopédio**, v. 83, n. 12, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/para-alem-da-violencia-fisica-contra-as-mulheres-no-futebol/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

CAMPOS, P. A. F; Bruzzi, R. S; SILVA, S. R. Elitização do Mineirão? Análise a partir da origem social dos torcedores. **Revista Brasileira De Estudos do Lazer**, v. 3, n. 1, p.126–141, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/502>. Acesso em: 05 maio. 2023.

CAMPOS, P. A. F; SILVA, S. R. Mulher Torcedora: Apontamentos sócio-históricos da presença feminina nos estádios de futebol em Belo Horizonte/MG. SEMINÁRIO NACIONAL DE GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES. 2, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

CAPPELLANO, R. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

CAVALCANTI, E. A; CAPRARO, A. M. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. **Movimento**, v. 25, p. e25080, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/85215>. Acesso em: 15 maio. 2023.

CAVALCANTI, Z. G. **Identidade coletiva de torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CNN BRASIL. Torcidas organizadas do Brasil: conheça quais são as maiores. 28/04/2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/maiores-torcidas-organizadas-do-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2023.

CORREIO BRAZILIENSE. Esportes. Repórter da ESPN é assediada em estádio e torcedor do Flamengo é detido. 08/09/2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/esportes/2022/09/5035337-reporter-da-espn-e-assediada-em-estadio-e-torcedor-do-flamengo-e-detido.html>. Acesso em: 25 set. 2023.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, nov. 2006 / fev. 2007.

DELGADO, M. G. **Curso de direito do trabalho**. 16. ed. São Paulo: LTr, 2017.

DIAS, S. O assédio moral e suas novas formas. **Gestae**: Instituto de Pesquisa, Ensino e Saúde Mental. São Paulo, 2019. Disponível em: [http://gestae.org.br/assets/files/ASSEDIO\\_MORAL\\_E\\_SUAS\\_NOVAS\\_FORMAS.pdf](http://gestae.org.br/assets/files/ASSEDIO_MORAL_E_SUAS_NOVAS_FORMAS.pdf).

DINIZ, M. H. **Dicionário Jurídico**. São Paulo: Saraiva, 1998.

ECOTEN, M. C. R.; CORSETTI, B. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. **Fazendo Gênero**, v. 9, 2010. Disponível em: [https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277985619\\_ARQUIVO\\_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL\\_FAZENDOGENERO.pdf](https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277985619_ARQUIVO_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL_FAZENDOGENERO.pdf).

FAGUNDES, A. F. A. 2013. **Um Modelo dos Fatores que influenciam a satisfação dos torcedores na ida aos estádios de futebol no Brasil e sua intenção de retorno**. Tese (Doutorado em administração) — Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração, Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG. 2013.

FALEIROS, E. Violência de gênero. *In*: TAQUETTE, S. R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 61-66, 2007.

FERREIRA, A. B. *In*: Novo dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 1496, 1975. Disponível em: [http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.phpn\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=1826](http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.phpn_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1826).

FERREIRA, F. C. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, M. S. *et al.* A Mulher no Mercado de Trabalho e o Assédio Sexual. **Revista Acadêmica Integra/Ação**, p. 190-199, [s. l], jun. 2017. ISSN 2594-4878. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/integraacao/article/view/537>. Acesso em: 01 set. 2022.

FERREIRA, E. A. S; SILVA, L. P. O futebol e o “novo” Mineirão com atrações turísticas de Belo Horizonte-MG. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 57-80, 2019.

FIRMINO, F. H; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

FREITAS, M. E. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **RAE - Revista de Administração de Empresas**. v. 41, n. 2, p. 8-19, abr./jun. São Paulo, 2001.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Bookman. Companhia Editora, 2004.

GARRIGA, J. **El Aguante: Prácticas Violentas e Identidades de Género Masculino en un grupo de simpatizantes del fútbol argentino**. Tesis de Licenciatura en Antropología social — UBA, Facultad de Filosofía y Letras, 2001.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC,1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIFFIN, K. Gender Violence, Sexuality and Health. **Cad. Saúde Públ**, v. 10, p. 146-155, Rio de Janeiro, 1994.

GLOBO ESPORTE. Torcedoras de Botafogo e Vasco relatam assédio sexual nos estádios. 27/09/2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2023/09/27/torcedoras-de-botafogo-e-vasco-relatam-assedio-sexual-nos-estadios.ghtml>. Acesso em: 28 set. 2023.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp**, v. 19, n. 2, p. 143-151, São Paulo, abr./jun. 2005.

GOELLNER, S. V. A primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA é brasileira. **Ludopédio**, v. 67, n. 8, São Paulo, 2015.

GOELLNER, S. V. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n. 13, p. 99-112, São Paulo, 2021.

GOELLNER, S. V; VOTRE, S. J; MOURÃO, L; FIGUEIRA, M. L. M. **Gênero e raça: inclusão no esporte e no lazer**. Porto Alegre: Ministério do Esporte e UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. Lazer – Concepções. *In*: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, L. C. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte: UFMG, p. 3-20, jan./abr. 2014.

HELAL, R; SOARES, A. J. G; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **ESTATÍSTICAS DE GÊNERO: Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: **IBGE**, 2018.

LACERDA, M. S.; TRINDADE, F.T. Estádio de Futebol: “Âncora” Social do País do Futebol?. *Arquitetura e Urbanismo.* Manhuaçu, Minas Gerais: Centro Universitário UNIFACIG, 2021.

LAGES, C. E. D. M; SILVA, S. R. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **Licere (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online)**, v. 15, p. 1-13, 2012.

LOPES, A.M.R. 2018. **A Relação das torcedoras do clube Atlético Mineiro com o clube e com a arena independência.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Lazer) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

LOPES, F. T. P; CORDEIRO, M. P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 104, p- 75-83, 2010.

MACIEL JÚNIOR, M. L. 2023. **O futebol para sócios torcedores: Análises sobre um jogo mercantilizado.** 2023. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) — Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

MALHANO, C. E. S. M. B; MALHANO, H. B. **Memória social dos esportes: São Januário - arquitetura e história.** Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2002.

MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, v. 10, n. 17, p. 142-170, Rio Claro, 2013.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação.** 17. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MATTA, R. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MAY, T. *Pesquisa Social: Questões métodos e processos.* 3. ed. São Paulo: Artmed Editora, 2004.

MENDES, B. G. Muito além da jabulani: o futebol e a violência contra as mulheres. Belo Horizonte: **Ludopédio**, 2016. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/muito-alem-da-jabulani-o-futebole-asviolencias-contra-as-mulheres/>.

MENDES, J. S; OLIVEIRA, E.V. Assédio sexual e as desigualdades patriarcais de gênero no ambiente de trabalho. **Dialogus**, v.10, n.1, p. 49-65, 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOMM, S; TERRA, M. F; TRAVASSOS, L; FERNANDES, B. S; CHAVES, I. M. S. Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 15, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.015.e20210384> Acesso em 23 set. 2023.

MOREIRA, M. V. **Trofeos de guerra y hombres de honor**. [s. l]: Hinchadas, p. 75-89, 2005.

MOREIRA, M. V. Una mujer en campo masculino y la identificación de género en el proceso de producción del conocimiento antropológico. **Ponencia en IV Jornadas sobre Etnografía y Métodos Cualitativos**, Buenos Aires, 2004.

MORAES, T; MARRA, A. V; SOUZA, M. M. P. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 54, n. 1, p. 49-59, 2018.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *In*: TRIVIÑOS, A. N. S.; NETO, V. M; GIL, J. M. S; HERNÁNDEZ, F; NEGRINE, A; MOLINA, R. M. K. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora: Sulina, 2004.

NETO SOUZA, G. J. 2010. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. Dissertação (Mestrado em Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

NICÁCIO, L.G. **O torcer no futebol como possibilidade de lazer e a educação física escolar**. Minas Gerais: GEFUT, UFMG, 2010.

PACHECO, L. T; SILVA, S. R. **Mulheres e Jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino**. Revista estudos feministas, v. 28, n. 3, Florianópolis, p. 1-14, 2019.

PACHECO, L. T; DANTAS, M. M; SOUZA, A. L; SILVA, S. R. Comida de estádio: reflexões sobre o “tropeirão” e a sociabilidade no “novo Mineirão”. **Movimento (Porto Alegre)**, v. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.98224> Acesso em 22 mai. 2022

PALHARES, M.F.S; SCHWARTZ, G.M. **Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015. ISBN 978-85-7983-742-5.

PINHEIRO, M. R. D.; CAMINHA, I. O. Assédio Sexual em mulheres praticantes de musculação: Impactos no seu cotidiano. **Interface**, v. 25, Botucatu, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2021.v25/e200819/pt>. Acesso em 14 mar. 2023

PINTO, M. R. 2017. **Pelo direito de torcer**: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências) — Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2017.

PESSANHA, N. F. **Arquibancada feminina**: Relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro. 2020. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

QUEIROZ, F. P.; SILVA, S.R. Lazer, Economia e Futebol: As mudanças na precificação do ingresso no estádio do Mineirão entre 1994-2018. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 8, n. 2, p.76-93, Belo Horizonte, mai./ago., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/24978/28074> Acesso em 22 mai 2022.

REZENDE, F. H. F; SALDANHA, R. M; SILVA, S. R. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. **Ludopédio**, v. 169, n. 7, São Paulo, 2023. Acesso em 27 set 2023.

RINALDI, W. Futebol: Manifestação cultural e ideologização. **Revista da educação física/UEM**, v. 11, n. 1, p. 168-172, Maringá, 2000.

ROSSEGALLI, I. H. Crime de estupro à luz do Código Penal brasileiro. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 13 set 2023. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/63045/crime-de-estupro-luz-do-codigo-penal-brasileiro>. Acesso em: 10 out. 2023.

RUBIM, L; ARGOLO, F. (org.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018.

SALLES, C. A. S; ROCCO JUNIOR, A. J. Ser ou pertencer: o grande dilema do torcedor organizado de futebol nas redes sociais. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**: Teccogs, jul./dez. p. 50-69, 2013. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao\\_8/4-ser\\_pertencer-grande\\_dilema\\_torcedor\\_organizado\\_futebol\\_redes\\_sociais-ary\\_jose\\_rocco-carlos\\_affonso\\_sartore\\_salles.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_8/4-ser_pertencer-grande_dilema_torcedor_organizado_futebol_redes_sociais-ary_jose_rocco-carlos_affonso_sartore_salles.pdf). Acesso em: 27 set. 2023.

SANTANA, T. J. S. 2018. **O clube no coração e/ou no bolso**: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor. Mestrado (Dissertação em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Minas Gerais, 2016.

SANTOS, A. C. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do torcedor mineiro. **Lecturas: Educación física y deportes. Revista Digital**, v. 10, n. 86, Buenos Aires. jul. 2005. Disponível em: <https://efdeportes.com/efd87/minerao.htm> Acesso em 20 set. 2023.

SANTOS, M.H.C.; PACHECO, J.P.R. Representações sociais da mulher torcedora no consumo do esporte mais popular do Brasil. CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS, 13, São Paulo. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de

Pesquisadores de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas (Abrapcorp), 2019.

SANTOS, F. P. 2020. **O Direito e a arquibancada**: o Estatuto do torcedor e a insegurança jurídica da mulher enquanto torcedora. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) — Instituto de Ciências da Sociedade de Macaé, Universidade Federal Fluminense, 2020.

SCHETINO, A. M. 2014. **Os gigantes e as multidões**: Estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965). Tese (Doutorado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

SILVA, S. R; MOREIRA, V; LOPES, F. T. P. Torcedores e torcidas: história, gênero e outras formas de torcer. **FuLiA/UFMG [revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes]**, v. 7, n. 2, p. 4–7, [s. ], 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/41466>. Acesso em: 03 set. 2023.

SILVA, T. F. **O futebol no interior de Minas Gerais**: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, M. D. S. Desafios à emancipação feminina num contexto de vulnerabilidades sociais. **Conteúdo Jurídico**, Brasília-DF: 10 out 2023. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/63389/desafios-emancipao-feminina-num-contexto-de-vulnerabilidades-sociais> Acesso em: 15 out. 2023.

SOBRINHO CORREIA, J; CÉSAR, I. H. Torcidas organizadas de futebol: Metamorfoses de um fenômeno de massa. **Revista Eletrônica Inter-Legere**, n. 3, p. 1-9, 2008.

TEIXEIRA, I.O; SILVA, M.A.R.O preconceito de gênero no futebol brasileiro pela ótica do The New York Times. **Temática**, UFPB, jun. 2018.

TERRA, M. F; D'Oliveira, A. F. P. L; SCHRAIBER, L. B. Medo e vergonha como barreiras para superar a violência doméstica de gênero. **Athenea Digital**, v. 15, n. 3, p. 109-125, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1538> Acesso em 10 set. 2023.

ZANETTI, R. **E-Book: Assédio Moral no Trabalho**. Brasília: Conteúdo Jurídico, 10 mar. 2014. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=5.22743&seo=1>. Acesso em: 23 fev. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO GOOGLE FORMS

#### **ASSÉDIO NO ESTÁDIO DE FUTEBOL: Implicações no lazer das torcedoras**

Pesquisa para Dissertação de Mestrado a ser apresentada em novembro de 2023 ao curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Pesquisadora: Amanda Maria Ramos Lopes

Orientador: Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva

Co-orientadora: Marina de Mattos Dantas

Questionário Socioeconômico:

- 1) Qual sua faixa etária?
  - a) 18-24
  - b) 25-30
  - c) 31- 36
  - d) 37-42
  - e) 43-48
  - f) 49-54
  - g) 55-60
  - h) mais de 60
  
- 2) Em relação a cor da pele, você se considera:
  - a) Branco
  - b) Pardo
  - c) Preto
  - d) Amarelo (oriental)
  - e) Indígena



2) Região de BH onde mora:

- a) Noroeste
- b) Nordeste
- c) Oeste
- d) Leste
- e) Centro-sul
- f) Venda Nova
- g) Pampulha
- h) Barreiro
- i) Outra cidade. Qual:

3) Qual sua escolaridade?

- a) Ensino Fundamental Incompleto
- b) Ensino Fundamental Completo
- c) Ensino Médio Incompleto
- d) Ensino Médio Completo
- e) Ensino Superior Incompleto
- f) Ensino Superior Completo
- g) Pós-graduação

4) Qual sua renda mensal média ou da sua residência?

- a) 0 a 1 salário mínimo
- b) 1 a 5 salários mínimos
- c) 5 a 10 salários mínimos
- d) mais de 10 salários mínimos

Questionário - Torcedora:

5) Para qual time você torce?

- 6) Já foi a alguma partida de futebol no Mineirão? (Sim, continuava; Não, questionário encerrava)
  
- 7) Quando vai ao jogo, você vai acompanhada?
  
- 8) Se sim, com quem?
  
- 9) O que você entende por assédio?
  
- 10) Você já presenciou algum caso de assédio no estádio Mineirão em dias de jogos?
  
- 11) Você já foi vítima de assédio no estádio do Mineirão em dias de jogos?
  
- 12) Se sim, a violência sofrida se encaixa em qual dos tipos abaixo (tendo em vista os conceitos explicitados abaixo):
  - a) Assédio Moral (constrangimentos, intimidações e humilhações)
  - b) Assédio Verbal
  - c) Assédio Sexual
  - d) Outros
  
- 13) Qual espaço do estádio o assédio ocorreu? (Como esplanada, arquibancada, bares internos, bares externos, outros)
  
- 14) Em qual setor do estádio o assédio ocorreu?

- a) Laranja Inferior
- b) Laranja Superior
- c) Vermelho Superior
- d) Vermelho Inferior
- e) Amarelo Inferior
- f) Amarelo Superior
- g) Roxo Inferior
- h) Roxo Superior
- i) Não lembro

15) Você estava acompanhada quando aconteceu? Se sim, por quem?

16) Caso se sinta à vontade para responder, qual foi sua reação ao sofrer o assédio?

17) Você deixou de frequentar o estádio por causa do assédio?

- a) Sim
- b) Não

Questionário – Entrevista:

Descrição: "As entrevistas são métodos que possibilitam a interação social"(GIL, 2002). Além disso, "as entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas" (MAY, 2004, p.145). Portanto, para que eu possa entender melhor os impactos do assédio sexual no estádio para a torcedora, gostaria de marcar uma entrevista sem

a utilização do seu nome nem imagem, apenas com as informações que contribuam com o objetivo da pesquisa para fins acadêmicos.

18) Você gostaria de participar da entrevista?

a) Sim (Seguia para a questão 19)

b) Não (Encerrava o questionário)

19) Deixe seu número de celular com *whatsapp* para que eu possa entrar em contato para marcar a entrevista:

20) Obrigada pela participação!

Sua resposta é muito importante.

## APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### **Contextualização da pesquisa - Amanda**

**Situação da pesquisa:** seleção das entrevistadas (ter confirmado que já sofreu assédio e ter concordado em participar)

**Objetivo da Pesquisa:** o objetivo de analisar como aconteceram casos de assédio com mulheres nos jogos de futebol no estádio Mineirão a partir da percepção das próprias torcedoras e compreender como esta violência impacta a vivência do lazer das mesmas

**Objetivo da entrevista:** entender como ocorreram o(s) caso(s) de assédio, quais foram suas consequências e o que foi feito sobre isso.

Autorização participação e gravação (leitura do termo) - Roteiro da entrevista:

- 1) Após o episódio, a sua relação com o futebol mudou?
- 2) Por que você deixou de frequentar o estádio ou o que te motiva a continuar frequentando os estádios?

- 3) Conta-nos um pouco sobre como foi o assédio sofrido? (contexto, quando, onde, tipo, com quem estava)
- 4) O que você fez após sofrer a violência? (atitude tomada) Sua atitude surtiu algum efeito?
- 5) Para você, o que é possível mudar na realidade dos estádios?
- 6) Você gostaria de acrescentar algo?

## APÊNDICE C - TERMOS DE CONSENTIMENTO

Termo – Questionário

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa **“Assédio no estádio de futebol: Implicações no lazer das torcedoras”**. O presente estudo tem o objetivo de analisar como aconteceram casos de assédio com mulheres nos jogos de futebol no estádio Mineirão a partir da percepção das próprias torcedoras e compreender como esta violência impacta a vivência do lazer das mesmas. Para tal, busca-se coletar dados atualizados sobre a vivência das torcedoras no espaço do estádio por meio deste questionário. Com relação aos riscos, essa pesquisa oferece riscos moderados, podendo gerar cansaço ao participante, ou em caso de constrangimento ao responder alguma questão o mesmo terá total liberdade para não responder ou interromper o questionário quando e como quiser, sem qualquer tipo de prejuízo. Além disso, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar/cancelar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Em caso de danos ao participante, a pesquisadora se responsabiliza por garantir indenização adequada e a exclusão do material coletado.

A sua participação é anônima e a pesquisadora se compromete que não há divulgação de informações pessoais e momento algum. Conforme explicitado anteriormente, os pesquisadores assumem o dever de tornar público os resultados deste estudo e reitera a sua disponibilidade na prestação de esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. A pesquisadora se disponibiliza através do endereço da

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG ou pelo e-mail amandalopes9797@gmail.com ou pelo número (31) 987912097.

( ) Estou ciente dos objetivos da pesquisa “Assédio no estádio de futebol: Implicações no lazer das torcedoras” e declaro que concordo em participar desta pesquisa.

( ) Não estou ciente e não quero participar desta pesquisa.

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

Contato telefônico: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Responsável pela pesquisa:**  
**Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva**

Termo – Entrevista

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidada a participar da entrevista para a pesquisa “**Assédio no estádio de futebol: Implicações no lazer das torcedoras**”. O presente estudo tem o objetivo de analisar como aconteceram casos de assédio com mulheres nos jogos de futebol no estádio Mineirão a partir da percepção das próprias torcedoras e compreender como esta violência impacta a vivência do lazer das mesmas. Após a sua afirmativa no questionário, você foi selecionada para a realização desta entrevista que visa entender como ocorreram o(s) caso(s) de assédio, quais foram suas consequências e o que foi feito sobre isso. Sua participação é voluntária e, portanto, você pode se recusar a responder qualquer questão que traga constrangimento e pode desistir em qualquer momento da entrevista. Com relação aos riscos, essa pesquisa oferece riscos moderados, podendo gerar cansaço ao participante, ou em caso de constrangimento ao

responder alguma questão o mesmo terá total liberdade para não responder ou interromper o questionário quando e como quiser, sem qualquer tipo de prejuízo. Além disso, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar/cancelar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Em caso de danos ao participante, a pesquisadora se responsabiliza por garantir indenização adequada e a exclusão do material coletado.

O áudio da entrevista será gravado mediante a sua autorização no próximo termo e posteriormente transcrito e utilizado somente para fins acadêmicos na pesquisa. Os dados coletados serão armazenados no arquivo do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas da UFMG e terão validade de um ano sendo posteriormente excluídos.

A entrevista é **anônima**, portanto, a pesquisadora assume o dever de não divulgar informações pessoais ou que possibilitem a identificação da entrevistada. A pesquisadora se disponibiliza através do endereço da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Av. Presidente Carlos Luz, 4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG ou pelo e-mail amandalopes9797@gmail.com ou pelo número (31) 987912097.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 31 34094592.

**Declaração:**

Declaro que li o documento e aceito participar do estudo:

( ) Sim

( ) Não

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

Contato telefônico: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Responsável pela pesquisa:**

**Amanda Maria Ramos Lopes**

**Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva**

Termo - Gravação da Entrevista

### **TERMO DE CONSENTIMENTO DE GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA**

Após concordar em participar da entrevista, salienta-se que o material coletado será armazenado por meio de gravações do áudio da entrevista para possibilitar posterior transcrição. Esses áudios terão finalidade exclusivamente acadêmica na pesquisa e serão armazenados no arquivo do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas da UFMG com validade de um ano, sendo posteriormente excluídos.

Além disso, você tem garantido o direito de não aceitar participar ou de retirar/cancelar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Em caso de danos ao participante, a pesquisadora se responsabiliza por garantir indenização adequada e a exclusão do material coletado. A entrevista é **anônima**, portanto, a pesquisadora assume o dever de não divulgar informações pessoais ou que possibilitem a identificação da entrevistada. A pesquisadora se disponibiliza através do endereço da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Av. Presidente Carlos Luz,



4664/Campus UFMG, Pampulha, Belo Horizonte/MG ou pelo e-mail amandalopes9797@gmail.com ou pelo número (31) 987912097.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 31 34094592.

Você permite a gravação do áudio da entrevista:

( ) Sim

( ) Não

Nome do (a) participante: \_\_\_\_\_

Contato telefônico: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Responsável pela pesquisa:**

**Amanda Maria Ramos Lopes**

**Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva**